

WELLINGTON PEDROSA QUINTINO

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ASPECTOS DA FONOLOGIA XAVANTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto de Estudos da Linguagem

2000



947.476
2000 14 476

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	1/Unicamp
	9.46.22
V.	Ex.
TOMBO BC/	43078
PROC.	16.278100
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	14/11/00
N.º CPD	

CM-00153692-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Q46a	Quintino, Wellington Pedrosa Aspectos da fonologia xavante / Wellington Pedrosa Quintino. -- Campinas, SP: [s.n.], 2000. Orientador: Angel Humberto Corbera Mori Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Línguas indígenas – Fonologia. 2. Línguas jê. 3. Língua xavante. I. Corbera Mori, Angel Humberto. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
------	--

WELLINGTON PEDROSA QUINTINO

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ASPECTOS DA FONOLOGIA XAVANTE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto de Estudos da Linguagem

2000

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Wellington Pedrosa

Quintino

e aprovada pela Comissão Julgadora em

04 / 10 / 2000.

Aracy G. Almeida

WELLINGTON PEDROSA QUINTINO

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori - Orientador

Profª. Drª. Maria Bernadete Marques Abaurre

Prof. Dr. Éric Fernandez Hernandez

Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari - Suplente

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

*A todos os amigos Xavante de Tanguro e Caçula, especialmente à
comunidade de Etênheritipa (Pimentel Barbosa).*

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Angel Humberto Corbera Mori, meu orientador, pela dedicação, disponibilidade e paciência que sempre teve comigo.

Às Professoras Maria Bernadete Marques Abaurre e Lucy Seki, por terem contribuído na minha formação acadêmica e pelas críticas e comentários na qualificação desse trabalho.

Aos Professores Éric Fernandez Hernandez e Luiz Carlos Cagliari por terem contribuído na minha formação acadêmica para que eu pudesse desenvolver alguns aspectos desse trabalho.

A todos os professores do mestrado que contribuíram de uma forma ou de outra para minha formação acadêmica, logo, para realização desse trabalho.

Ao amigo Andrés, muitíssimo obrigado, por todos os comentários, todas as discussões e todo o interesse demonstrado pelo meu trabalho.

Aos amigos Frantomé e Vitória pelas valiosas conversas e a todos os amigos do mestrado de Campinas a Cáceres.

À toda a minha família que mesmo distante, tenho certeza, sempre acreditou em mim.

Ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

Ao Departamento de Letras da UNEMAT.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

SUMÁRIO

Capítulo 1 - O POVO E A LÍNGUA XAVANTE – INTRODUÇÃO	01
1.1. Breve histórico do povo Xavante	01
1.2. Classificação Lingüística	04
1.2.1. A língua Xavante	04
1.3. O contato com os Xavante	08
1.4. Objetivos	13
Capítulo 2 – FONÉTICA DA LÍNGUA XAVANTE	15
2.1 . Descrição fonética dos segmentos	15
2.1.1. Fones consonantais	15
2.1.2. Quadro dos fones consonantais	16
2.1.3. Distribuição e descrição dos fones consonantais	17
2.1.3.1. Oclusivas	17
2.1.3.2. Nasais	20
2.1.3.3. Tepe	22
2.1.3.4. Fricativas	23
2.1.3.5. Africadas	25
2.1.3.6. Glides	25
2.2. Fones vocálicos	27
2.2.1. Quadro dos fones vocálicos	27
2.2.2. Distribuição e descrição dos fones vocálicos	28
2.3. Análise fonêmica	36

2.3.1 Fonemas consonantais	36
2.3.1.1 Contraste em Ambientes idênticos e Análogos	37
2.3.1.2. Distribuição Complementar	39
2.3.1.3. Variação livre	44
2.3.2. Fonemas vocálicos	49
2.3.2.1. Contraste	50
2.3.2.2. Variação livre	52
2.4. Os tipos silábicos em Xavante	53
2.5. A estrutura da sílaba	56
2.6. Molde da sílaba em Xavante	57
2.7. Fronteira silábica	59
2.8. A silabificação em Xavante	62
2.8.1. Restrição de Onset	64
2.8.2. Restrição de Coda	68
2.9. O acento	71
Capítulo 3-PROCESSOS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA XAVANTE	73
3.1. Classe Natural	74
3.2. Assimilação	83
3.3. Glides	93
3.3.1. Glide labial [w]	95
3.3.2. Glide palatal [j]	96
3.4. A nasalidade em Xavante	101
3.5. Segmentos longos	103

CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	116

ABREVIACÕES, SIGLAS E SÍMBOLOS UTILIZADOS:

: fronteira de palavra

(): opcionalidade

: : acento primário

∩ : acento secundário

σ: estrutura silábica

*: estrutura não aceitável

. : fronteira silábica

// : representação fonológica

[] : representação fonética

< > : representação gráfica

~ : alternância fonética ou fonológica

‘ ’ : tradução livre

=> : passa a ...

1pp : 1ª pessoa plural

1ps : 1ª pessoa singular

2pp : 2ª pessoa plural

3ps : 3ª pessoa singular

C: consoante

C.ep.: consoante epentética

CAA: Contraste em Ambiente Análogo

CAI: Contraste em Ambiente Idêntico

Co: Coda

CO: Cavidade Oral

PC: Ponto de Consoante

PV: Ponto de Vogal

fut.: futuro

interr : interrogação

mod. : modo

N: Núcleo

Nom.: nominativo
neg. : negação
O: Onset
X: posição / unidade de tempo
PCO: Princípio do Contorno Obrigatório
pass. : passado
poss.: possessivo
pres. : presente
pro: pronome
P.rel.: prefixo relacional
quantif. : quantificador
r : raiz
R: Rima
V: vogal
O : zero (nulo)
CO: Cavidade Oral
Voc: Vocálico
LAR: Laríngeo
Abert: Abertura

RESUMO

Esse estudo representa uma análise preliminar da fonologia da língua Xavante, a partir dos dados por nós coletados, em visitas esporádicas entre 01/96 e 10/98, sobre a variante falada na terra Indígena Xavante Pimentel Barbosa, localizada ao nordeste do estado de Mato Grosso, locus da nossa pesquisa. O Corpus consta basicamente de gravações e transcrições de narrativas Xavante, além do *Formulário dos Vocabulários Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas*, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, mais anotações de cadernos de campo.

Os dados são dispostos e analisados em três momentos: primeiro, na análise fonética, fazemos uma descrição e distribuição de todos os segmentos consonantais e vocálicos encontrados no Corpus. Em seguida, sob a ótica da fonêmica, (Pike, 1947), evidenciamos os fonemas da língua mostrando que segmentos estão em contraste, distribuição complementar ou variação livre. Analisamos também a estrutura silábica Xavante uma vez que processos fonológicos importantes acontecem nesse nível. Num terceiro momento, apresentamos uma análise preliminar de alguns processos de assimilação, tratados como espalhamento de traços (Clements e Hume, 1995), que ocorrem no nível da sílaba, tais como assimilação e nasalidade.

Esse estudo também objetiva subsidiar as discussões sobre a ortografia Xavante uma vez que este explicita processos fonológicos não tratados na bibliografia existente sobre a língua e que, a nosso ver, são relevantes para qualquer discussão sobre a ortografia dessa língua.

PALAVRAS CHAVES

1. Línguas Indígenas – Fonologia

2. Línguas Jê

3. Língua Xavante

CAPÍTULO 1 - O POVO E A LÍNGUA XAVANTE

1.1. BREVE HISTÓRICO DO POVO XAVANTE

As primeiras notícias dos Xavante estão em documentos coloniais e datam do final do Sec. XVIII . Segundo Silva (1998:362) e Lewis (1974:1) os Xavante, assim como os Xerente, estavam originalmente localizados no Brasil Central, ao nordeste de Goiás, o que é hoje o atual estado de Tocantins. Hoje no entanto não temos conhecimento de nenhuma aldeia Xavante localizada nessa região. Na verdade, toda a nação Xavante de acordo com nossas pesquisas de campo e visitas às várias reservas, está localizada na região nordeste do estado de Mato Grosso (cf. mapa em anexo), o que mostra a migração dos Xavante para a atual região.

O mito Xavante *Wahirada* relata a separação entre o que os Xavante acreditavam ser um povo único e datam essa divisão entre os grupos (Xavante e Xerente) como correspondendo ao período em que cruzaram o Rio Araguaia. Segundo Lewis (op.cit.) essa separação ocorreu ainda na primeira metade do século XIX, por volta de 1840. Ravagnani (1978:132) entretanto afirma que essa separação ocorreu mesmo antes do período chamado de *Entradas e Bandeiras*, período que marca a marcha dos bandeirantes de São Paulo para o centro-oeste do país, não tendo estes influenciado nessa separação. Silva (1998:364) traz informações mais detalhadas. Como sugere Ravagnani (op.cit) o grupo que cruzou o Araguaia, referindo-se aos Xavante em oposição aos Xerente, que permaneceram do lado leste do Médio Araguaia, era formado por sua vez por um grupo de facções que se juntou momentaneamente para aumentar as chances de conquista do novo território. Instalaram-se,

inicialmente, na região do Rio das Mortes, Serra do Roncador, na região nordeste do estado de Mato Grosso.

Embora se apresentem como Xavante para os não índios, *A`uwê uptabi* é como eles se autodenominam, o que significa povo verdadeiro. *A`uwê* significa gente. *A`uwê prãire* (mais ou menos gente<sup>1</sup>) é usado para designar outras etnias indígenas em oposição a *Warazu* que quer dizer não indígena. Essa forma de nomeação como *A`uwê*, é comum em autodenominações de outros povos Jê, assim como os Karajá que se autodenominam *Inã*, o que significa Karajá e/ou gente, povo.

O termo Xavante era usado por não índios para designar não apenas os Xavante mas todos os indígenas do Brasil Central. A origem desse nome (cf. Lewis 1974:2 e Nimuendajú 1942:3-4) é desconhecida.

Após uma série de cisões internas ao grupo e conflitos externos com os Bororo, Karajá e não índios, os Xavante fundaram a grande Aldeia *Sõrepré*, de onde mais tarde, segundo a versão do líder Xavante *Warodi* (in Graham 1995:31), dividiram-se em três grupos. Um grupo moveu-se para o norte e oeste, em direção ao Rio Suiá Missu, um outro para o oeste em direção à cabeceira do Rio Couto Magalhães, onde fundou a aldeia *Parabubure*. Um terceiro grupo permaneceu na Área da antiga Aldeia *Sõrepré*, onde fundou a Aldeia Pimentel Barbosa, *Etênheritipa* em Xavante e ocupam ainda hoje, com grande orgulho, segundo relato de suas lideranças, a mesma área de seus ancestrais Xavante.

Atualmente o povo Xavante divide-se em seis grandes territórios (ver o mapa em anexo), a saber: Marechal Rondon; Parabubure, Kuluene e Couto Magalhães; Sangradouro;

¹ Os Xavante usam o termo *a`uwê uptabi* para designar sua própria etnia, que significa gente de verdade, enquanto usam *a`uwê prã ire* (gente mais ou menos) para designar outras etnias indígenas.

São Marcos; Areões e Pimentel Barbosa, sendo Pimentel Barbosa o foco da nossa observação direta e onde aconteceu a coleta dos dados lingüísticos.

Estimativas de 1980, segundo Silva (op.cit), apontavam para um total de 16 aldeias e uma população de 3405 índios. O setor de saúde da FUNAI estimava entre 1984 e 1985 uma população já de 4834, distribuídos em 35 aldeias. Em 1987, estimativas da FUNAI registravam uma população de 6000 índios em 50 aldeias. Embora não apresente dados populacionais, Benjamim Xavante (cf.Graham,1995:54) sugeriu que já em 1990 há um total de 78 aldeias.

De acordo com dados da FUNAI, os Xavante são uma das nações indígenas que apresentou um crescimento populacional surpreendente como reação ao contato com o não-índio. Atualmente as estatísticas feitas pelo setor de saúde da FUNAI apontam para uma população de mais de nove mil índios que habitam o Brasil central, restringindo-se hoje à região nordeste do estado de Mato Grosso.

Esse crescimento populacional, bem como o aumento no número de aldeias, demonstra, a nosso ver, uma das formas que o povo Xavante encontrou de resistir ao contato, aliada a um forte desejo de auto-afirmação étnica evidenciada em todas as suas ações tradicionais da cultura e em novos projetos para o desenvolvimento da comunidade.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

1.2. CLASSIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA

1.2.1. A LÍNGUA XAVANTE

Segundo Rodrigues (1999:167), o Xavante em Mato Grosso assim como o Xerente em Goiás e o Xakriabá (não mais falado) em Minas Gerais, são línguas do grupo Akuen, pertencentes à família Jê do tronco lingüístico Macro-Jê. Xavante e Xerente constituem o ramo central dessa família lingüística. Conforme Rodrigues (op. cit), as famílias que constituem o tronco Jê estão relacionadas como segue:

<u>Famílias do Tronco Macro-Jê</u>	
Família Bororo	(Bororo, Umutina)
Família Botocudo	(Krenák, Nakrehé)
Família Karajá	(Javaé, Karajá, Xambioá)
Família Maxakalí	(Maxakalí, Pataxó, Pataxó Hãhãhãe)
<u>Família Jê</u>	(Ver quadro abaixo)
Outras línguas:	Guató, Ofayé, Rikbáktsa, Yatê (Fulniô)

Ainda segundo Rodrigues (op. cit.:167), as línguas que constituem a família Jê são relacionadas como segue:

Línguas da Família Jê

Akwén (Akwē)

Xakriabá (Xikriabá)

Xavante (A'wē)

Xerente (Akwē)

Apinayé

Kaingang

Mebengokre

Xikrĩ (Xikrín)

Kayapó

Gorotíre

Kararaô

Kokraimôro

Kubenkrangnotí

Kubenkrankêgn

Mekrangnotí

Mētùktíre (Txukahamãe)

Paraná

Suyá

Tapayúna

Timbira

Canela Apâniekra

Canela Ramkókamekra

Gavião do Pará (Parakateye)

Gavião do Maranhão (Pukobyé)

Krahô

Kreyé (Krenjé)

Krikati (Křikati)

Xokleng

Durante a revisão bibliográfica tivemos a oportunidade de conhecer um material relativamente vasto produzido anteriormente sobre os Xavante. A maior parte desse material consiste de narrativas de mitos, textos literários ou lista de vocábulos, (McLeod, 1960a, 1960b, 1960c; Lewis, 1974; Mitchell, 1976 e Graham, 1995) além de coletâneas das conhecidas 'histórias' produzidas por missionários salesianos com assessoria de lingüistas do SIL². Chamamos atenção aqui para o número de falantes na época em que foram feitas as primeiras análises sobre a fonologia Xavante (ver McLeod e Mitchell op.cit.) que era em torno de 2.000, enquanto hoje, somam-se aproximadamente 10000 índios. Esse aumento populacional em nossa opinião, pode ter contribuído para o surgimento de novas variantes na língua.

Do ponto de vista lingüístico foram feitas algumas análises preliminares gerais sobre a gramática Xavante (McLeod, 1960d-e, 1961b; Hall, 1961; McLeod & Mitchell, 1978 e Lachinitt, 1988). Esses trabalhos são descrições mais gerais da gramática Xavante, com um aprofundamento maior em um tópico ou outro.

Mais especificamente na área da fonologia, que nos interessa, os trabalhos mais relevantes sobre o Xavante estão em descrições preliminares sobre a fonêmica da língua, (McLeod, 1961a, 1974; McLeod & Mitchell, 1978) e em trabalhos mais específicos que trazem para discussão determinados aspectos fonológicos do Xavante. É o caso do trabalho de Burgess (1961, 1971), que apresenta duas análises da sílaba em Xavante.

McLeod (op.cit.) propõe uma análise da fonêmica Xavante com base em dados de informantes homens e mulheres do posto indígena Xavante Simões Lopes, na década de 50

² Summer Institute of Linguistics, atual Sociedade Internacional de Lingüística.

aproximadamente, e Burgess (op. cit), em ambos os trabalhos, analisa os dados dos mesmos informantes.

Observamos que as diferenças entre a fala do homem e a da mulher são principalmente de ordem lexical. Assim, o pronome interrogativo *que*, na fala dos homens é [e-mẽĩ] e na fala das mulheres [e-tiʎa], sendo as diferenças marcadas no léxico por formas completamente diferentes. Acontecem também diferenças no nível fonético como por exemplo no advérbio *não*, [mẽ.re.di], de uso masculino e [mẽ.ze.di], de uso feminino, quando a opção por uma forma ou outra diz respeito a uma *variação alofônica* no que diz respeito ao gênero.

Levando-se em consideração a fala dos informantes utilizada para o registro dos dados analisados por McLeod e Burgess (op.cit.), e tendo em vista a época em que foram feitas essas gravações, advertimos para o fato de que, ao confrontar seus dados com os nossos, algumas diferenças surgiram, acreditamos que por vezes em decorrência da fala masculina que utilizamos em nosso Corpus, por vezes em decorrência de modificações na fala da geração atual que poderiam ser tomadas como indícios de uma mudança em progresso ou ainda em decorrência direta de uma provável variação dialetal entre esses grupos diferentes de informantes.

1.3. O CONTATO COM OS XAVANTE

Nosso primeiro contato com os Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa (Etênhiritipa), locus da nossa pesquisa, aconteceu em novembro de 1995 e se deu através de um convite feito à UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso, para participação em um projeto de Educação Escolar nessa comunidade. Esse projeto, financiado pelo UNICEF, solicitava então da Universidade um lingüista, um historiador e um pedagogo para trabalhar com um grupo de professores Xavante que se formava nesse momento. O objetivo do assessor de lingüística, expresso pelas lideranças das três aldeias que formam a reserva, era principalmente o de revisar a ortografia Xavante que se esperava ensinar para as crianças que, segundo relato dos professores, teriam ‘mais facilidade para aprender a escrever em Xavante do que em Português’, visto que a maioria das crianças são monolíngües. A ortografia utilizada em Xavante tinha como base o alfabeto proposto pelos missionários salesianos. Foi também objetivo do assessor lingüista alfabetizar, por assim dizer, esse grupo de professores Xavante que então buscava, em termos gerais, conhecer o registro escrito de sua língua e assim implementar de alguma forma suas escolas e produzir coletivamente um material na língua mais próximo de sua realidade para ser usado na alfabetização das crianças nessa comunidade.

‘Não queremos falar com sotaque de padre’ ouvimos do cacique Supto, da aldeia Etênhiritipa. Percebemos nessa fala que havia de fato um conflito já estabelecido entre os Xavante de Pimentel Barbosa e os missionários salesianos que historicamente têm assumido a ação educacional escolar em várias outras comunidades Xavante vizinhas onde ainda, segundo essa fala e em outras conversas informais com o grupo e relatos das próprias lideranças, os adolescentes na aldeia já não querem mais falar Xavante e, ao que parece, um

processo de destituição, ou seja, troca do referencial lingüístico, tem se desenvolvido. Nessas comunidades, onde a ação educacional salesiana foi mais forte, as crianças hoje já são bilingües, correndo o risco de se tornarem monolíngües em Português. Esse foi o quadro relatado pelos Xavante em nossa primeira reunião na aldeia sobre o projeto que eles propunham. Foi essa preocupação também que motivou as lideranças Xavante a propor essa parceria com a UNEMAT e o UNICEF, de forma que a própria comunidade, na figura de seus representantes mais legítimos, estivesse à frente dessa proposta de implementação da escola como uma forma de auto-afirmação étnica.

As aldeias envolvidas no projeto são Caçula, Tanguro e Pimentel Barbosa. O grupo no interior do qual coletamos, discutimos e confrontamos a maioria de nossos dados, era composto por seis professores entre 18 e 30 anos que foram escolhidos pela comunidade para ocupar esse posto e que atendiam ao principal critério solicitado, gostar de brincar com crianças. Era um grupo bastante heterogêneo quanto ao conhecimento formal da língua. Um apenas tinha estudado fora da aldeia e cursado até a oitava série do ensino regular nacional. Três haviam estudado com os salesianos o equivalente às primeiras séries do primeiro grau em aldeias vizinhas. E dois apresentavam um conhecimento muito restrito de língua escrita em Xavante e apenas noções de ortografia em língua portuguesa. Nunca haviam freqüentado uma escola antes e eram monolíngües.

Os professores Xavante das três aldeias ficaram com a tarefa de *ensinar-me sua língua*, por assim dizer. Atividade essa que parece ter envolvido toda a comunidade, uma vez que durante as visitas às casas na aldeia sempre havia alguém disposto a ensinar-me uma palavra nova, o que se repete ainda hoje, durante nossa estada na aldeia.

Esse contato prévio que se estendeu pelos anos de 1996 a 1998 e que somou, aproximadamente, um total de 11 meses e 10 dias de tempo em campo, possibilitou um

contato mais íntimo com a língua. Mais tarde, possibilitou o reconhecimento de algumas variantes da língua quer sejam da ordem de gênero, por exemplo a troca dos fones [z] por [r] dependendo da fala masculina ou feminina em determinados ambientes, ou de idade. Por exemplo, na fala de um velho podem-se observar muito mais formas onomatopaicas enquanto no discurso dos *wapté* (adolescentes) observa-se o uso de novas expressões características dessa idade. Essas variantes podem ainda ser referentes à posição social ou mesmo ao lugar de onde se fala (por exemplo, a fala de um cacique durante o *Warã*³ é considerada como um pronunciamento público). Falar no *Warã* significa representar uma determinada autoridade (pelo menos a chefia de uma família), pois só essas lideranças podem participar desse encontro. Como visitantes tivemos a oportunidade de observar essa fala muitas vezes e notamos que esta apresenta marcadores entoacionais e morfo-fonológicos que a caracterizam como *fala do Warã*. O Xavante tem que ficar de pé antes de iniciar o que eu chamo de *monólogo a dois*. Em outras palavras, durante sua fala ele antecipa os possíveis questionamentos ou dúvidas que possam eventualmente surgir por parte dos outros sobre o assunto de que ele está tratando e ele mesmo as faz como se fossem suas. Imediatamente depois ele as responde, e assim prossegue seu discurso. Aprendemos a reconhecer esses vários tipos de discurso Xavante, participando das várias atividades sociais do grupo, entre cerimônias religiosas, casamentos, rituais de cura e caçadas tradicionais.

No início não tínhamos como objetivo tratar de forma mais sistemática as questões sobre fonologia, embora essas mesmas questões tenham se tornado, mais tarde,

³ *Warã* é um encontro de velhos e lideranças que acontece duas vezes ao dia, todos os dias, ao amanhecer e ao anoitecer, para fazer o planejamento do dia e discutir e resolver os conflitos internos ao grupo.

fundamentais para o desenvolvimento dos trabalhos de produção de textos na língua a serem usados na escola.

Esse grupo de professores foi também o mesmo grupo de informantes Xavante com o qual foram feitas as gravações e entrevistas informais relacionadas a relatos pessoais, músicas, mitos etc, além da aplicação e gravação do questionário *Formulário do setor lingüístico do Museu Nacional. Pesquisa tipológica das línguas indígenas* que usamos aqui como Corpus referencial para o trabalho de descrição inicial a que nos propusemos. Na verdade a maior parte de nossos dados tem origem em nossos cinco cadernos de campo onde registramos desde nossas primeiras observações mais gerais, e por vezes equivocadas, sobre a língua no início do trabalho de campo, até nossas últimas hipóteses sobre a sistematização de processos fonológicos da língua numa perspectiva mais atual. Obtivemos informações sobre a língua durante várias conversas formais e informais, durante as assessorias, bem como participando de pescarias e festas e mesmo de rituais de passagem, experiências que esse tempo de contato possibilitou. Durante a revisão bibliográfica tivemos a oportunidade de conhecer outros trabalhos de descrição da fonologia Xavante, o que nos fez voltar a nossos dados e depois a nossos informantes para confirmar ou refutar informações que não correspondiam em nossa análise e nas apresentadas na bibliografia existente.

Mantivemos um contato mensal durante todo ano de 1996 e trimestral durante 1997 e 1998. Esses contatos variavam em torno de uma semana, sendo que as oficinas aconteciam sempre em sistema de rodízio entre as três aldeias envolvidas no projeto. O tempo para as discussões sobre lingüística era dividido com o historiador e o pedagogo nas discussões de seus respectivos tópicos. Durante a assessoria de lingüística as atividades propostas variaram, em geral, em torno da produção coletiva de textos na língua e discussão

sobre silabificação de algumas palavras e problemas de representação ortográfica apresentados pelos professores Xavante que surgiam durante a produção desses mesmos textos, tais como a consoante em posição de Coda e/ou Onset complexo. Discussões então eram feitas, sempre com a participação do grupo e sempre que possível com a presença de uma liderança indígena, para dar suporte político/social a nossas discussões, principalmente quando essas representavam questões do tipo variação dialetal no interior do grupo, por exemplo.

1.4. OBJETIVOS

De acordo com Wetzels (1995:1), "a tradicional falta de interesse pelas culturas e línguas indígenas brasileiras contrasta nitidamente com a impressionante diversidade lingüística e cultural encontradas em território brasileiro". Estudos atuais apontam que das cento e oitenta línguas indígenas faladas no Brasil hoje, apenas oitenta receberam algum tipo de descrição, seja fonética ou gramatical e menos de dez por cento dessas línguas foram melhor descritas.

No Mato Grosso coexistem 34 etnias e menos da metade dessas etnias possuem uma descrição razoável de suas línguas segundo dados do Conselho de Educação Escolar Indígena do Estado. De acordo com Urban (1986:87), "com os estudos das línguas indígenas podemos formular hipóteses sobre a localização desses povos em diversos momentos do passado e testar modelos de seqüenciamento cultural histórico que situam a linguagem e a comunicação em relação às forças materiais econômicas e políticas". Ainda segundo Urban (op. cit.), isso só é possível, em primeiro lugar se possuírmos gramáticas, fonologias e vocabulários organizados e detalhados para as línguas às quais se aplicará o método de reconstrução desenvolvido na lingüística comparativa. Quanto às línguas Jê, Urban reclama a falta de descrições que evidenciem relações genéticas mais precisas entre essas línguas do Brasil Central.

Nesse estudo levaremos em conta esses trabalhos anteriores preliminares confrontando-o com os dados de que dispomos até o momento. Ele representa de certa forma uma re-análise de alguns aspectos da fonologia Xavante, a partir dos dados por nós coletados, mais particularmente sobre a variedade falada na região de Pimentel Barbosa, ao nordeste do estado de Mato Grosso. Os dados serão analisados em um primeiro momento

sob a ótica da fonêmica, (Pike, 1947). Em um segundo momento apresento uma análise preliminar de processos fonológicos do Xavante, à luz da teoria de Geometria de Traços de Clements e Hume (1995).

Esse estudo também objetiva subsidiar as discussões sobre a ortografia Xavante uma vez que explicita processos fonológicos não tratados na bibliografia existente sobre a língua Xavante que, a nosso ver, são relevantes para qualquer discussão sobre a ortografia dessa língua.

Seguiremos dando início à nossa análise, passando à descrição dos segmentos vocálicos e consonantais que observamos em nossos dados da variante Xavante falada em Pimentel Barbosa.

CAPÍTULO 2 - FONÉTICA DA LÍNGUA XAVANTE

2.1. DESCRIÇÃO FONÉTICA DOS SEGMENTOS

Apresentamos agora a descrição dos fones consonantais e vocálicos do Xavante observando o critério articulatorio para tais descrições, a partir dos dados por nós coletados durante o período correspondente ao trabalho em campo.

2.1.1. FONES CONSONANTAIS

Consoante é uma das duas categorias gerais usadas para a classificação dos sons da fala, sendo a outra a vogal. As consoantes podem ser definidas em termos fonéticos e fonológicos. De acordo com Crystal (1998:61), "... são foneticamente sons produzidos por um fechamento ou estreitamento do aparelho fonador de modo que o fluxo de ar seja completamente bloqueado ou tão limitado que se produza uma fricção audível". Ainda segundo Crystal (op.cit.), uma descrição fonética desses segmentos envolve informações sobre o modo de vibração das cordas vocais, a especificação da duração do som, o mecanismo de passagem de ar envolvido e a direção do fluxo de ar (inspirando ou expirando). Do ponto de vista fonológico, segundo este autor (op.cit.), as consoantes são as unidades que funcionam nas margens de sílabas, sozinhas ou em grupos.

A língua Xavante é constituída por 20 fones consonantais, sendo que apenas um é glotal e os outros 19 são supra-glotaais. Conforme quadro abaixo:

2.1.2. QUADRO DOS FONES CONSONANTAIS

Contóides⁴

	Bilabial	Dental	Alveolar	Pós- Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b	t d				k	ʔ
Nasal	m	n			ɲ	ŋ	
Tepe			r				
Fricativa			s z	ʃ ʒ		ɣ	
Africada			ts dz				
Glide	w				j		

⁴ Termo sugerido pelo foneticista Kenneth Pike para ajudar a distinguir as noções fonética e fonológica da consoante. Estamos utilizando o termo contóide aqui para nos referir aos sons caracterizados pela definição fonética.

2.1.3 DISTRIBUIÇÃO E DESCRIÇÃO DOS FONES CONSONANTAIS⁵:

2.1.3.1 Oclusivas:

(1)

[p] oclusiva bilabial surda; ocorre em posição de Onset de sílaba, antes de todas as vogais; também em posição de coda antes das consoantes [t] e [s]; ocorre também como primeiro elemento do cluster [pr], em início e meio de palavra:

a) [pe'ʔəjre]	'tipo de peixe'
b) ['pɔze]	'veado'
c) [ʔapa'ʔuze]	'réptil'
d) [wap'sã]	'cachorro'
e) [ʔizada'supte]	'perna'
f) [ʔi'pre]	'vermelho'
g) [da'wapru]	'sangue'
h) [prẽj're]	'mais ou menos'

(2)

[b] oclusiva bilabial sonora; ocorre em posição de Onset de sílaba, antes de todas as vogais orais. Em posição de coda, ocorre antes das consoantes [d] e [z]. Ocorre também como primeiro elemento do cluster [br], apenas antes de vogal oral, em início e meio de palavra:

⁵ Para facilitar a descrição dos constituintes internos da sílaba utilizaremos os termos Onset, Rima e Coda para nos referir às posições dos respectivos segmentos na sílaba fonética.

a) [da'budu]	‘pescoço’
b) [da'ba]	‘costas’
c) [ba'badi]	‘acabou / não tem’
d) [siza'ribi]	‘asa’
e) [ʔisi'ɾɔbɔ]	‘pena’
f) [wab'zɛɾɛ]	‘espinho’
g) [watɛbrɛ'mi]	‘criança’
h) [barɛ'nɛ]	‘noite’

(3)

[t] oclusiva dental surda; ocorre em posição de Onset de sílaba, antes de todas as vogais orais e antes das vogais nasais[ẽ], [ɛ̃], [ĩ] e [õ]:

a) [da'tɔ]	‘olho’
b) ['tebe]	‘peixe’
c) ['tẽ]	‘chuva’
d) [ʔə'tõ]	‘lagoa’
e) [ti'ʔa]	‘terra’

(4)

[d] oclusiva dental sonora; ocorre em posição de Onset de sílaba, antes de todas as vogais orais menos a central alta [i]:

a) [da'ʔrã]	'cabeça'
b) [da'di]	'barriga'
c) [ʔu'ʔədə]	'anta'
d) ['du]	'capim, grama'
e) [bə'dədi]	'caminho'

(5)

[ʔ] oclusiva glotal; ocorre em posição de Onset inicial e medial de palavra antes de todas as vogais e como primeiro elemento do cluster [ʔr], ocorre também em posição de Onset, antes do glide labial [w]. Na sílaba fonética funciona como consoante default do Xavante para ocupar a posição de Onset em sílabas iniciadas por vogal. Nunca ocorre em posição de Coda:

a) [da'ʔrẽ]	'cabeça'
b) [daŋõ'ʔudu]	'peito'
c) [rɔʔɔ're]	'macaco'
d) ['ʔe'ʔwayẽ]	'quem'
e) [ʔə'wa'wẽ]	'Rio das Mortes'

Observamos a ocorrência da oclusiva velar surda [k] em posição de Onset de sílaba, antes da vogal central alta [i], entretanto não encontramos uma realização sistemática desse mesmo fone. Ao contrário, uma palavra ou grito, apenas, foi registrada com esse som. Acreditamos ser um ideofone, portanto não nos interessamos em descrevê-lo. Na descrição de uma variante Xavante feita anteriormente (Burgess, 1971 e McLeod, 1974) a oclusiva velar

surda [k] ocorre em variação com a oclusiva glotal [ʔ]. Ambos os fones, segundo essas autoras, ocorrem na fala ‘normal’ dos Xavante nessa variante.

2.1.3.2. Nasais

(6)

[m] nasal bilabial sonora; ocorre em posição de Onset de sílaba, antes de todas as vogais nasais; também em posição de coda antes do cluster [ʔr], ocorre também como primeiro elemento do cluster mr, em início e meio de palavra, ou seja em ambiente $\sigma[__ (r) \nabla]$:

- | | |
|-------------------|-------------------|
| a) [ʼmẽrẽ] | ‘mato’ |
| b) [daɲĩmĩzaʼmõ] | ‘bicho doméstico’ |
| c) [ʔaʔaʼmõ] | ‘lua’ |
| d) [ʔrɔʼmrẽ] | ‘fruta’ |
| e) [daɲĩmʼʔrada] | ‘mão’ |
| f) [ʔĩʼmrõtõ] | ‘sem par’ |
| g) [nẽʼmrĩ] | ‘trançar’ |

(7)

[n] nasal dental sonora; ocorre em posição de Onset de sílaba, antes de todas as vogais nasais:

- | | |
|-----------------|-------------|
| a) [daɲãʼnãʔru] | ‘intestino’ |
| b) [ʼnõzə] | ‘milho’ |
| c) [ɣunĩʼze] | ‘fumaça’ |

- | | |
|----------------|----------|
| d) [bara'nẽ] | ‘noite’ |
| e) [ʔiʃa'ʔẽnẽ] | ‘grande’ |

(8)

[ɲ] nasal palatal sonora; ocorre em posição de Onset de sílaba apenas antes das vogais nasais anteriores [ẽ] e [i]:

- | | |
|------------------|-------------|
| a) [daɲi'siʔre] | ‘nariz’ |
| b) [daɲim'ʔrada] | ‘mão’ |
| c) [ɾom'ɲibzu] | ‘pó poeira’ |
| d) [ʔumɲi'ʔẽ] | ‘arco’ |
| e) [ʔabaze'ɲi] | ‘carne’ |
| f) [ʔɲẽrẽ] | ‘colocar’ |

(9)

[ŋ] nasal velar sonora; ocorre em posição de Onset inicial e medial de palavra apenas antes das vogais nasais [ẽ] e [õ]:

- | | |
|---------------------------------|-----------------------------|
| a) [ʔaʔute-j-anẽ'ɲẽpre] | ‘verme-de-criança’ |
| criança-C.ep-verme | |
| b) [ʔi-tawa'si wedeɲõrõ-'nẽ] | ‘amarrado com corda’ |
| p.rel-amarrado corda-com | |
| c) [ʔõyẽ ʔaʔu'te-yẽ te-ti'ɲõre] | ‘este menino está cantando’ |
| ele criança-nom 3sing-cantar | |
| d) [te-'ɲõnõ] | ‘ele está dormindo’ |
| 3sing-dormir | |
| e) [ʔõyẽ te-nẽsiʔa'ɲẽmrẽ] | ‘ele está jogando’ (coisas) |
| ele 3sing-jogar fora | |

2.1.3.3. Tepe

(10)

[r] tepe alveolar sonoro; ocorre em posição de Onset inicial e medial de palavra antes das vogais [a], [ẽ], [ẽ̃], [ē], [e], [ɛ], [i], [ə], [ɔ] e [ɪ]. Ocorre como segundo segmento do Onset complexo [pr], [br], [mr] e [ʔr]. Nunca ocorre em posição de Coda.

- | | |
|----------------|--------------------------|
| a) [ʔu'baʔre] | ‘canoa’ |
| b) [ʔu'redi] | ‘liso’ |
| c) [pi'redi] | ‘pesado’ |
| d) [ʔisari'nẽ] | ‘certo’ |
| e) [ʔubu're] | ‘todos’ |
| f) ['mrãbdi] | ‘faminto’ |
| g) [ʔu'ʔredi] | ‘dolorido’ |
| h) [da'riɾi] | ‘pessoa que chora muito’ |

2.1.3.4. Fricativas

(11)

[s] fricativa alveolar surda; ocorre em posição de Onset inicial e medial de palavra antes das vogais [a], [ẽ], [ẽ̃], [ē], [e], [ɛ], [i], [ə], [õ], [ɪ] e [u]:

- | | |
|----------------|---------------|
| a) [si'ʔa] | ‘galinha’ |
| b) [ʔa'sẽmrẽ] | ‘sentar-se’ |
| c) [ʔi'siri] | ‘pequeno’ |
| d) [ʔi'sɛrɛ] | ‘cabelo dele’ |
| e) [wase'tedi] | ‘mau’ |

e) [sa'pɔre]	‘criança’
f) [ʔisa'ʔɛnɛ]	‘grande’
g) [ʔi'sõpru]	‘gratis’

(12)

[z] fricativa alveolar sonora; ocorre em posição de Onset inicial e medial de palavra antes das vogais [a], [e], [ɛ], [ə] e [i]:

a) [dazaj'ʔə]	‘boca’
b) [ɪzada'supte]	‘perna’
d) [ʔapa'ʔuzɛ]	‘réptil’
e) [ʔi'zajʔə]	‘minha boca’
f) [zə'mõĩ]	‘caçador’
g) ['zəsi]	‘beber água’
h) ['zizi]	‘gafanhoto’

(13)

[ʃ] fricativa pós-alveolar surda; ocorre em posição de Onset apenas antes de [a] e [u]:

a) [ʔiʃa'ʔɛnɛ]	‘grande’
b) [ʃu'ʔure]	‘mentira’

(14)

[ɣ] fricativa velar sonora; ocorre em posição de Onset inicial e medial de palavra antes das vogais [a], [ẽ], [ê], [ē], [e], [ɛ], [i], [ə], [ɔ] e [u]:

- | | |
|-----------------------------|----------|
| a) [dazaj ¹ ɣə] | ‘boca’ |
| b) [da ¹ ɣirēti] | ‘joelho’ |
| c) [¹ ɣədi] | ‘frio’ |
| d) [¹ ɣu] | ‘onça’ |

2.1.3.5 Africadas

(15)

[ts] africada alveolar surda; ocorre em posição de Onset inicial e medial de palavra antes de todas as vogais orais e nasais:

- | | |
|---------------------------------|----------------|
| a) [ʔizada ¹ tsupte] | ‘perna’ |
| b) [tsup ¹ tɔ] | ‘nome próprio’ |
| c) [tsa ¹ pore] | ‘criança’ |
| d) [tsi ¹ ʔõnõ] | ‘cesto’ |

(16)

[dz] africada alveolar sonora; ocorre em posição de Onset inicial e medial de palavra antes de todas as vogais orais:

- | | |
|--------------------------|--------|
| a) [ʔu ¹ dzə] | ‘fogo’ |
|--------------------------|--------|

- | | |
|--------------------|-------------|
| b) [ʔujʔẽmẽɲi'dzɛ] | ‘fumaça’ |
| c) ['dzidzi] | ‘gafanhoto’ |

2.1.3.6. Glides

(17)

[w] glide labial; ocorre em posição de Onset inicial e medial de palavra antes das vogais [a], [ẽ], [e], [ẽ], [ẽ], [i] e [ə], nunca ocorre em posição de Coda:

- | | |
|-----------------|------------------|
| a) [wap'sã] | ‘cachorro’ |
| b) ['ʔwarĩ] | ‘fumo’ |
| c) [ʔəwa'wẽ] | ‘Rio das Mortes’ |
| d) [ʔrɔ'wẽdi] | ‘como vai’ |
| e) [wasɛɛ'redi] | ‘mau’ |

(18)

[j] glide palatal; ocorre em posição de Coda depois das vogais [a], [ẽ], [e], [ə], [õ] e [u] e em posição de Onset apenas antes de [a]:

- | | |
|----------------|----------|
| a) [ʔəj'wa] | ‘céu’ |
| b) [ʔɛɛrẽj'rẽ] | ‘morro’ |
| c) [wesuj'rẽ] | ‘flor’ |
| d) [təjbə] | ‘acabou’ |
| e) [ʔaj'rɛnẽ] | ‘sair’ |

f) [daɲĩmʲja'mõ] ‘animal doméstico’

g) [da'janẽ] 'diarréia'

h) [ʔōno'riyẽ teza-ʔupsōja'ra] 'eles lavam'
3plural 3plural-lavar

3plural 3plural-lavar

2.2. FONES VOCÁLICOS

De acordo com Crystal (1998:269), as vogais são foneticamente sons articulados sem um fechamento completo da boca ou um grau de estreitamento que produza uma fricção observável; o ar flui de maneira regular pelo centro da língua. Se o ar passar apenas pela boca, as vogais são orais; se o ar passar pela boca e também pelo nariz, as vogais são nasais. Ainda segundo esse autor (op.cit.), uma classificação fonética das vogais faria referência a duas variáveis: (a) a posição dos lábios (arredondados distendidos ou neutros) e (b) qual parte da língua está elevada e sua altura. Do ponto de vista fonológico as vogais são as unidades que ocorrem no centro da sílaba. Em Xavante há 28 fones vocálicos, sendo que 10 destes são nasais e 18 são orais, conforme quadro seguinte:

2.2.1. QUADRO DOS FONES VOCÁLICOS

Vocóides:

	Anterior		Central		Posterior	
	Não Arredondada		Não Arredondada		Arredondada	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Alta	i i:	ĩ ĩ:	ɨ ɨ:		u u:	
			ə ə:			
Média-alta	e e:	ẽ ẽ:			o o:	õ õ:
Média-baixa	ɛ ɛ:	ē ē:			ɔ ɔ:	
				ẽ ẽ:		
Baixa			a a:			

2.2.2. DISTRIBUIÇÃO E DESCRIÇÃO DOS FONES VOCÁLICOS:

Apresentamos agora a distribuição e descrição dos fones vocálicos encontrados no Corpus, como evidenciado no quadro acima.

(19)

[a] central; baixa; aberta; não arredondada.

a) [ʔaʔa'mõʔa] 'lua cheia'

b) [ʔ^ayẽ] ‘você’

(20)

[ẽ] central; baixa; fechada; nasal; não arredondada.

a) [ʔẽyẽ'nẽyẽ] 'hoje'

b) ['ʔẽyẽ] 'aquí'

c) [to'ʔẽyẽ] 'é este mesmo'

(21)

[e] anterior; média alta; meio-fechada; não arredondada.

a) [pi'redi] 'pesado', 'difícil'

b) [ʔe'niya] 'para que'

c) ['tebe] 'peixe'

(22)

[ɛ] anterior; média baixa; meio-aberta; não arredondada.

- | | |
|---------------|------------------|
| a) [da'zɛɾɛ] | 'cabelo' |
| b) [ʔuj'ʔɛɾɛ] | 'escreva' |
| c) [ʔaj'rɛnã] | 'sair' |
| d) ['tɛbɛ] | 'chefe de grupo' |

(23)

[ẽ] anterior; média alta; meio-fechada; não arredondada; nasal.

- | | |
|----------------------|--------------------|
| a) ['wẽdi] | 'bom' |
| b) [ɾowẽnẽ- j -'mõĩ] | 'adeus' (quem sai) |
| | adeus-C.ep.-viajar |
| c) [ʔisa'ʔẽnẽ] | 'grande' |

(24)

[ẽ̃] anterior; média baixa; meio-aberta; não arredondada; nasal.

- | | |
|---------------|-----------|
| a) [wap'tẽrẽ] | 'pedir' |
| b) [wab'zẽrẽ] | 'espinha' |
| c) [ʔaj'rẽnẽ] | 'sair' |

(25)

[i] anterior; alta; fechada; não arredondada.

a) ['ʔi]	‘cupim’
b) [da'ʔi]	‘osso’
c) ['wayi]	‘cobra’
d) [ti'i]	‘ariranha’

(26)

[ĩ] anterior; alta; fechada; não arredondada; nasal.

a) [ʔisi'rãrã]	‘flor’
b) [ʔi'prɛdi]	‘vermelho’
c) [ʔiʔa'mõ]	‘meu companheiro’
d) [ʔi'mẽmẽ]	‘pai’

(27)

[o] posterior; média alta; meio-fechada; arredondada.

a) ['ʔõʔɐ 'wayi mɛ̃toti'wĩ]	‘ele matou a cobra’
3pers cobra matar	
b) ['toʔã]	‘afaste-se’

(28)

[õ] posterior; média alta; meio-fechada; arredondada; nasal.

a) [pi'ʔõ]	‘mulher’
b) [ʔa'sõtõ]	‘matar’
c) [to'ʔõʔẽ]	‘é aquele mesmo’

(29)

[ɔ] posterior; média baixa; meio-aberta; arredondada.

- | | |
|--------------|-----------|
| a) [rɔʔɔ're] | 'macaco' |
| b) [da'ɾɔ] | 'aldeia' |
| c) [ʔɔ'tɔ] | 'vamos' |
| d) [ʔɔ'dɔ] | 'cigarra' |

(30)

[ə] central; média alta; meio-aberta; não arredondada.

- | | |
|---------------|-----------|
| a) ['ʧədi] | 'frio' |
| b) [ʔap'tədi] | 'cansado' |
| c) ['ʔə] | 'água' |
| d) [ʔəwa'wē] | 'rio' |

(31)

[u] posterior; alta; fechada; arredondada.

- | | |
|---------------|-----------|
| a) [da'budu] | 'pescoço' |
| b) [ʔi'pɾedu] | 'velho' |
| c) ['buɾu] | 'roça' |

(32)

[i] central; alta; fechada; não arredondada.

- a) [siɾi'di] 'pequeno'
- b) [s iɾi'redi] 'é pouco'
- c) ['dzidzi] 'gafanhoto'
- d) [da'ɾiɾi] 'chorar'

Todas as vogais orais e nasais poderão ser alongadas caso essas ocorram em posição tônica em palavra paroxítonas sendo, a princípio, apenas um detalhe fonético do acento. No entanto observamos que em alguns casos esse alongamento funciona como uma forma enfática, como mostraremos no item 3.3. deste trabalho.

(33)

[a:] central; baixa; aberta; não arredondada; alongada.

- a) ['ʔa:ɣẽ] 'você'

(34)

[ẽ:] central; baixa; fechada; nasal; não arredondada; alongada.

- a) [ʔẽɣẽ'nẽ:ɣẽ] 'hoje'
- b) ['ʔẽ:ɣẽ] 'aqui'

(35)

[e:] anterior; média alta; meio-fechada; não arredondada; alongada.

- a) [pi're:di] 'pesado', 'difícil'
- b) ['te:be] 'peixe'

(36)

[ɛ:] anterior; média baixa; meio-aberta; não arredondada; alongada.

- a) [da'zɛ:rɛ] 'cabelo'
- b) [ʔuj'ʔɛ:rɛ] 'escreva'
- c) ['tɛ:bɛ] 'chefe de grupo'

(37)

[ẽ:] anterior; média alta; meio-fechada; não arredondada; nasal; alongada.

- a) ['wẽ:di] 'bom'
- b) [ʔisa'ʔẽ:nɛ] 'grande'

(38)

[ẽ:] anterior; média baixa; meio-aberta; não arredondada; nasal; alongada.

- a) [wab'zẽ:rẽ] 'espinha'
- b) [ʔaj'rẽ:nẽ] 'sair'

(39)

[i:] anterior; alta; fechada; não arredondada; alongada.

- a) ['si:ri] 'pássaro'

b) [siza'ri:bi] 'asa'

(40)

[ĩ:] anterior; alta; fechada; não arredondada; nasal; alongada.

a) ['ĩ:ye] 'sim'

b) [wanõ'rĩ:ỹẽ] 'nós'

(41)

[o:] posterior; média alta; meio-fechada; arredondada; alongada.

a) ['to:ʔã] 'afaste-se'

(42)

[õ:] posterior; média alta; meio-fechada; arredondada; nasal; alongada.

a) [ʔa'sõ:tõ] 'matar'

b) [to'ʔõ:ỹẽ] 'é aquele mesmo'

(43)

[ɔ:] posterior; média baixa; meio-aberta; arredondada; alongada.

a) [ɾɔ'ʔɔ:re] 'macaco'

b) ['ʔɔ:dɔ] 'cigarra'

(44)

[ə:] central; média alta; meio-aberta; não arredondada; alongada.

a) ['ʧə:di] 'frio'

b) [ʔap'tə:di] 'cansado'

(45)

[u:] posterior; alta; fechada; arredondada; alongada.

a) [da'bu:du] 'pescoço'

b) ['bu:ru] 'roça'

(46)

[i:] central; alta; fechada; não arredondada.

a) ['dzi:dzi] 'gafanhoto'

b) [da'ri:ri] 'chorar'

Finalizada a distribuição dos fones vocálicos e consonantais, passaremos a seguir à análise fonêmica desses segmentos.

2.3. ANÁLISE FONÊMICA

2.3.1. FONEMAS CONSONANTAIS

A língua Xavante apresenta, conforme nossa análise, 11 fonemas consonantais:

	Bilabial	Dental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b	t d				ʔ
Tepe			r			
Fricativa			s z		ɣ	
Glide	w			j		

Para o estabelecimento dos fonemas Xavante, consideramos como sons foneticamente semelhantes, doravante SFS, aqueles que têm articulações muito parecidas, diferindo geralmente apenas em um detalhe, o que corresponde ao ‘par suspeito’ como definido por Pike (1947). Em Xavante são SFS os que seguem:

[p] [b]	[p] [m]	[b] [m]	[t] [d]	[t] [s]
[t] [ts]	[d] [n]	[d] [r]	[d] [z]	[d] [dz]
[s] [z]	[s] [ʃ]	[s] [ts]	[s] [dz]	[z] [ʃ]
[z] [dz]	[z] [ts]	[n] [ɲ]	[n] [ɲ]	[n] [m]
[m] [ɲ]	[m] [ɲ]	[j] [ɲ]	[j] [ɲ]	[j] [ɲ] [ɲ]

⁶ Embora a análise fonêmica tradicional não considere [j] e [ɲ] como sons foneticamente semelhantes, dado que estes não compartilham nenhum traço em comum, decidimos incluí-los em nosso quadro uma vez que em nossa análise esses segmentos ocorrem em distribuição complementar (conf.pag.39).

2.3.1.1. CONTRASTE EM AMBIENTES IDÊNTICOS (CAI) E ANÁLOGOS (CAA)

(47)

[¹?apa] 'lagarto'

[¹?aba] 'caçar'

(48)

[di'ʔi] 'molhar'

[ti'ʔi] 'ariranha'

(49)

[^ltɛ] ‘novo’

[¹sɛ] ‘macaúba’

37

(50)

[d] e [r] são foneticamente semelhantes; ocorrem em contraste (CAA);

[¹du] ‘capim / caçada de fogo’

[¹?ru] 'rato'

Conclusão: /d/ e /r/ são fonemas distintos.

(51)

[d] e [z] são foneticamente semelhantes; ocorrem em contraste (CAI);

[¹du] ‘capim / caçada de fogo’

[¹zu] ‘pó, poeira’

Conclusão: /d/ e /z/ são fonemas distintos.

(52)

[s] e [z] são foneticamente semelhantes; ocorrem em contraste(CAI);

[¹wayã wa¹zamõ] 'eu ando'

[¹wayã wa¹samõ] 'eu mordo'

Conclusão: /s/ e /z/ são fonemas distintos.

(53)

[?] A oclusiva glotal pode ser observada ocorrendo em contraste com o zero(CAA);

[ʔeʔwayẽ] 'quem é'

[ʔe'wayẽ] 'sou eu'

Conclusão: /ʔ/ é um fonema distinto.

2.3.1.2. DISTRIBUIÇÃO COMPLEMENTAR

Em Xavante o fonema /d/ possui dois alofones: [d] e [n] que estão em distribuição complementar, sendo que [d] se realiza sempre antes de vogal oral, como em:

(54)

a) [da'ʔrẽ]	/da.'rẽ/	'cabeça'
b) ['du]	/'du/	'capim'
c) [da'di]	/da.'di/	'barriga'

Enquanto [n] ocorre sempre antes de vogal nasal, como em:

(55)

a) ['nõzə]	/'dõ.zə/	'milho'
b) [bara'nẽ]	/ba.ra.'dẽ/	'noite'
c) [yũĩ'zɛ]	/yũ.ĩ.'zɛ/	'fumaça'

Em nossa análise o glide /j/ ocorre como fonema e apresenta três alofones [j], [ɲ] e [ɲ̃], sendo que [j] ocorre na fala rápida em alternância com /z/ sempre antes de vogal oral, geralmente em compostos, como em /aute_{criança}-j_{Cep}-adẽjẽpre_{verme} / 'verme-de-criança' enquanto [ɲ] e [ɲ̃] ocorrem sempre antes de vogal nasal. Em posição de Coda apenas [j] ocorre, (cf.pag. 26), em sílabas do tipo CCVC. Os alofones [ɲ] e [ɲ̃] por sua vez se encontram em distribuição complementar, sendo que [ɲ̃] ocorrerá sempre antes de vogal nasal posterior e [ɲ] antes de vogal nasal anterior, assim como segue:

(56)

a) [daŋã'nãʔru]	/da.jã.'dã.ʔru/	‘intestino’
b) [daŋõ'ʔudu]	/da.jõ.'ʔu.du/	‘peito’
c) [ʔnẽrẽ]	/ʔjẽ.re/	‘colocar’

Em posição de Onset, o fonema /b/ em Xavante apresenta dois alofones que estão em distribuição complementar [b] e [m], sendo que [b] ocorre sempre antes de vogal oral ou como primeiro elemento do cluster **br** seguido de vogal oral, como em:

(57)

a) [da'budu]	/da.'bu.du/	‘pescoço’
b) [da'ba]	/da.'ba/	‘costas’
c) [ba'badi]	/ba.'ba.di/	‘acabou’
d) [siza'ribi]	/si.za.'ri.bi/	‘asa’
e) [ʔisi'rɔbo]	/ʔi.si.'rɔ.bo/	‘pena’
f) [watɛbrɛ'mĩ]	/wa.tɛ.brɛ.'bĩ/	‘criança’
g) [barẽ'nẽ]	/ba.rẽ.'dẽ/	‘noite’

Enquanto [m] ocorre sempre antes de vogal nasal e em cluster seguido de vogal nasal, como em:

(58)

a) ['mẽrẽ]	/'bẽ.rẽ/	'mato'
b) [da'ĩmĩza'mõ]	/da.jĩ.bĩ.za.'bõ/	'bicho doméstico'
c) [ʔaʔa'mõ]	/a.ʔa.'bõ/	'lua'
d) [da'mrẽmẽ]	/da.brẽ.bẽ/	'língua'
e) [ʔrɔ'mrẽ]	/rɔ.'brẽ/	'fruta'

Em posição de Coda os segmentos [b] e [m] parecem também estar em distribuição complementar, sendo que [b] ocorre antes de Onset /d/ e /z/ conforme os dados abaixo:

(59)

a) [wab'zεrε]	/wab.'zε.rε/	'espinho'
b) [rɔb'duri]	/rɔb.'duri/	'caminhão'

Enquanto [m] ocorre sempre antes de consoante nasal e antes de fricativa velar /ɣ/, conforme os dados abaixo:

(60)

a) [wam'nãrĩ]	/wab.'dã.ri/	'sacrifício'
b) [rɔm'nõmrĩ]	/rɔb.'dõ.brĩ/	'advinhar'
c) [rɔm.ɣədi]	/rɔb.ɣə.di/	'longe'

Embora não tenhamos mais dados para confirmar essa hipótese, observamos que em ambiente antes de Onset oclusiva glotal seguido de vogal oral apenas /b/ ocorre, como em:

(61)

a) [sib'ʔeze]	/sib.'ʔe.zɛ/	‘faca’
---------------	--------------	--------

Em ambiente antes de Onset ocupado pela glotal seguido de tepe, ou seja do cluster ʔr, tanto [b] quanto [m] podem ocorrer na realização fonética, assim temos dados como em:

(62)

a) [ɲãm'ʔre]	/jãb.'ʔre/	‘fazer esteira’
b) [ɲãm'ʔri]	/jãb.'ʔri/	‘trançar’

Bem como em:

(63)

c) [rɔb'ʔre]	/rɔb.'ʔre/	‘seca’
d) [rɔbʔrẽ.'sutu]	/rɔb.ʔrẽ.'su.tu/	‘matar’

Observamos aqui que o que parece estar condicionando a realização da Coda é a vogal nasal adjacente embora tenhamos proposto que nos demais ambientes a assimilação do traço nasal acontece sempre da direita para a esquerda, ou seja do Onset seguinte para a Coda que o precede ou do Núcleo para o Onset.

Em ambiente antes de /r/, o Xavante silabifica dando preferência à formação de Onset complexo /pr/ e /br/. Como em:

(64)

e) [ʔi ¹ wabre]	/i. ¹ wa.bre/	‘podre’
f) [ʔrɔ ¹ mrɛdi]	/rɔ. ¹ brɛ.di/	‘escuro’
g) [ʔi ¹ prɛ]	/i. ¹ prɛ/	‘vermelho’
h) [rɔ ¹ brɔ]	/rɔ. ¹ brɔ/	‘agosto/verão’

2.3.1.3 VARIAÇÃO LIVRE

Em Xavante, os fones [s], [ts] e [ʃ] são foneticamente semelhantes, ocorrem em variação livre em todos os contextos;

(65)

a) /ĩ.sa.'ẽ.nɛ/	[ʔĩsa'ʔẽnẽ]	~	[ʔĩʃa'ʔẽnẽ]	~	[ʔĩtsa'ʔẽnẽ]	‘grande’
b) /su.'u.re/	[su'ʔure]	~	[ʃu'ʔure]	~	[tsu'ʔure]	‘mentira’
c) /su.'pa.ra/	[su'para]	~	[ʃu'para]	~	[tsu'para]	‘areia’

Conclusão: [s], [ts] e [ʃ] são alofones em variação livre, do fonema /s/.

Os fones [z], [dz] e [ʒ] são foneticamente semelhantes, ocorrem em variação livre em todos os ambientes como:

(66)

a) /yũ.dĩ.'zɛ/	[yũĩ'zɛ]	~	[yũĩ'dzɛ]	~	[yũĩ'ʒɛ]	‘nuvem’
b) /u.'zə/	[ʔu'zə]	~	[ʔu'dzə]	~	[ʔu'ʒə]	‘fogo’
c) /'dõ.zə/	['nõzə]	~	['nõdzə]	~	['nõʒə]	‘milho’

Conclusão: [z], [dz] e [ʒ] são alofones, em variação livre, do fonema /z/.

Os alofones [ʃ] e [ʒ] ocorrem em Xavante apenas em falas estilizadas e/ou com intenção lúdica não sendo habituais na fala ‘normal’. O uso desses alofones faz referência a falantes de outras línguas, por exemplo o português, que ao tentarem aprender, falar Xavante trocam, por vezes, os fonemas /s/ e /z/ por esses respectivos fones. Enquanto os alofones

[s] e [ts], bem como [z] e [dz] acontecem na fala normal e variam livremente entre os falantes.

Levamos em consideração para fazer a opção por representar como fonemas /s/ e /z/ a sua ocorrência, dado que ambos, dentre seus alofones, são mais recorrentes na variante Xavante falada em Pimentel Barbosa.

As primeiras descrições sobre a fonêmica da língua Xavante foram feitas por Burgess (1961), (1971) e McLeod (1974). Estas análises têm como base de dados a fala de informantes homens e mulheres, habitantes do posto indígena Simões Lopes. É importante ressaltar que a fala dos homens Xavante difere da fala das mulheres em alguns aspectos, como por exemplo, no uso da fricativa alveolar sonora [z] e seus alofones /z/ e /dz/, que é de uso feminino, e no uso do tepe [r] que ocorre na fala masculina em determinados ambientes.

De acordo com a análise fonêmica de Burgess (op.cit:96-97) e McLeod (op. cit.:131-152), há em Xavante uma série de oclusivas surdas /p, t, c/ e uma série de oclusivas sonoras /b, d, j/ nos pontos de articulação bilabial, dental, e alveolopalatal, sendo que as alveolopalatais são africadas. Há uma série de soantes nos pontos de articulação bilabial e alveolar / w, r/ e há ainda uma série de laringais /ʔ, h/.

Segundo McLeod (op. cit.:135) há em Xavante uma oclusiva bilabial pré-nasalizada [mb] que ocorre em variação com [b] em início de sílaba. A autora coloca como exemplo, usando sua transcrição fonêmica, /ʔēj.ba/ 'por cima' que pode se realizar foneticamente como [ʔēj.ba~ʔēj.mba]. Em nosso Corpus encontramos o dado /əj.ba/ 'banhar-se', que se realiza foneticamente como [ʔəj.ba], sem a pré-nasalização da labial.

Da mesma forma McLeod (op.cit.:135-136) descreve uma oclusiva pós-dental pré-nasalizada [nd] que ocorre em início de sílaba em variação livre com [d]. Como exemplo a autora sugere /du/ [ndu~du] ‘grama’. Em nossa análise apenas a dental não pré-nasalizada ocorreu, como em [du], para significar os homófonos ‘capim’ e ‘caçada de fogo’.

McLeod (1974) registra na série das oclusivas surdas e sonoras os fonemas alveolopalatais /c/ e /j/ respectivamente. Ainda de acordo com a descrição de McLeod (op.cit:133) o fonema [c] tem cinco alofones: [tʃ^h] africada alveolopalatal aspirada surda, [tʃ] africada alveolar aspirada surda, [ʃ] fricativa alveolopalatal surda e [s] fricativa alveolar surda, todas elas ocorrendo em início de sílaba em variação livre.

Em nossa análise postulamos [s], fricativa alveolar surda, como fonema /s/, por ser a mais recorrente. O fonema /s/ tem assim, de acordo com nossa análise, três alofones, sendo estes [s], [ts] e [ʃ] que ocorrem em variação livre entre si em todos os ambientes ou seja antes de qualquer vogal, qualquer um desses alofones poderá ocorrer, com exceção do [ʃ] que só foi registrado antes das vogais [a] e [u].

Quanto ao fonema /j/ (cf.McLeod,op.cit:136), este tem sete alofones, sendo eles:[dz] africada alveolo-palatal sonora, [dʒ] africada alveolar sonora, [ʒ] fricativa alveolopalatal sonora, [z] fricativa alveolar sonora, [y] vocóide oral sonoro anterior fechado alto, [ɲ] nasal alveolo palatal sonora e [ỹ] vocóide nasalizado sonoro posterior fechado alto.

Em nossa análise, postulamos /z/ como fonema. Este tem assim três alofones, sendo [z], [ʒ] e [dz] que ocorrem em variação livre antes de todas as vogais orais e nasais.

Ainda segundo McLeod (op. cit:134), a oclusiva labial /b/ tem três alofones: [b], [m] e [mb], sendo que [b] ocorre em início de sílaba antes de vogais orais e em variação com [m] em final de sílaba antes de /d/ e /j/. Em nossos dados [b] e [m] parecem ocorrer em distribuição complementar em ambientes de início de sílaba, ou seja, em posição de Onset. Em nossa análise em início de sílaba [b] ocorre sempre antes de vogal oral e [m] antes de vogal nasal. Como em:

(67)

- | | | |
|---------------|--------------|-------------|
| a) [ba'badĩ] | /ba.'ba.di/ | 'acabou' |
| b) [ba'rãjre] | /ba.'rãj.re/ | 'baratinha' |
| c) [mẽ'rẽjre] | /bẽ.'rẽj.re/ | 'bosque' |
| d) [mẽrẽ'wẽ] | /bẽ.rẽ.'wẽ/ | 'bom dia' |

Em final de sílaba, [b] e [m] parecem também estar em distribuição complementar, sendo que [m] ocorre antes de Onset nasal [n], [ɲ] e [ɲ] e antes de [ɣ], enquanto que [b] ocorre nos demais ambientes, como em:

(68)

- | | | |
|---------------|--------------|------------|
| a) [wab'zere] | /wab.'zɛ.re/ | 'espinho' |
| b) [rɔb'duri] | /rɔb.'du.ri/ | 'caminhão' |
| c) [wam'nẽrĩ] | /wab.'dẽ.rĩ/ | 'enfeite' |
| d) [rɔm'ɣədi] | /rɔb.'ɣə.di/ | 'longe' |

Em nossa análise o fonema /d/ tem dois alofones [d] e [n] que ocorrem em distribuição complementar, sendo que [d] ocorre sempre antes de vogal oral e [n] antes de vogal nasal. Nunca ocorrem em posição de Coda.

Dados os períodos de coleta de material das análises em Burgess e McLeod (op.cit) e a nossa, ou seja final da década de 50 e final da década de 90, hipotetizamos que algumas das diferenças registradas entre as análises anteriores e a nossa análise no que diz respeito à pré-nasalização das plosivas, bem como os segmentos possíveis em Coda em ambas as análises, se devam provavelmente a mudanças em processo na língua.

2.3.2. FONEMAS VOCÁLICOS

2.3.2.1. QUADRO DOS FONEMAS VOCÁLICOS

O quadro de fonemas vocálicos em Xavante é representado como segue:

	Anteriores Não		Centrais Não		Posteriores	
	Arredondadas		Arredondadas		Arredondadas	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Alta	i	ĩ	ɨ		u	
			ə			
Média-alta	e	ẽ			o	õ
Média-baixa	ɛ				ɔ	
				ẽ		
Baixa			a			

Relacionamos a seguir os pares de segmentos que ocorrem em ambientes idênticos (CAI) ou análogo (CAA), ocasionando mudança no significado.

(73)

[¹?əyẽ]

'água do rio'

[¹?uɤẽ]

‘água da garrafa’

(74)

[¹?əyē]

'água do rio'

[¹?õyẽ]

'ele'

(75)

[ʔi'siri]

‘pequeno’

[¹siri]

'coração'

Burgess (op. cit.:97) e McLeod (op. cit.:139) descrevem uma série de vogais altas /i, i̥, u/, uma série de vogais médias /e, ə, o/ e uma série de vogais baixas /ɛ, a, ɔ/ com a língua nas posições anterior, central e posterior. Ainda segundo Burgess (op. cit), cada uma dessas vogais ocorre tanto breve quanto longa e as vogais /ī, ē, ā, ō/, ocorrem também nasalizadas

como fonemas. Conforme observamos em nosso corpus, quanto ao alongamento de vogais, este ocorrerá sempre na penúltima sílaba tônica da palavra e na nossa interpretação esse alongamento tem valor enfático, não tendo estas, um carácter distintivo.

De acordo com nossa análise e conforme o estabelecido nas análises anteriores, Burgess (op. cit.:97) e McLeod (op. cit.:139), a língua Xavante apresenta treze fonemas vocálicos, sendo que quatro desses são nasais e nove são orais. Embora as análises sobrecitadas considerem como fonemas /ẽ/ e /õ/ na variante Xavante de Pimentel Barbosa, consideramos /ẽ/ e /õ/ como fonemas da língua.

2.3.2.2. VARIAÇÃO LIVRE

Em ambiente de final de palavra as vogais anteriores e e i contrastam fonologicamente, como já havíamos evidenciado anteriormente (cf.pag.50).

(76)

['ĩɣe]	/ĩ.ɣe/	‘sim’
['ĩɣi]	/ĩ.ɣi/	‘velho’

Entretanto nesse mesmo ambiente de sílaba pós-tônica em final de palavra [e] e [i] parecem variar livremente, embora não tenhamos dados suficientes para comprovar ou refutar essa hipótese. Assim temos o seguinte dado:

(77)

[mẽ'redi] ~ [mẽ'rede]	‘não’ na fala masculina e
[mẽ'zedi] ~ [mẽ'zede]	‘não’ na fala feminina.

De forma que assumimos:

/i/ ~ /e/ (variação livre entre fonemas)

2.4. OS TIPOS SILÁBICOS EM XAVANTE

De acordo com Crystal (1998:238) 'as tentativas de definição de sílaba do ponto de vista fonético têm como base por vezes o esforço articulatório para produzi-la como por exemplo a "Teoria do Pulso" da produção da sílaba, proposta pelo psicólogo R. H. Stetson (1892-1950) ou por vezes em termos auditivos como proposto pela "Teoria de Proeminência" que argumenta que em uma cadeia de sons, alguns tem mais sonoridade, e cada pico destes corresponde ao centro de uma sílaba. Estes picos são melhor entendidos como vogais. Os sons com menos sonoridade fornecem "vales" de proeminência e são melhor ilustrados pelo fechamentos e estreitamentos que produzem as consoantes'. Por outro lado, as teorias fonológicas da sílaba focalizam a maneira como os sons se combinam em cada língua, para produzir seqüências típicas, em outras palavras, as sílabas podem ser definidas em termos da maneira como funcionam os segmentos de sons de uma determinada língua.

Há seis padrões silábicos êmicos em Xavante **CV**, **CVC**, **CCV**, **CCVC**, **CV:** e **CCV:**, (Burgess ,1971:97 e McLeod ,1974:131). As sílabas **CVC** e **CCVC** só ocorrem em início e meio de palavra e apenas **CV** e **CCV** ocorrem em final de palavra. Em nossa análise podemos observar que as vogais dos tipos silábicos **CV**; **CVC**; **CCV** e também **CCVC**, serão prolongadas se estas ocorrerem na penúltima sílaba tônica da direita para a esquerda da palavra, portanto previsíveis na estrutura silábica. O que nós observamos em nossa análise foi que o alongamento neste caso é previsível, dessa forma esse prolongamento é fonético e não fonológico, como mostraremos mais à frente.

O padrão silábico 'default', ou seja o padrão canônico silábico em Xavante é **CV**, enquanto ocorrências do padrão **CCVC** estão limitadas a poucas palavras no léxico. Em resumo, os tipos silábicos em Xavante podem assumir como fórmula básica: (C) C V (C).

(78)

CV	/bə.'də.di/	/CV.CV.CV/	[bə'dədi]	[CV.CV.CV]	'estrada'
	/'wa.ɣi# 'wi.wĩ /	/CV.CV.CV.CV/	['waɣi 'wiwĩ]	[CV.CV.CV.CV]	'mate a cobra'
	/wĩ.rĩ.'tõ/	/CV.CV.CV/	[wĩrĩ'tõ]	[CV.CV.CV]	'não mate'

(79)

	/a.'sẽ.brẽ/	/V.CV.CCV/	[ʔa'sẽmrẽ]	[CV.CV.CCV]	'sentar-se'
	/ĩ.sa.'ẽ.dẽ/	/V.CV.V.CV/	[ʔisa'ʔẽnẽ]	[CV.CV.CV.CV]	'grande'
	/a.wa.'a.wi/	/V.CV.V.CV/	[ʔawa'ʔawi]	[CV.CV.CV.CV]	'reto'

(80)

CVC	/du.'rɛj.ɣẽ/	/CV.CVC.CV/	[du'rɛjɣẽ]	[CV.CVC.CV]	'há muito tempo'
-----	--------------	-------------	------------	-------------	------------------

(81)

	/up.'ta.bi/	/VC.CV.CV/	[ʔup'tabi]	[CVC.CV.CV]	'muito'
	/ub.jĩ.'ẽ/	/VC.CV.V/	[ʔumɣĩ'ʔẽ]	[CVC.CV.CV]	'arma'

(82)

	/rɔp.'du.ri/	/CVC.CV.CV/	[rɔb'duri]	[CVC.CV.CV]	'carro'
--	--------------	-------------	------------	-------------	---------

	/bẽj. 'ʔre/	/CVC.CCV/	[mẽj 'ʔre]	[CVC.CCV]	‘ovo de ema’
	/wap.sã/	/CVC.CV/	[wapsã]	[CVC.CV]	‘cachoro’
	/rɔb. 'dõ.brĩ/	/CVC.CV.CCV/	[rɔm 'nõmrĩ]	[CVC.CV.CCV]	‘adivinhar’

(83)

CCV	/ĩ. 'brõ.tõ/	/CV.CCV.CV/	[ĩ 'mrõtõ]	[CV.CCV.CV]	‘sem par’
	/dẽ. 'brĩ/	/CV.CCV/	[nẽ 'mrĩ]	[CV.CCV]	‘trançar’
	/ 'brẽ.bẽ/	/CCV.CV/	['mrẽmẽ]	[CCV.CV]	‘língua’

(84)

CCVC	/ 'brẽb.di/	/CCVC.CV/	['mrẽbdi]	[CCVC.CV]	‘fome’
	/ 'prẽj.re/	/CCVC.CV/	['prẽjre]	[CCVC.CV]	‘mais ou menos’

Podemos dizer, a partir dos dados acima, que na língua Xavante as sílabas fonéticas diferem das sílabas fonológicas, sendo que as sílabas fonéticas podem ser compostas por *Onset* e *Núcleo* (CV), por *Onset*, *Núcleo* e *Coda* (CVC), *Onset Complexo* e *Núcleo* (CCV) e finalmente por *Onset Complexo*, *Núcleo* e *Coda* (CCVC). Enquanto as sílabas fonológicas admitem, além dos quatro padrões apontados acima, os padrões (V) e (VC). Sendo que a vogal do núcleo, em todos os padrões silábicos permitidos na língua, poderá ser prolongada sempre que esta ocupar a posição tônica em palavras paroxítonas. Assim reduzimos a tipologia silábica em Xavante para o número de quatro: CV, CVC, CCV e CCVC.

2.5. A ESTRUTURA DA SÍLABA EM XAVANTE

De acordo com o estabelecido por Clements e Keyser (1983) dentre outros autores, a sílaba é uma estrutura constituída hierarquicamente por um elemento opcional, o *Onset* e por outro obrigatório, a *Rima*. Esta pode ser subdividida em núcleo, que também é obrigatório, e em *Coda*, que por sua vez é opcional. Segundo Clements e Hume (1995), os constituintes da sílaba não estão diretamente ligados à melodia segmental, ou seja há entre eles uma camada chamada esqueleto. Esta é constituída por unidades de tempo X's (ou posições) (ou consoantes e vogais) de forma que os segmentos associados às unidades de tempo (ou posições) X's são estruturados em termos de traços.

Sobre os mecanismos formais que atuam na especificação da estrutura da sílaba, Harris (1985:4) descreve a organização intra-silábica como sendo "(a) um conjunto de regras que se aplicam às correntes de fonemas fornecidas pelo léxico, formando grupos de segmentos dentro de um constituinte rotulado e (b) um conjunto de filtros que marcam constituintes como desviantes sob condições especiais". A estrutura silábica tem assim um importante papel na organização dos processos fonológicos da língua, no sentido de que muitos desses processos ocorrem através de restrições fonotáticas que têm como base a sílaba (Spencer 1996:73).

Tomaremos para nossa análise dos constituintes internos da sílaba em Xavante os aportes teóricos da fonologia de Geometria de Traços, mais especificamente Clements e Hume (op. cit) e por questões de simplificação usaremos as regras de silabificação assim como descritas por Clements e Keyser (op. cit).

2.6. MOLDE DA SÍLABA EM XAVANTE

No que diz respeito à constituição interna dos tipos silábicos, qualquer um dos fonemas vocálicos orais ou nasais da língua pode ocupar a posição de *Núcleo*. Postulamos assim a primeira regra de silabificação para o Xavante que será detalhada mais a frente. Conforme Harris, (op. cit), o núcleo será projetado a partir de cada vogal. Quanto ao *Onset*, todos os fonemas consonantais da língua podem ocupar essa posição exceto o glide palatal que só ocorrerá nessa posição quando funcionar como alofone de [z] na fala rápida. Postulamos assim, como segunda regra de silabificação, que a primeira consoante à esquerda da vogal será incorporada ao ataque. Em Xavante o Onset é projetado obrigatoriamente em início de sílaba, quando esta começar por vogal, sendo que a consoante epentética default, ou seja, o preenchimento default de posições esqueléticas vazias é sempre o /ʔ/. Já a ocupação da posição *Coda* se restringe às labiais [p], [b]. Também pode ocupar posição de Coda o glide palatal [j].

Ocorrem também em início de sílaba os segmentos /p/, /b/, /t/, /d/, /ʔ/, /r/, /s/, /z/, /j/, /w/ e /ʔ/, portanto segmentados no Onset. Detalhamos a seguir o molde da sílaba em Xavante.

O molde da sílaba em Xavante pode ser representado como segue:

(85)



2.7. FRONTEIRA SILÁBICA

Um dos problemas na ortografia da língua apontados pelo grupo de professores Xavante diz respeito aos segmentos que ocorrem em fronteira silábica. Decidimos então discutir brevemente esse tópico com base em nossos dados e levando em consideração o que já foi dito na bibliografia anterior.

Embora não apresente um *corpus* em seu artigo, Burgess (op. cit:97) sugere as seguintes seqüências de consoantes que ocorrem através do limite silábico em Xavante:

(86)

p.t	p.c	p.ʔ	
b.d	b.j	b.r	b.h
t.t	s.s	ʔ.ʔ	d.d
j.j	j.p	j.b	j.r
j.ʔ			

McLeod (op.cit:143) apresenta as possíveis seqüências de consoantes na fronteira silábica:

(87)

p.p	p.t	p.c	p.ʔ		
b.b	b.d	b.j	b.r	b.h	ʔ.b
t.t	s.s	ʔ.ʔ	d.d	j.j	j.ʔ
j.p	j.t	j.w	j.h	j.b	j.r

Confrontando nossos dados com as duas análises anteriores, observamos que esses apresentam um número de opções de seqüências possíveis em fronteira silábica diferente do proposto nas análises anteriores que por sua vez também divergem entre si, como vimos acima. Registramos as seguintes seqüências em fronteira silábica que ocorrem na variante Xavante falada em Pimentel Barbosa a partir dos dados de que dispomos:

(88) I

p.t	p.s		
b.z	b.d	b.y	
j.b	j.y	j.r	j.?

As combinações de Coda com ataques válidos sombreadas nos quadros (84) e (85) não foram registradas em nosso Corpus. Essas seqüências de segmentos são estranhas aos nossos dados uma vez que a língua só permite Coda labial e palatal /j/ (cf.pag56), logo todas as outras combinações resultam em agramaticais na variante de Pimentel Barbosa.

(88) II

I	p.t	p.s	b.d	b.z	b.y	b.?
II	j.t	j.w	j.p	j.h	j.?	j.b
III	t.t	d.d	p.p	b.b	s.s	j.j
IV	p.r	b.r				
V	?b	z.z				

Quanto às seqüências de segmentos em fronteira silábica, as análises de Burgess (op. cit:97) e McLeod (op.cit:143) e a nossa podem ser resumidas como em (86) II.

Apontamos a seguir as diferenças entre a nossa análise da variante de Pimentel Barbosa e as análises anteriores:

- (a) não se permitem sequências de segmentos idênticos. Apesar de esses segmentos constarem em seus dados Burgess (op. cit:97) deixa isso claro nas regras morfo-fonéticas que ela estabelece. De forma que assim eliminamos todos os segmentos em (III).
- (b) [p.r] e [b.r] formam Onset complexo [pr] e [br], eliminamos assim todos os segmentos em (IV).
- (c) [ʔ] e [z] não ocorrem em Coda, sendo assim eliminamos os segmentos em (V)
- (d) Os segmentos em **negrito** em (II) não foram registrados em nosso Corpus, embora acreditamos serem possíveis na variante que analisamos.

Acreditamos que ao tratarmos das restrições de Onset (cf.pag.67) e Coda (cf.pag.71) descritas mais à frente, essas divergências entre as análises sobrecitadas e a nossa análise ficarão melhor entendidas.

2.8. A SILABIFICAÇÃO EM XAVANTE

Regras particulares e condições universais:

Para explicitar a formação da sílaba em Xavante, ou seja, como uma sequência de segmentos se estrutura em sílabas, ou ainda como a sílaba é gerada no curso da derivação, basearemos nossa análise na proposta de Clements e Keyser (op.cit). Estes autores consideram que a silabificação de uma sequência de segmentos é feita por meio de regras de criação de estruturas silábicas, ou seja, regra de formação de núcleo, regra de formação de Onset e regra de formação de Coda. Veremos a seguir como essas regras funcionam em Xavante:

Regras de formação de núcleo em Xavante:

Em Xavante todas as vogais orais ou nasais podem ocupar essa posição.

Regras de formação de Onset em Xavante:

Regra 1: todo segmento consonantal pode constituir um Onset em Xavante;

Regra 2: uma labial seguida por um tepe pode ocupar posição de Onset complexo;

Regra 3: uma oclusiva glotal seguida do glide labial pode ocupar essa posição;

Regra 4: o preenchimento default de Onset vazio é a oclusiva glotal;

Regras de formação de Coda em Xavante:

Regra 1: em Xavante, as consoantes labiais p e b podem ocupar essa posição;

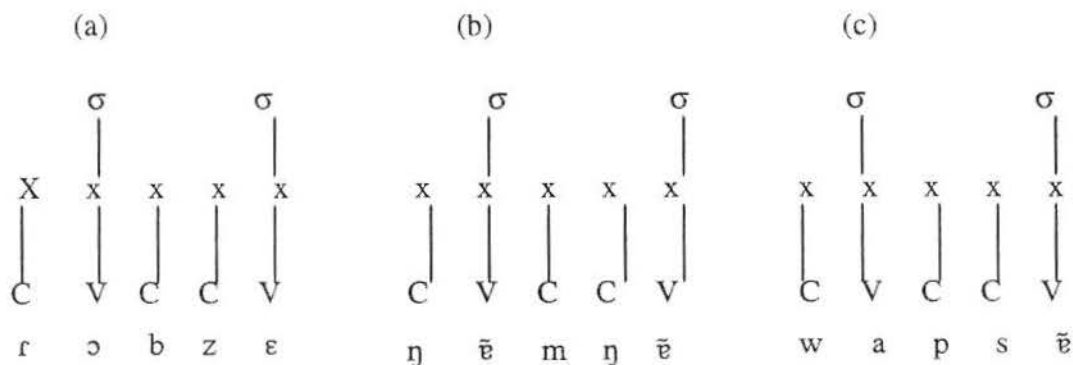
Regra 2: em Xavante a palatal j pode ocupar essa posição.

A partir das regras de silabificação propostas para formação de Onset, Coda e Núcleo em Xavante, procuraremos demonstrar a formação da sílaba em Xavante. Para tanto, tomamos como exemplo os seguintes dados:

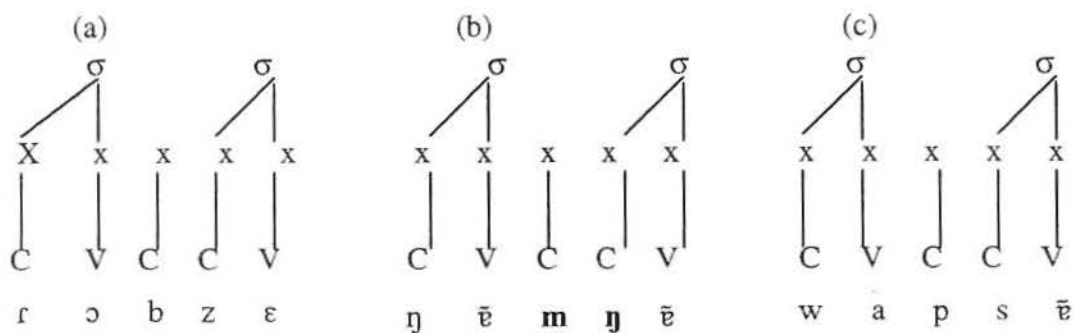
(89)

/jẽb'jẽ/	[ɲẽ m 'ɲẽ]	‘estragado’
/wap'sẽ/	[wap'sẽ]	‘cachorro’
/rɔb'zɛ/	[rɔb'zɛ]	‘agradável’

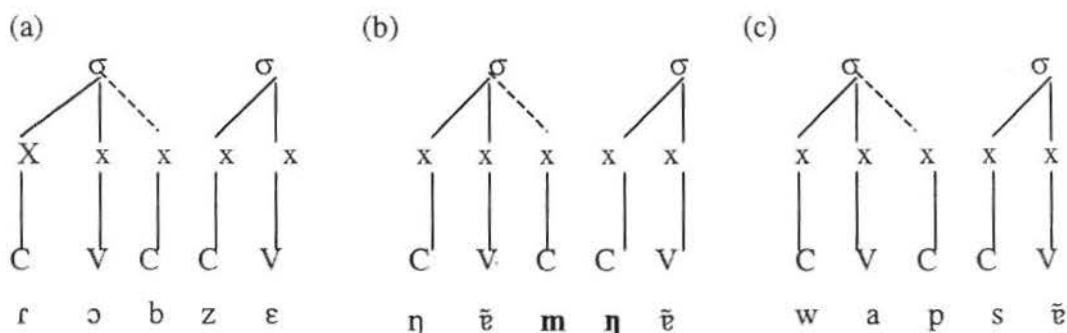
Conforme as regras de silabificação propostas e considerando os dados fonéticos que seguem, descrevemos o processo de formação da sílaba em Xavante assim como segue:



Elementos V são associados à sílaba.



Elementos C imediatamente anteriores à vogal serão associados ao Onset.



Os elementos /p/ e /b/ associam-se à Rima anterior, tornando-se assim Coda da primeira sílaba, satisfazendo as condições de boa formação de Coda na língua (cf.pág.64).

2.8.1. RESTRIÇÃO DE ONSET

As línguas naturais são translingüísticamente mais ou por vezes menos marcadas no que diz respeito às restrições estruturais que se referem ao tipo de sílaba. Como antecipamos em nossa análise no que diz respeito a tipologia silábica (cf. pag. 53-56), em Xavante não é possível Onset vazio na língua. Segundo Spencer (1996:80), ‘... há palavras no Árabe Padrão Moderno que se comportam fonologicamente como se elas comessem com uma vogal em certos ambientes, por exemplo, quando combinadas com certos outros tipos de palavras. Entretanto em outros contextos, por exemplo, isoladas, essas palavras aparentemente iniciadas por vogal sempre começam com um fonema glotal . Um quadro similar emerge do Alemão. Embora possa aparecer na ortografia que o Alemão tem palavras (logo sílabas) que começam por vogal, estas são sempre pronunciadas com um glotal. O glotal não é um fonema em Alemão, ele indica apenas o começo de uma possível sílaba sem Onset`. Assim como o Alemão o Xavante parece comportar-se da mesma forma com relação ao preechimento *default* da posição de Onset vazio, como previsto na regra 4 de formação de Onset em Xavante (cf. pag. 64). O fonema /ʔ/, como apresentado em nossa análise fonêmica ocorre sempre em posição de

Onset, sendo que em posição inicial de palavra ele é previsível, ocorrerá sempre antes de vogal e por vezes formando cluster com glide labial [w] ou tepe [ɾ] e em posição medial de palavra ele pode ocorrer ou não. Dito de outra forma em início de palavra ele é fonético enquanto que em meio de palavra, antes do glide labial e do tepe ele é fonológico. Embora em início de palavra o glotal não seja fonêmico em Xavante, em meio de palavras ele parece contrastar com o [ø].

Assim como o Árabe e o Alemão, em Xavante nunca encontramos duas vogais juntas em sílabas adjacentes não separadas por uma consoante. A conclusão a que chegamos é que nessas línguas o Onset é obrigatório.

Em Xavante também ocorrem, em posição inicial de sílaba, os clusters [pr], [br], [mr], [ʔw] e [ʔɾ], sendo que em início de palavra [br] não ocorre. Antes de vogal nasal, todos os clusters ocorrem com exceção de [br]. Em meio de palavra ocorrem todos os clusters existentes na língua e em final de palavra todos ocorrem com exceção de [ʔɾ], como no quadro abaixo:

<i>Cluster</i>	<i>Onset inicial</i>	<i>Onset Medial</i>	<i>Onset Final</i>
pr	Sim	Sim	Sim
br	Não	Sim	Sim
mr	Sim	Sim	Sim
ʔɾ	Sim	Sim	Não
ʔw	Sim	Sim	Sim

Observando a realização dessas seqüências de segmentos nas posições acima registradas e sabendo-se que a realização do cluster em início de palavra evidencia uma posição

forte na sílaba, podemos dizer que em Xavante existem de fato três possibilidades na realização fonética, de combinação de segmentos, sendo que [pr] e [mr] ocorrem em sílabas do tipo C₁(r)VC₂, onde C₁ será sempre [p] ou [m] e C₂ será sempre j ou b, como em:

(90)

- | | | |
|-------------|----------|-----------------|
| a) /prãjre/ | [prãjre] | ‘mais ou menos’ |
| b) /mrãbdi/ | [mrãbdi] | ‘faminto’ |

Esse tipo silábico ocorrerá sempre em início de palavra. Já as sílabas do tipo C(r)V, poderão ocorrer em início, meio e final de palavra, como em:

(91)

- | | | |
|-----------------|--------------|----------|
| a) /ʔiwabre/ | [ʔiwabre] | ‘podre’ |
| b) /ʔrɔbrɔ/ | [ʔrɔbrɔ] | ‘verão’ |
| c) /ʔrɔmrãdi/ | [ʔrɔmrãdi] | ‘escuro’ |
| d) /dazadajprɔ/ | [dazadajprɔ] | ‘saliva’ |
| e) /brẽbẽ/ | [mrẽmẽ] | ‘língua’ |

Sabendo que quando o cluster é seguido de vogal nasal apenas [pr] e [mr] ocorrem, poderíamos supor que br, em posição inicial de palavra se realiza como uma variação de mr, visto que início de sílaba marca sempre uma posição forte na língua, no entanto, em nossa análise identificamos /b/ como fonema sendo [m] seu alofone nasal.

A mesma restrição que faz com que ocorram na Coda apenas os segmentos p, b e j também não admite que ocorra como Onset complexo qualquer estrutura que não seja , pr, br e

ʔr. Um problema ocorre então quando o Onset seguinte for um tepe, como em CVC.**r** ou (ʔ)VC.**r**. Nesse caso, por vezes a consoante que antecede assimila o traço [+Voz], funcionando normalmente como coda [b], [p], [j] e [m] e por vezes, pode-se observar a preferência pela formação de Onset complexo, como nos dados que seguem:

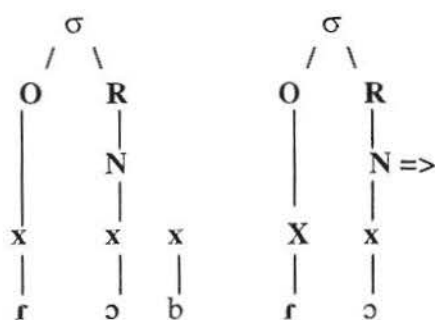
f) [*ʔrɔb'rɔ] / [rɔ'**br**ɔ] 'agosto'

g) [*ʔiwa**ab**'re] / [ʔiwa'**br**e] 'podre'

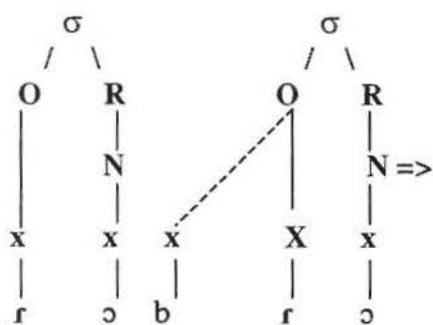
h) [*ʔrɔm'rãdi] / [*ʔrɔmb'rãdi] / [ʔrɔ'**mr**ãdi] 'escuro'

Ao testar as formas com asteriscos com falantes Xavante, observamos que estas parecem se comportar como agramaticais na língua, uma vez que os falantes silabificam de forma que produzem o cluster [br] e [mr].

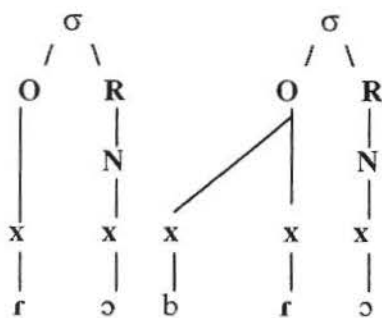
Assim propomos a seguinte representação para a formação de Onset Complexo em Xavante:



Representação fonológica



Associação ao Onset seguinte.



Representação fonética.

[rɔ'brɔ]

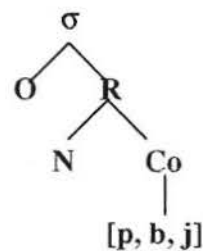
'verão, agosto'

2.8.2. RESTRIÇÃO DE CODA

Em Xavante, ocorrem em posição final de sílaba, portanto em posição de Coda (cf.pag.58) apenas as labiais /p/ e /b/ que se encontram em distribuição complementar neste ambiente e a palatal /j/ ocorrem. Os segmentos /p/ e /b/ podem ser interpretados como *labiais subespecificadas* visto que sua especificação quanto ao traço [Voz] depende da consoante seguinte. Dessa forma a língua só admite Coda interna, como tentaremos mostrar mais adiante.

Representamos os segmentos que ocorrem em posição de coda, /p/, /b/ e /j/, assim como segue:

(92)

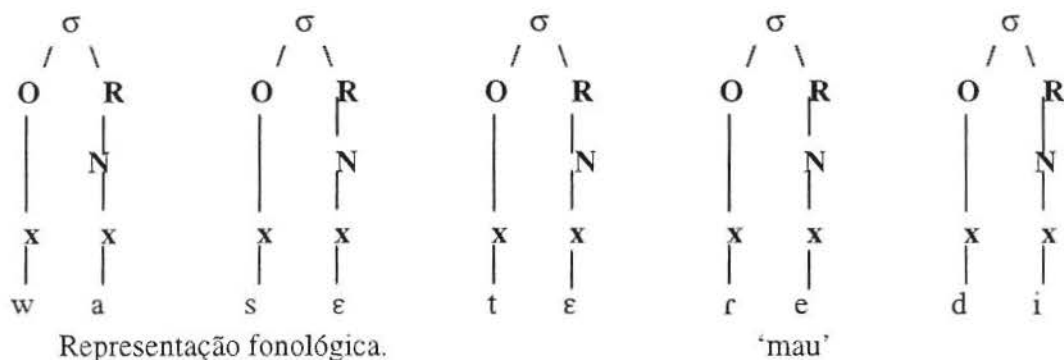


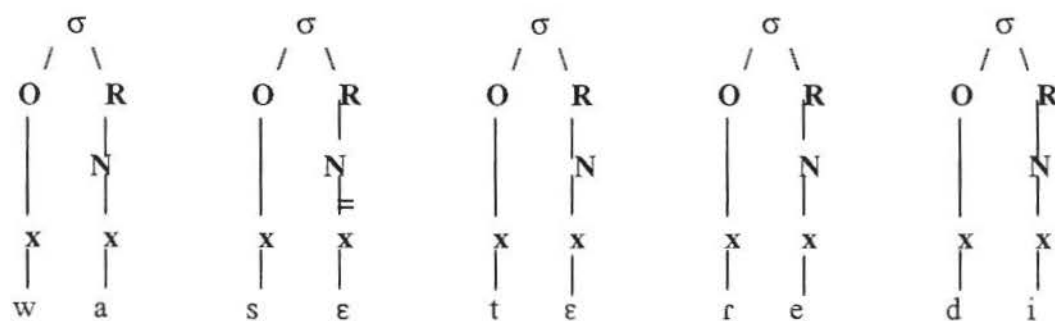
As estruturas CVC e CCVC só serão possíveis em posição inicial ou medial de palavra, ou seja, não é possível Coda final em Xavante, apenas Coda interna. Pois como esta não é especificada quanto ao traço [Voz], necessita de um outro segmento, vogal ou consoante para sua especificação, fato que não é possível em final de palavra.

Há também uma outra possibilidade de formação de coda que ocorre em Xavante. Embora tenhamos em nosso Corpus apenas um único dado, podemos observar a ocorrência de uma forma que no Xavante da aldeia Pimentel Barbosa acontece na fala normal *wa.sε.tε.re.di*, enquanto na fala rápida o Xavante silabifica como em *was.tε.re.di*, formando Coda. Entretanto contraria uma regra que havíamos proposto antes sobre as possibilidades de Coda em Xavante. Contudo esse é um fenômeno superficial, e o tratamos como um processo de ressilabificação. Tentamos representa-lo assim como segue:

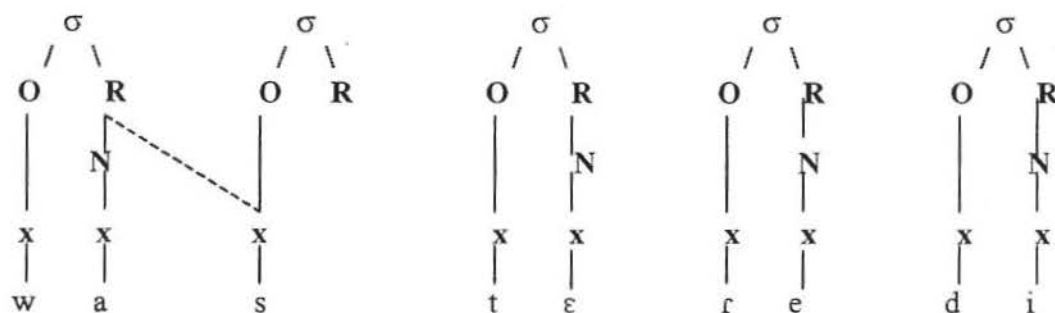
(93)

[wasetε'redi] ~ [wasteredi] /wa.sε.tε.'re.di/ 'mau'

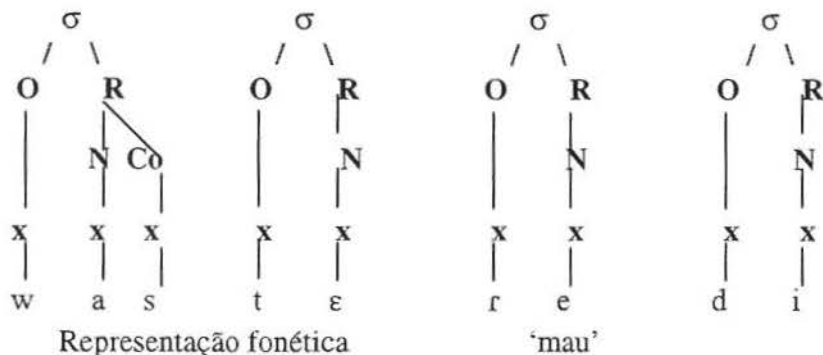




Queda do núcleo da segunda sílaba átona.



Reestruturação da sílaba. Associação do Onset à Rima Anterior



Representação fonética

'mau'

Registramos no capítulo que segue alguns processos de assimilação que ocorrem no nível da sílaba a fim de verificar como se dá a formação da Coda em Xavante a partir dos seus possíveis ambientes de ocorrência baseando nossa análise na proposta de Clements e Keyser (1983) e a partir das regras de silabificação em Xavante (cf. pág.63).

2.9. O ACENTO EM XAVANTE

“Acento é o termo usado em fonética para se referir ao grau de força ou intensidade ao se produzir uma sílaba”. Assim como o Polonês e o Swahili (Ladefoged, 1993:249) o acento em Xavante ocorre geralmente na penúltima sílaba. Em Xavante as palavras podem ser classificadas quanto à acentuação tônica, em dois grupos: oxítonas e paroxítonas. Logo, o acento em Xavante pode cair em uma das duas últimas sílabas. Essa restrição é, em Xavante, válida tanto para os verbos quanto para os nomes. A preferência da língua é por formar, em palavras trissilábicas, paroxítonas primeiramente, e em dissilábicas tanto podem acontecer oxítonas quanto paroxítonas. No exemplo que tomamos abaixo, o acento da palavra *da.'bu.du* (pescoço) recai normalmente sobre a penúltima sílaba.

Entretanto quando a esta palavra é acrescido o nominativo (*hã*), o acento mantém-se na mesma posição de penúltima sílaba. A língua então mantém a mesma posição do acento, ou seja, a palavra continua paroxítona, como no exemplo abaixo:

(94)

- a) /da.-'bu.du/ [da'buɖu] 'pescoço'
P.rel.- pescoço
- b) /da.-bu.'du.-yã ĩ.-'pa/ [dabu'duɣã ʔi'pa] 'o pescoço é comprido'
P.rel.-pescoço- nom. P.rel. -comprido

Vejamos agora como se comporta o acento em palavras simples:

(95)

- a) /'we.de/ ['we:de] 'árvore'
- b) /'wa.si/ ['wa:si] 'estrela'

Observamos um primeiro caso, quando, em palavras simples, o acento cai normalmente sobre a segunda sílaba da direita para a esquerda, como em (91).

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO DE ACOLHIMENTO

(96)

- a) /we.'de.-yã/ [we'de:yã] 'a árvore'
árvore - nom.
- b) /wa.'si.-yẽ/ [wa'si:yẽ] 'a estrela'
estrela- nom.
- c) /u.bu.'re wa'si-yã/ [ʔubu're wa'si:yã] 'todas as estrelas'
todas estrelas-nom.

Observamos um segundo caso em (92) quando o acento parece ser sensível à estrutura morfológica, uma vez que o sufixo (nominativo yã) parece atrair o acento, mantendo assim a força silábica na mesma posição, ou seja a palavra continua paroxítona.

Vejamos agora como se comporta o acento em palavras que apresentam afijos:

(97)

- a) /wede-'yu/ [wede'yu] 'pauzinho'
árvore-instrumento

Observamos um terceiro caso em (93) quando, ao acrescentarmos o sufixo (yu) à palavra, há um deslocamento da posição do acento no radical da palavra em direção ao mesmo sufixo. A palavra nesse caso torna-se oxítona.

Em nossa interpretação, a partir dos poucos dados que nos propomos analisar, o acento em Xavante parece ser sensível à 'palavra morfológica', uma vez que ao acrescentarmos afijos ao radical da palavra o acento sofre alterações em sua posição. Acreditamos assim que o domínio de aplicação do acento em Xavante seja pós-lexical. Entretanto precisamos ainda de mais dados para confirmar ou refutar essa hipótese.

CAPÍTULO 3 - PROCESSOS FONOLÓGICOS DO XAVANTE

De acordo com Clements e Hume (1995:245),

“In recent years it has become widely accepted that the basic units of phonological representation are not segments but features, the members of a small set of elementary categories which combine in various ways to form the speech sounds of human languages. While features are normally construed as psychological entities, they are defined in terms of specific patterns of acoustic and articulatory realization which provide the crucial link between the cognitive representation of speech and its physical manifestation.”

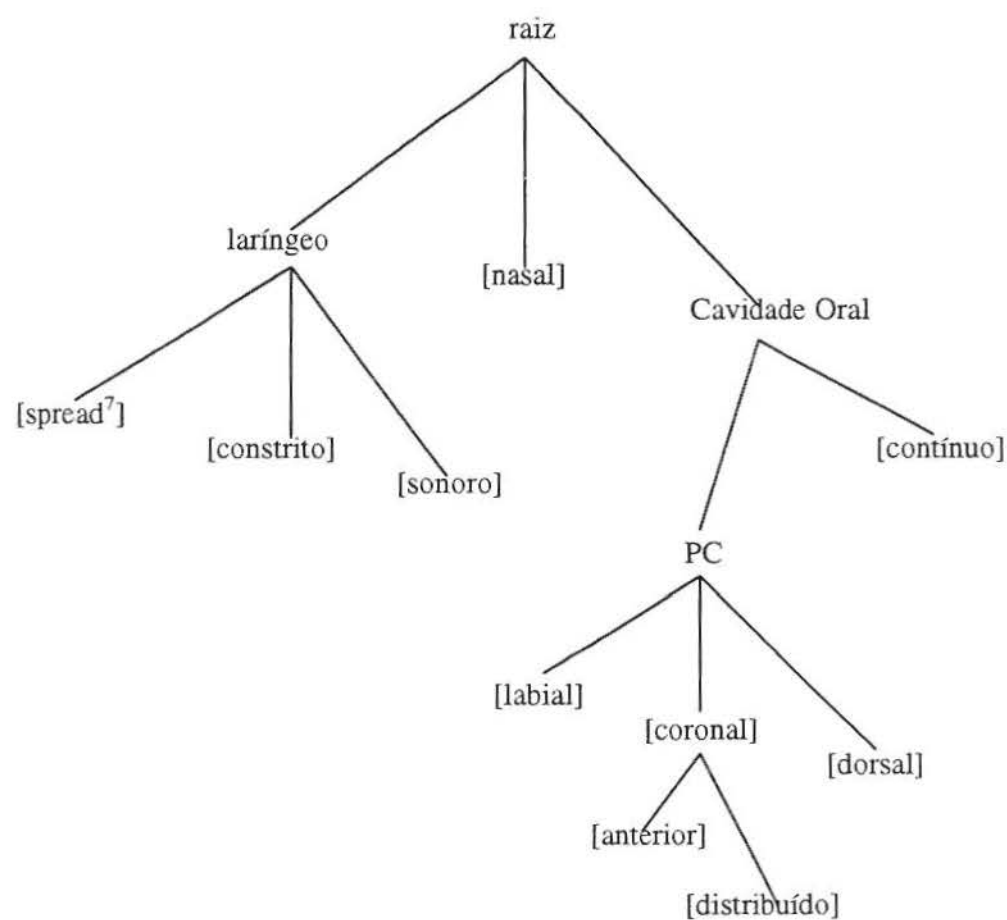
Procurando entender melhor alguns processos fonológicos recorrentes na variante Xavante falada em Pimentel Barbosa, tomaremos como referência para análise não mais o fonema, como fizemos nos capítulos anteriores, mas o traço, de acordo com os aportes teóricos da FGT - Fonologia de Geometria de Traços.

A partir da análise preliminar da estrutura da sílaba em Xavante tentamos descrever alguns desses processos recorrentes na língua, tais como assimilação e nasalização. Apresentamos também neste capítulo como se dá a formação de glides e segmentos longos em Xavante que serão tratados a partir do Modelo de Geometria de Traços hierarquizados como proposto por Clements e Hume (op.cit).

3.1. CLASSE NATURAL

O modelo de Geometria de Traços proposto por Clements e Hume (1995), para as consoantes, é representado como segue:

(98)

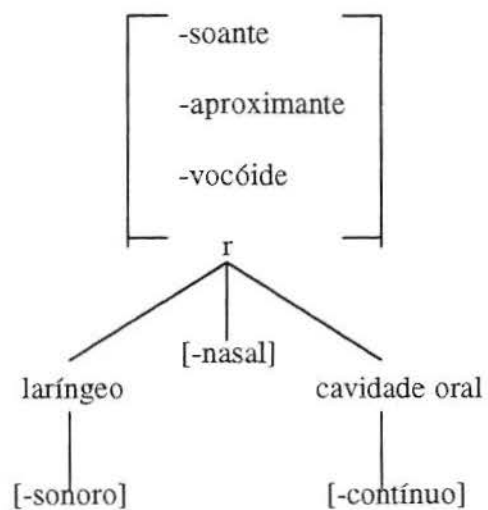


⁷ Spread, do inglês espreadamento ou espalhamento. Aqui significa glotis distendida.

As consoantes em Xavante podem ser agrupadas em *classes naturais* com base no modelo sobrecitado assim como segue:

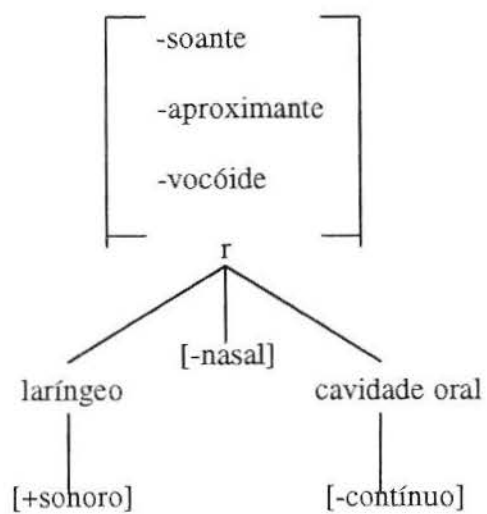
(99)

p t



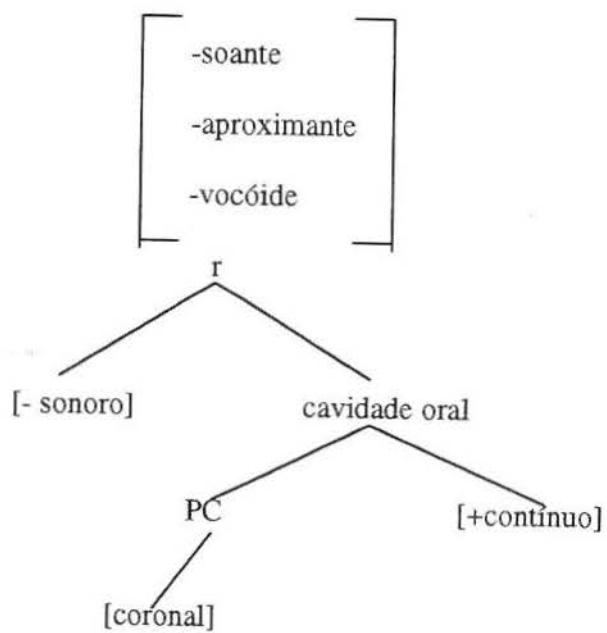
(100)

b d



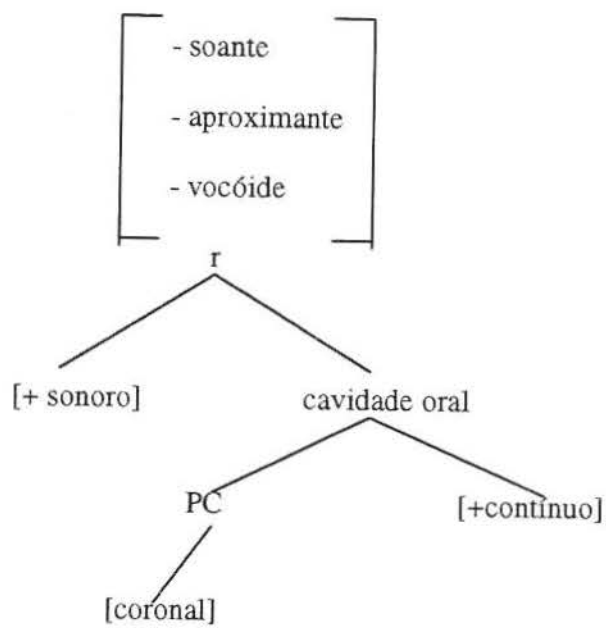
(101)

s



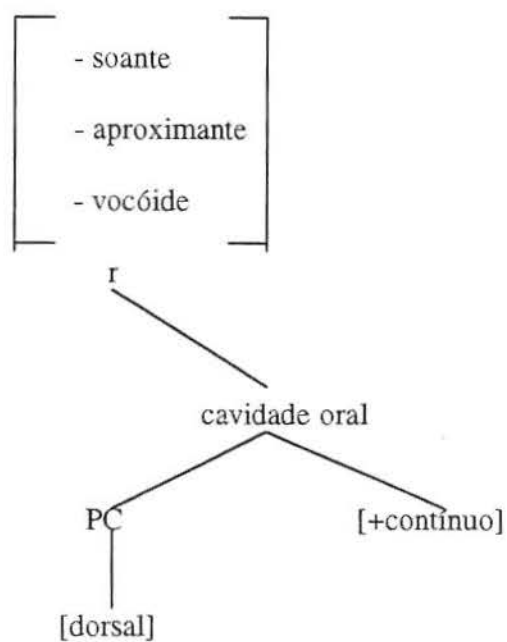
(102)

z



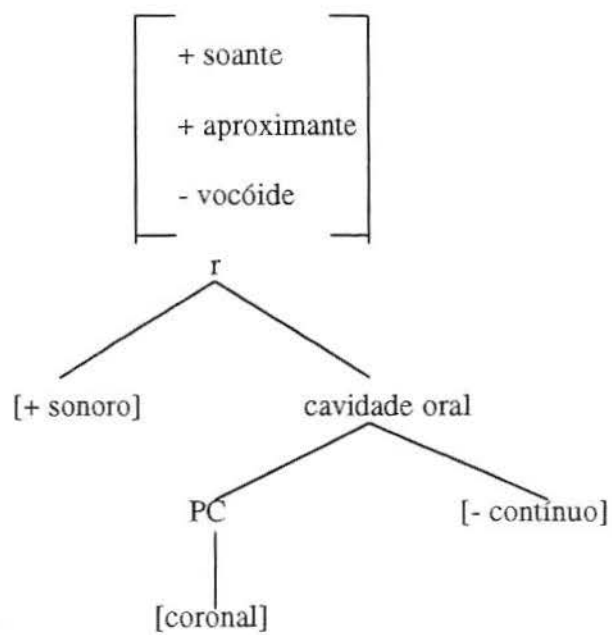
(103)

Y



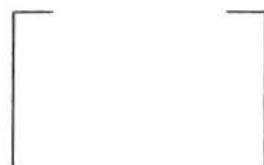
(104)

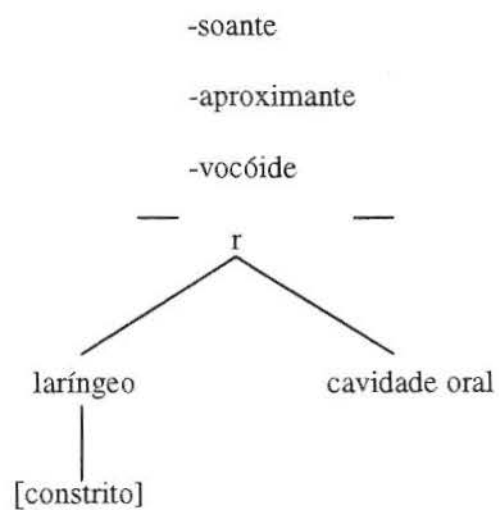
r



(105)

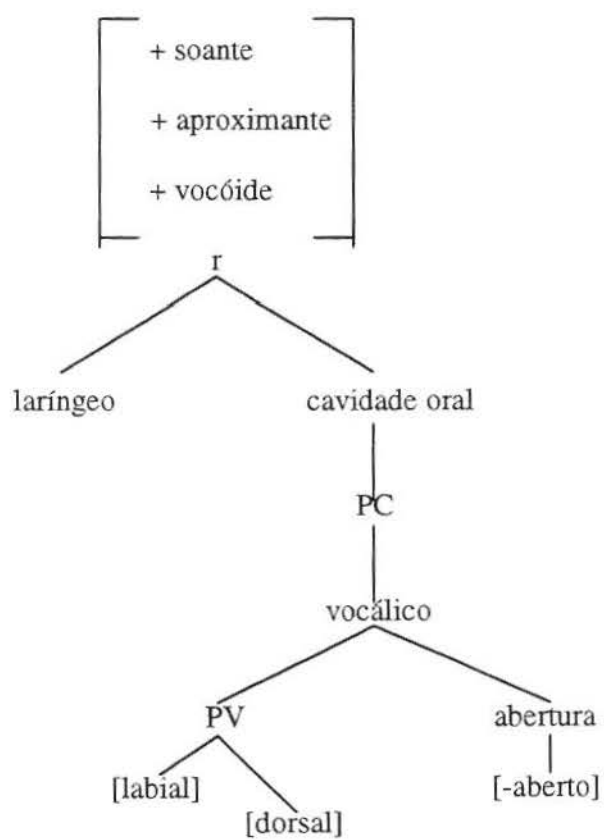
?





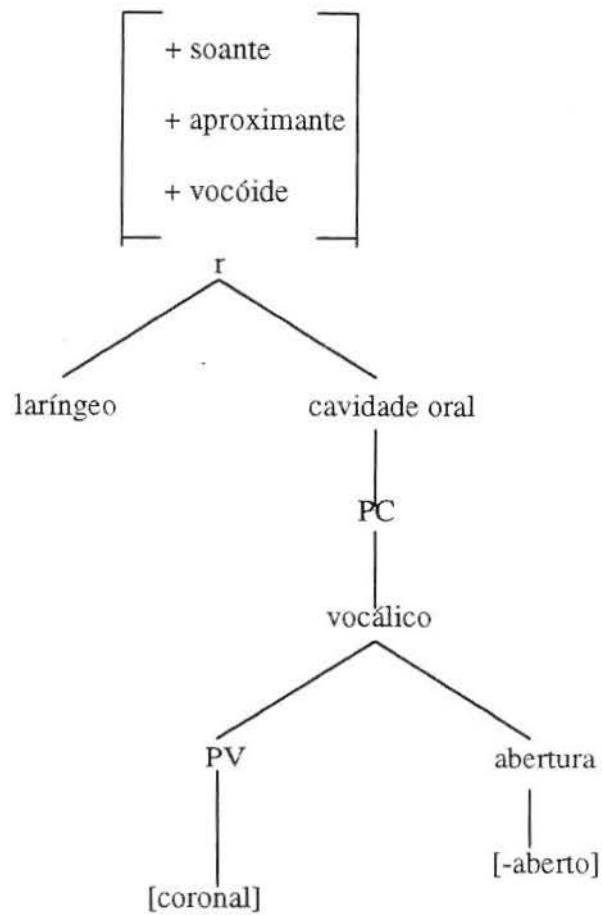
(106)

u



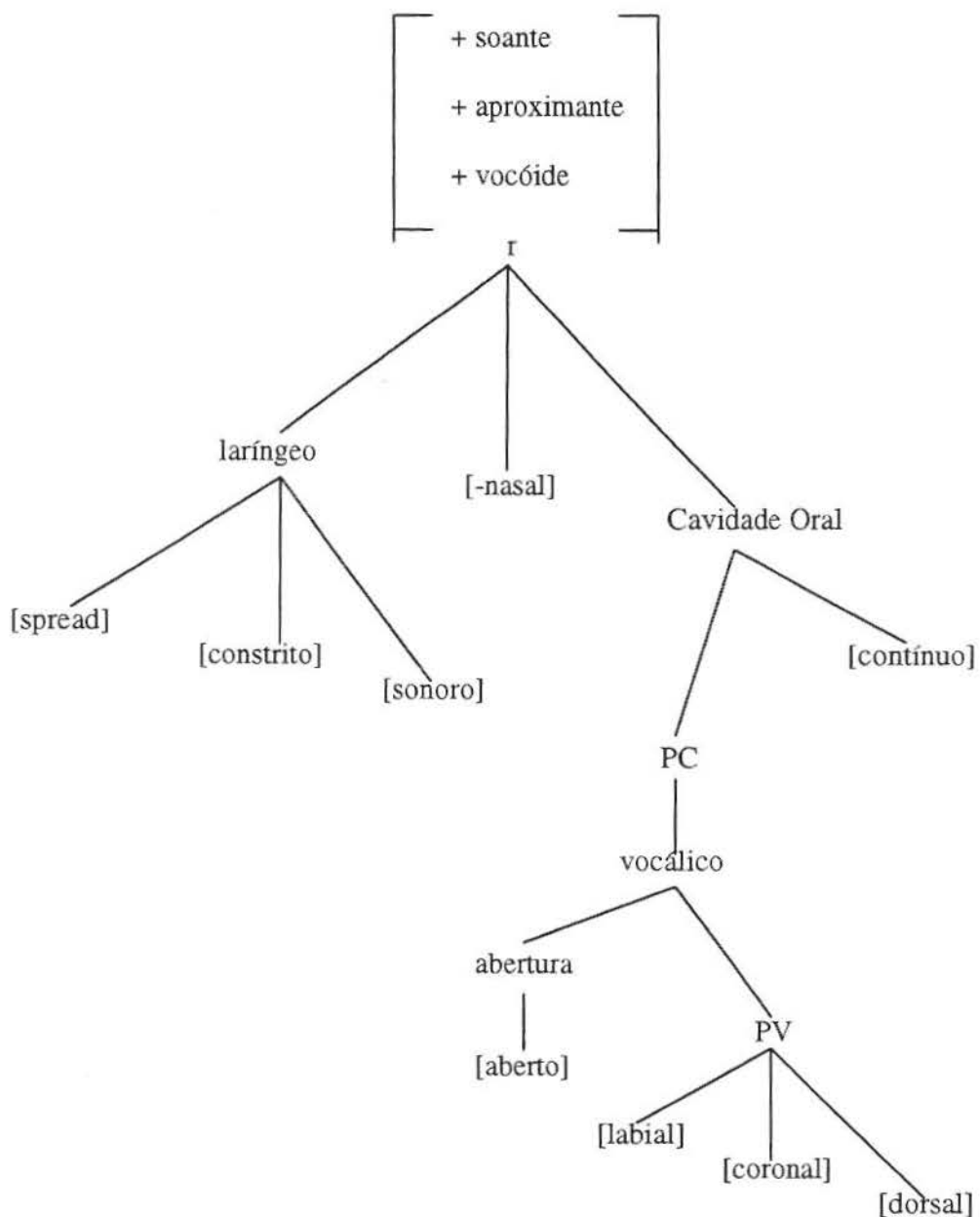
(107)

i

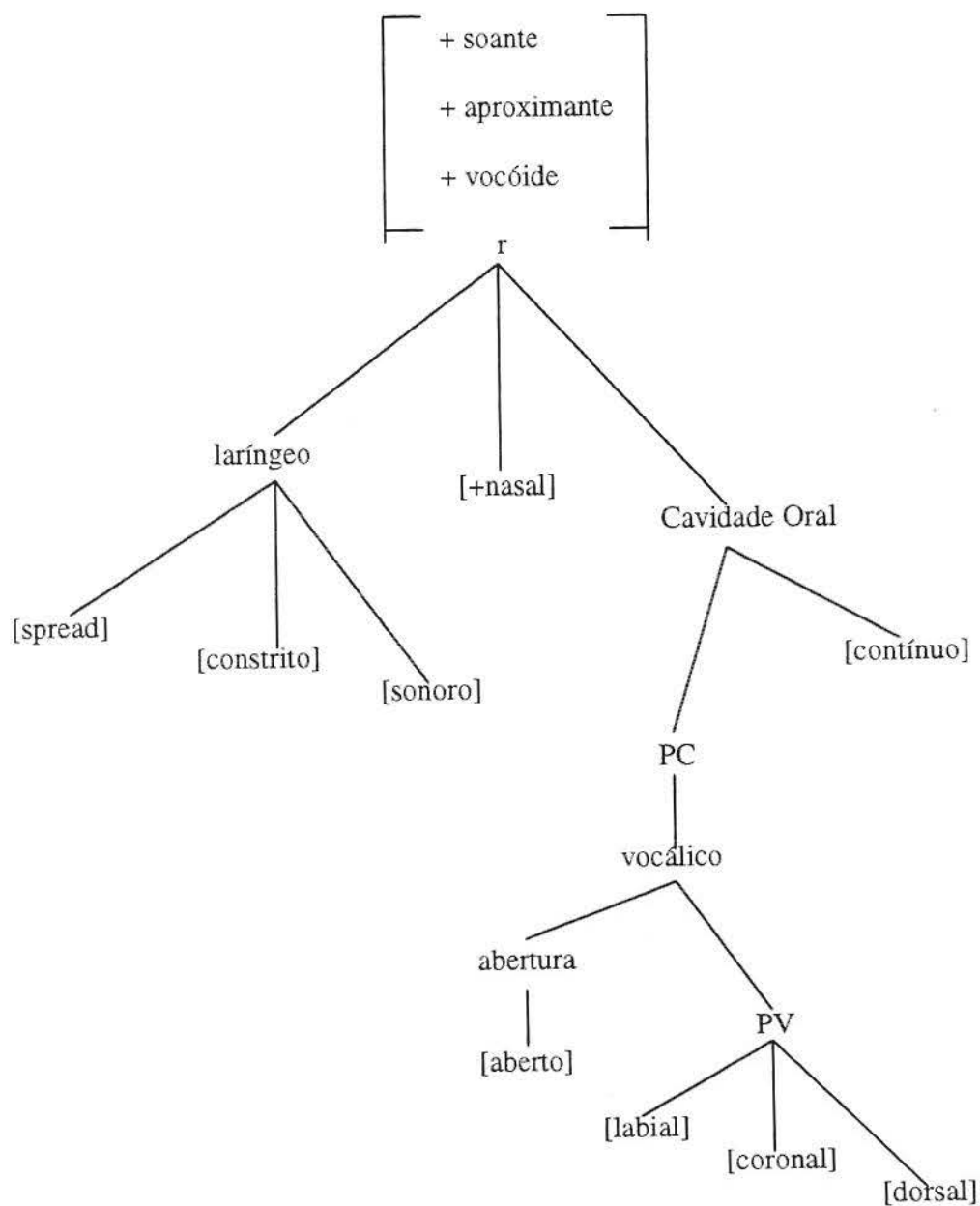


A Geometria de Traços não apresenta nenhuma distinção entre os segmentos **w** e **j** e os segmentos **i** e **e**. Estes são então definidos a partir da posição que ocupam na estrutura da sílaba.

As vogais orais são agrupadas em *classes naturais* com base no modelo sobrecitado assim como segue:
(108)

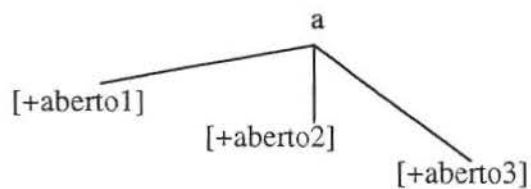


(108) As vogais nasais são agrupadas assim como segue:

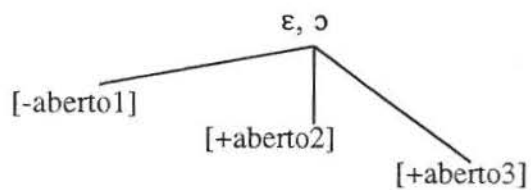


Seguindo o esquema em (104) as vogais em Xavante podem ser representadas pela abertura assim como segue:

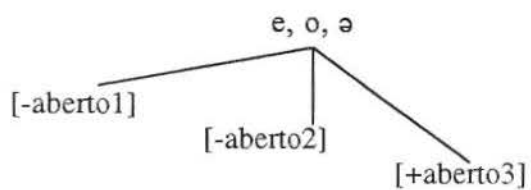
(109)



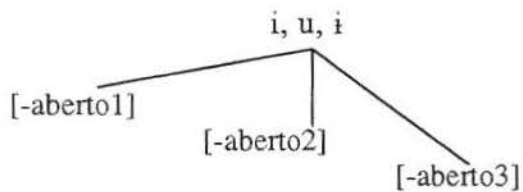
(110)



(111)



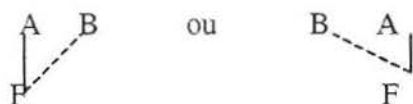
(112)



3.2. ASSIMILAÇÃO

Assimilação é uma das regras fonológicas mais recorrentes nas línguas. A fonologia gerativa padrão caracteriza assimilação em termos de cópia de traços, de forma que um segmento copia as especificações de traço de um segmento vizinho.

Para Geometria de Traços, segundo Clements e Hume (op.cit.), regras de assimilação são caracterizadas como associações ou espalhamento de traços ou nós F de um segmento A para um segmento vizinho B, como em:



Passaremos a seguir à descrição de segmentos que ocupam posição de margem de sílaba, ou seja, posição de Onset e Coda, em Xavante, observando a ocorrência de regras de assimilação ou espalhamento como caracterizadas pela fonologia de Geometria de Traços bem como as restrições estruturais da sílaba nessa língua. Propomos agora as seguintes representações para mostrar o condicionamento da Coda em Xavante a partir de todos os seus ambientes de ocorrência, vistos como processos de assimilação.

Vejamos os seguintes dados:

(113)

- | | | | |
|----|-----------|----------|-------------|
| a) | /jẽb.jẽ/ | [jẽm'jẽ] | ‘estragado’ |
| b) | /rɔp.'zɛ/ | [rɔb'zɛ] | ‘agradável’ |
| c) | /wap.'sẽ/ | [wap'sẽ] | ‘cachorro’ |

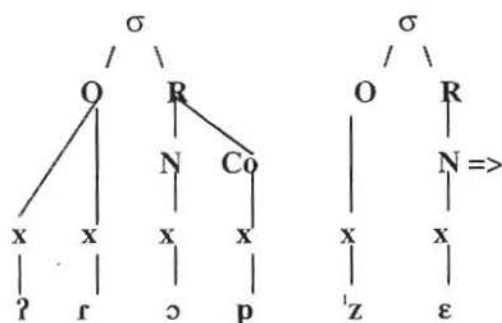
A realização dos segmentos em Coda é previsível em Xavante (cf.pág.69-71) e pode ser resumida como segue:

- a) Ocorre [p] diante de oclusiva surda;
- b) Ocorre [b] diante de oclusiva sonora;
- c) Ocorre [b] diante de glotal se a vogal que precede é oral;
- d) Ocorre [m] diante de glotal se a vogal que precede é nasal;
- e) Ocorre [m] diante de fricativa velar (mesmo que a vogal precedente seja oral);

A partir dos dados em (109), retomados acima, e conforme os ambientes de realização da Coda, previstos acima, hipotetizamos que antes de Onset [-soante] o traço de vozeamento é assimilado pela Coda que o precede enquanto antes de Onset nasal o traço nasal é assimilado pela Coda. Propomos para tanto as seguintes representações para descrever a derivação / formação da Coda em Xavante, em seus ambientes específicos de realizações, levando-se também em consideração as regras de silabificação para a língua (cf.pag.63).

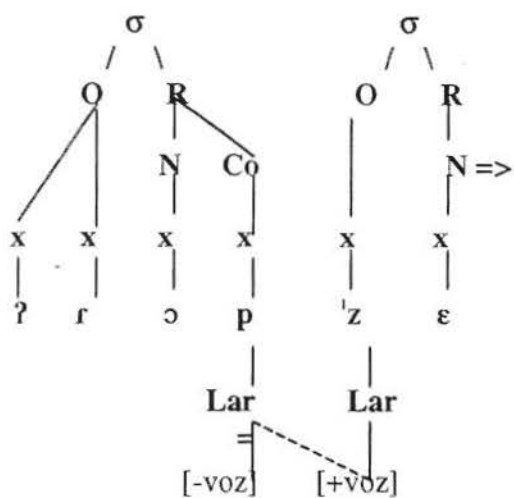
Vejamos como se comporta a Coda antes de Onset ocupado por [-soante]:

(114)

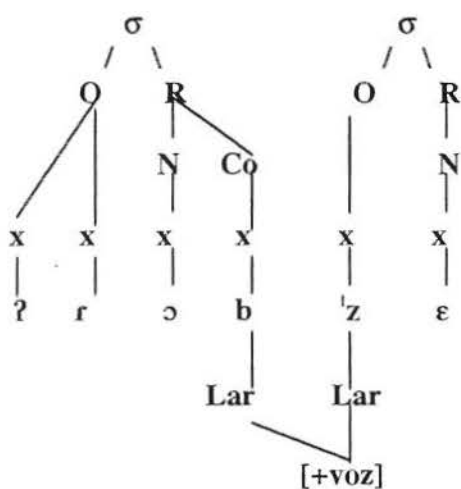


Representação fonológica.

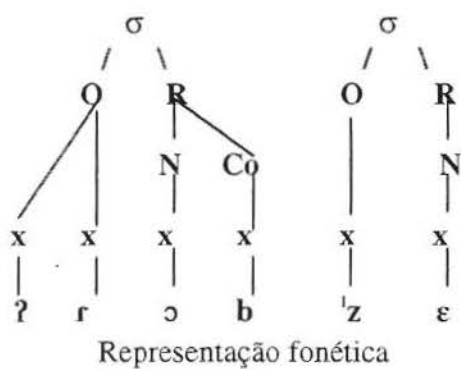
‘agradável’



Assimilação do traço [Voz] do Onset seguinte.



Assimilação do traço [Voz].



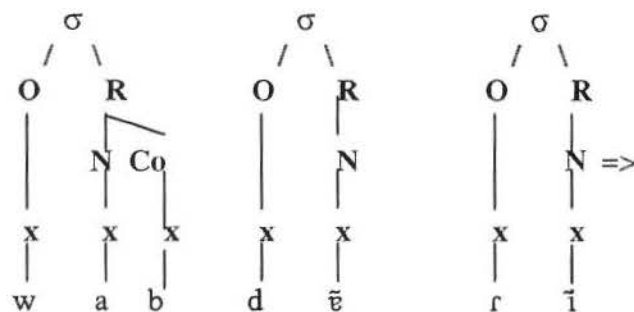
Vejamos agora como se comporta a Coda em ambiente antes de Onset ocupado por Nasal:

(115)

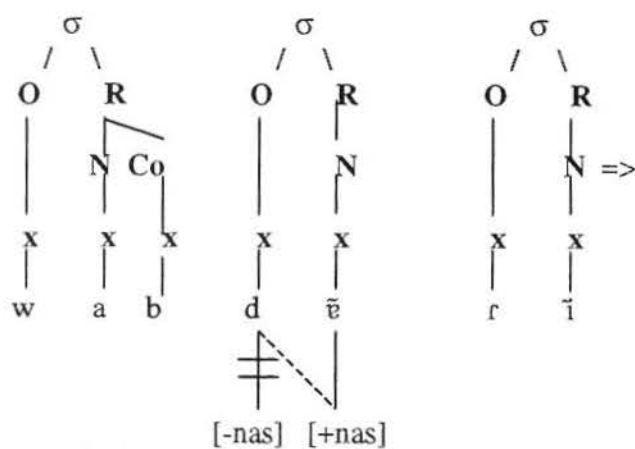
V_.N

/dēb.ˈjē/	[ŋēmˈŋē]	‘pássaro’
/wab.ˈdē rĩ/	[wamˈnē rĩ]	‘sacrifício’
/rəb.ˈdō.bri/	[rəmˈnōmrĩ]	‘advinhar’
/ub.jĩ.ˈē/	[ʔumpĩˈʔē]	‘arma’

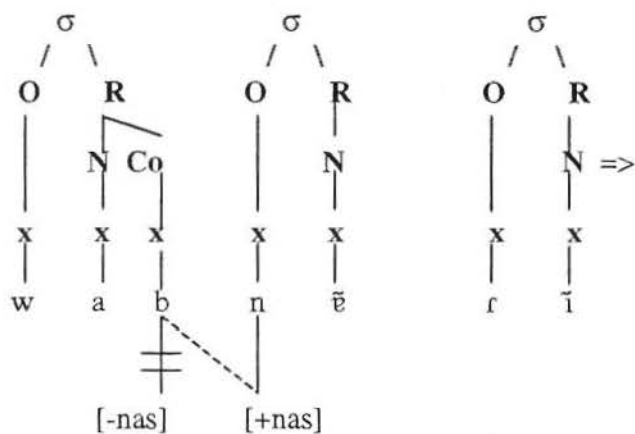
Quando o Onset é ocupado por uma nasal, hipotetizamos que o traço de nasalidade do Onset seguinte é assimilado pela coda. Propomos para tanto a seguinte representação para assimilação do traço [nasal] neste ambiente antes de Onset ocupado por Nasal:



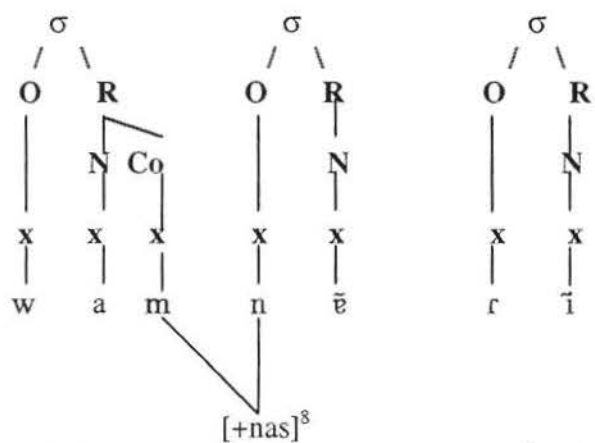
Representação fonológica.



Assimilação do traço $[+nasal]$ da vogal seguinte.



Assimilação do traço $[+nasal]$ do Onset seguinte.



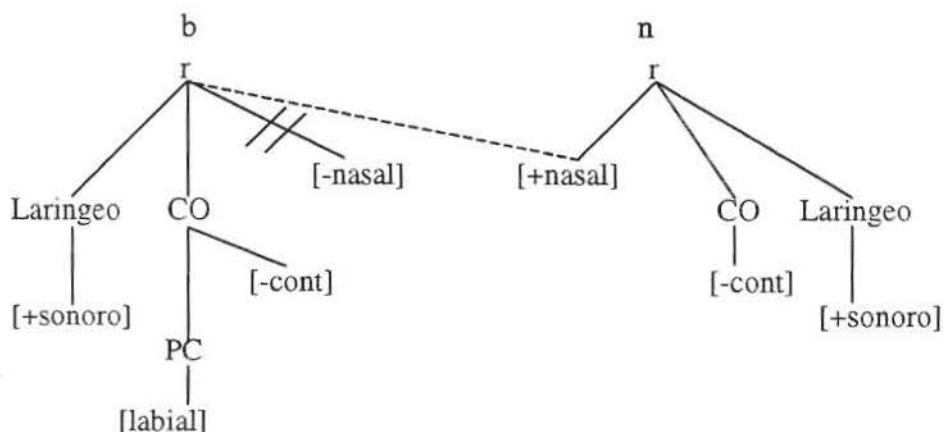
Representação fonética.

$[wam^h\tilde{n}\tilde{e}r\tilde{i}]$

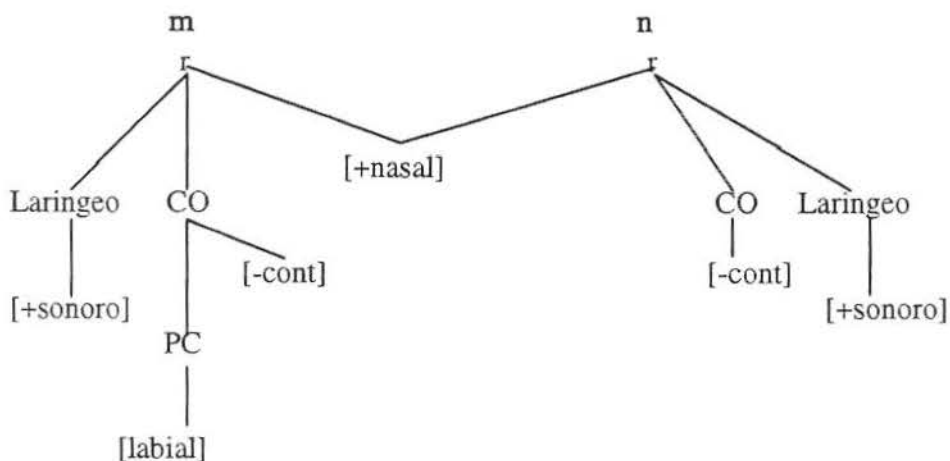
'sacrifício'

^s O PCO (Princípio do Contorno Obrigatório) nos obriga a representar desta maneira, e não com dois traços nasais independentes, pois ele proíbe dois traços idênticos adjacentes na mesma camada.

A assimilação do traço [nasal] da Coda ao Onset da sílaba seguinte pode ser representada mais detalhadamente como segue:



Assimilação do traço [+nasal] do Onset seguinte.



Vejamos agora como se comporta a Coda em ambiente antes de Onset ocupado por fricativa velar:

(116)

V₁.γ

[lɾɔm'ɣə]

/l.ɾɔb.'ɣə/

'longe'

[rɔm'ɣuri]	/rɔb.'ɣu.ri/	'trabalho'
[zom'ɣurẽ]	/zob.'ɣu.rẽ/	'formiga preta'
[zom'ɣi]	/zob.'ɣi/	'castanha fina'

Supomos a princípio que quando o Onset for ocupado por uma fricativa velar a Coda assimilaria o traço de vozeamento e se realizaria como nasal, no entanto não conseguimos nenhuma evidência para motivar essa derivação.

Poderíamos supor também que há uma vogal subjacente nasal que estaria nasalizando a consoante (e depois, por sua vez, se desnasalizando), como ocorre normalmente em outros ambientes em Xavante, entretanto isso tornaria a análise mais abstrata, e muito mais *ad hoc*.

Poderíamos pensar também que neste ambiente os segmentos [b] e [m] estão em oposição, no entanto, não encontramos nenhum par mínimo para evidenciar a oposição nesse ambiente, além do mais, como vimos, os ambientes de ocorrência são muito específicos, como já foi dito antes, (cf.pág.85), assim acreditamos que a distribuição é de fato complementar.

Em nossa análise fonêmica, identificamos os segmentos [b] e [m] como alofones em distribuição complementar (cf.pag 47) em posição de Onset e Coda, de forma que, para dar conta dos dados em (111) teríamos a seguinte regra válida para este ambiente: /b/ => m__ [ɣ], não menos *ad hoc*, é claro. Entretanto essa regra nos parece até agora, a solução mais viável para esse problema. De forma que preferimos postular que nesse ambiente específico, ou seja, em posição de Coda antes de fricativa velar [ɣ] a realização default do fonema /b/, será [m].

Vejamos agora como se comporta a Coda em ambiente antes de Onset ocupado pela aclusiva glotal seguida de vogal oral:

(117)

V_.?v

/sib'εzε/ [sib.'ʔε.zε] 'faca'

Nesse ambiente, como já assumimos antes, a Coda é subjacentemente /b/, visto que essa é uma das possibilidades de realização de Coda prevista anteriormente e observamos que esta se realiza foneticamente como [b], como no dado acima, logo não se trata aqui de nenhum processo de assimilação, como poderíamos supor, a partir da nossa hipótese inicial de que a Coda assimilaria o traço [voz] e/ou [nas] do Onset seguinte.

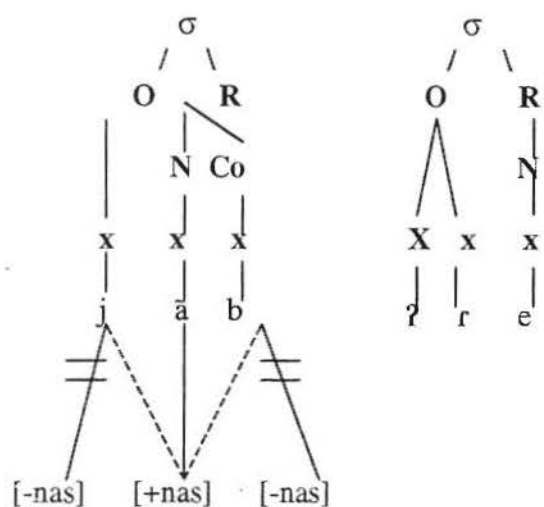
Vejamos agora como se comporta a Coda em ambiente antes de Onset ocupado pela aclusiva glotal seguido de tepe, ou seja, do cluster ʔr:

(118)

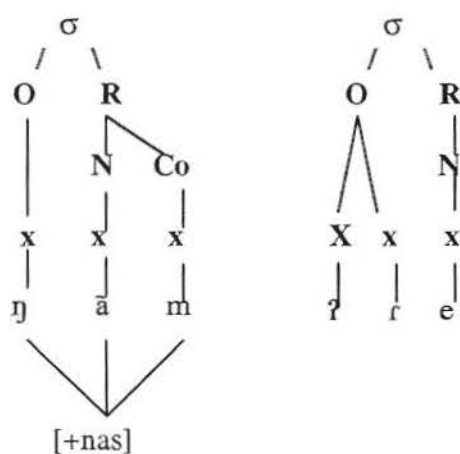
V_ʔr

- | | | |
|---------------------|---------------|-----------------|
| a) /jãb.'ʔre/ | [ɲãm'ʔre] | 'fazer esteira' |
| b) /jãb.'ʔri/ | [ɲãm'ʔri] | 'trançar' |
| c) /rɔb.'ʔre/ | [rɔb'ʔre] | 'seca' |
| d) /rɔb.ʔrẽ.'su.tu/ | [rɔbʔrẽ'sutu] | 'matar' |

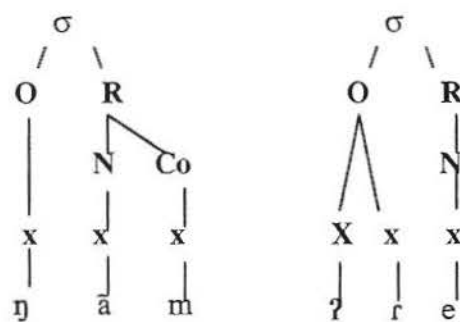
Observamos que nesse ambiente a Coda realiza-se por vezes como [b] e por vezes como [m]. Acreditamos que nesse caso o traço nasal da vogal que antecede é assimilado pela Coda, como nos dados (a) e (b). Esse mesmo traço é também espalhado para o Onset dessa sílaba. Representamos essa assimilação assim como segue:



Assimilação (bidirecional) do traço nasal do núcleo para o Onset e a Coda.



Representação da assimilação da nasal.



Representação fonética.

‘trançar’

A partir dos dados acima analisados propomos inicialmente a seguinte interpretação para o condicionamento dos traços [voz] e [nasal] na especificação da Coda em Xavante:

Quanto ao gatilho;

O gatilho para a especificação da coda em Xavante é por vezes o Onset da sílaba seguinte, seja ele nasal, obstruinte, tepe, vibrante ou glotal e por vezes a vogal do núcleo da mesma sílaba.

Quanto ao domínio;

Esse condicionamento aplica-se à Coda de todas as sílabas, tônicas ou átonas, iniciais ou mediais no domínio prosódico da palavra.

Quanto às características;

Esse condicionamento é visto como uma assimilação, chamada espraçamento, na Fonologia de Geometria de Traços (FGT), do traço [Voz] e do traço [Nas].

Agora passaremos à análise de segmentos [-silábico], que descrevemos anteriormente em nossa análise, como Glides.

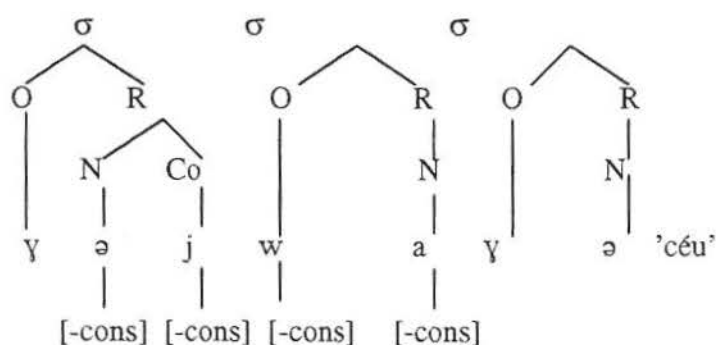
3.3. GLIDES

Esses sons são considerados fonologicamente como consoantes pois ocupam posições de margens na sílaba; entretanto, foneticamente não apresentam a fricção exigida pela definição de consoante, seu caráter é portanto vocálico. Esses sons são também conhecidos como semivogais ou semiconsoantes. Segundo a teoria fonológica de traços distintivos proposta por Chomsky e Halle (1968), esses segmentos são [-silábico] em relação às vogais que são [+silábico].

Em nossa análise do Xavante reconhecemos os segmentos labial [w] e palatal [j] como fonemas distintos. No entanto, de acordo com as orientações das teorias fonológicas mais atuais, questionamos se de fato [w] e [j] aparecem na estrutura de base da língua como fonemas consonantais ou se apenas aparecem na estrutura superficial como realizações fonéticas de suas vogais correspondentes altas posterior /u/ e anterior /i/.

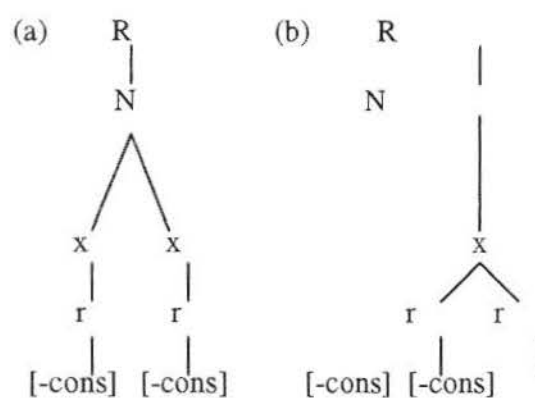
Propomos para a solução dessa questão, tratarmos desses segmentos observando sua posição na estrutura da sílaba, visto que segundo as teorias não-lineares, a diferença entre os segmentos [-cons] (glides e vogais) é estabelecida estritamente em função da posição na estrutura da sílaba que estes segmentos ocupam em cada língua. Assim, se o segmento ocupar a posição de *Núcleo*, será interpretado como vogal; mas, se ocupar as posições de margem de sílaba, ou seja, *Onset* ou *Coda*, será interpretado como glide.

As teorias Não-lineares da estrutura silábica estabelecem, ainda, que segmentos [-cons] podem ser combinados tanto numa sequência de *Núcleo-Coda* quanto numa sequência de *Onset-Núcleo* conforme o exemplo seguinte:



combinação: vogal-glide / combinação: glide-vogal

É possível também que seqüências desse tipo ocupem uma mesma posição nuclear. Nesse caso, tais segmentos podem ocupar duas unidades de tempo, como em (a), ou apenas uma unidade temporal, como em (b):



Baseando-nos nesses princípios teóricos, passaremos a seguir às análises desses segmentos [-cons] e das seqüências possíveis desses segmentos em Xavante.

3.3.1. GLIDE LABIAL /w/

Em Xavante, o glide labial /w/ ocorre no template da sílaba em posição de Onset inicial e medial de palavra antes das vogais /a/, /ẽ/, /e/, /e/, /ẽ/, /i/ e /ə/, como nos dados apresentados em nossa análise descritos anteriormente (cf.pág. 26).

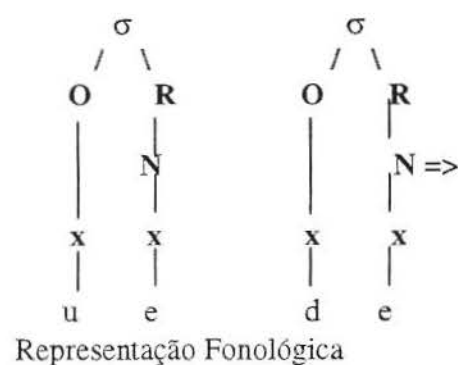
Assim temos exemplos como:

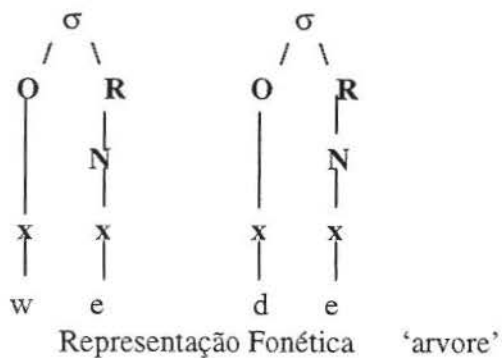
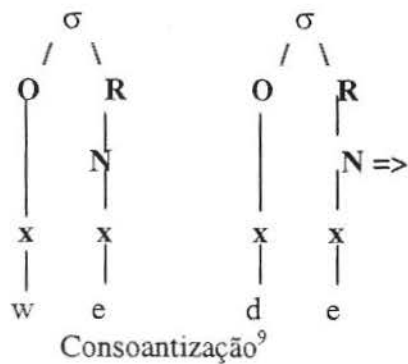
(119)

[^h waĩ]	‘fumo’
[wẽrẽ'ʔu]	‘tatu’
[^h wede]	‘árvore’
[^h wẽdi]	‘bom’
[ʔa'ʔwẽ]	‘gente’

A SEQUÊNCIA [W]V:

Propomos a seguinte representação para descrever a derivação / formação do glide labial em Xavante na posição de Onset.





3.1.2. GLIDE PALATAL /j/

Em Xavante, o glide palatal /j/ ocorre no template da sílaba em posição de Onset inicial e medial de palavra, antes de vogal oral, em variação livre com [z] o que caracteriza mais uma evidência de que este é realmente consonantal no sistema. Antes de vogal nasal se realiza como [ɲ] e [ŋ] (cf.pág. 44).

⁹ Do ponto de vista da Geometria de Traços não há nenhuma distinção entre os segmentos **w** e **j** e os segmentos **u** e **i**, entretanto se considerarmos a posição que estes ocupam na estrutura silábica, sabendo-se que é proibido em

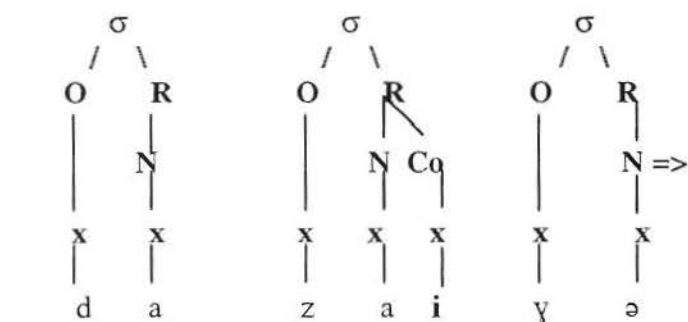
A SEQUÊNCIA V [j]:

O glide palatal /j/ ocorre em posição de Coda inicial e medial de palavra depois das vogais /a/, /ẽ/, /e/, /ə/, /õ/ e /u/, (cf. pág. 26) da nossa análise, como nos dados que seguem:

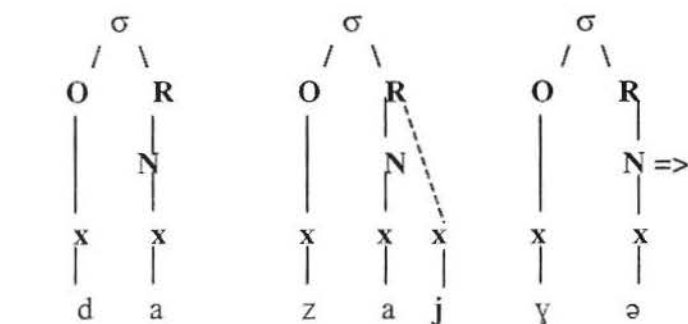
(120)

- | | |
|-----------------|---------------------|
| a) [ʔaj'mēmẽ] | 'seu pai' (de você) |
| b) [ʔwesuj'rã] | 'flor' |
| c) [ʔetɛrẽj'rẽ] | 'monte, morro' |
| d) [dazaj'ɣə] | 'boca' |

Propomos a seguinte representação para descrever a derivação / formação do glide palatal em Xavante na posição de Coda:

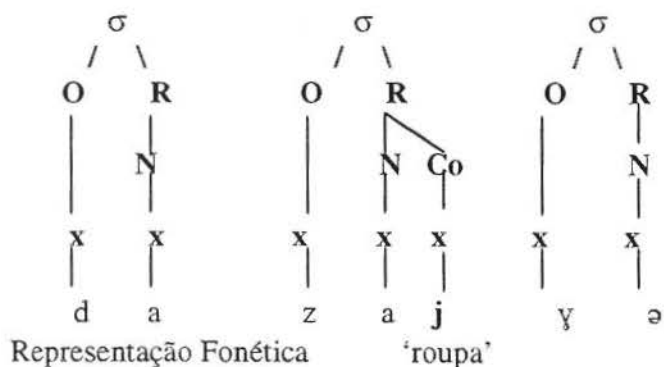


Representação Fonológica



Consoantização

Xavante seqüências de vogais, os elementos u e i poderam ser consoantizados, ou seja, poderam ocupar posição de Onset ou Coda da sílaba.



A SEQUÊNCIA [j] V:

Na fala rápida registramos a ocorrência do glide /j/ em posição de Onset. Como observamos anteriormente em nossa análise, esse segmento ocorre como uma variação de [z], como nos dados em (57), da nossa análise. Assim temos:

(121)

a) /da.jĩ.bĩ.za.'bõ/ [daɲĩmĩza'mõ] 'bicho doméstico' (fala lenta)

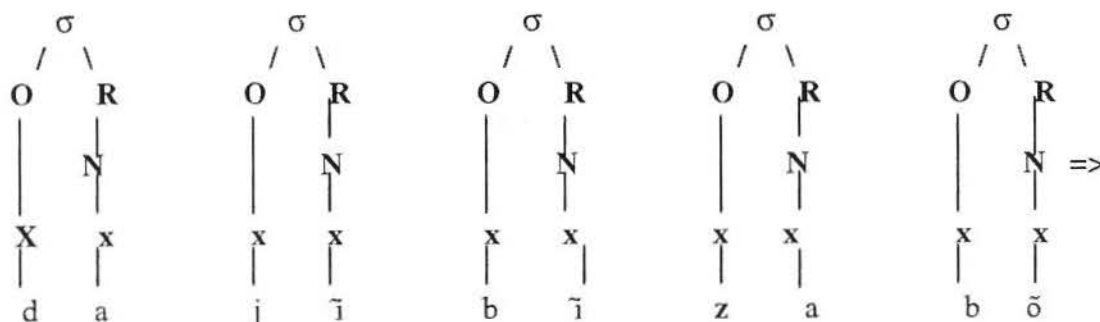
que se realiza como em (b)

b) /da.jĩ.bĩ.za.'bõ/ [daɲĩmĩja'mõ] 'bicho doméstico' (fala rápida)

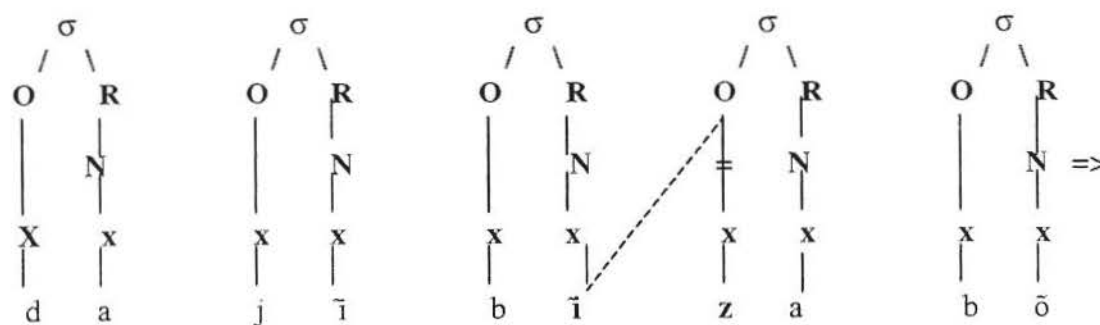
Consideramos aqui, como primeira possibilidade de análise, que há um processo de enfraquecimento (*lenition*), que atua na sonoridade relativa dos segmentos acima. De acordo com Ewen (em Goldsmith, 1996:577-578), a sonoridade de um segmento no final de uma escala consonantal pode ser transformada de várias maneiras, ou seja, pela adição do vozeamento ou pela redução do grau de estrutura. Ainda segundo Ewen, em ambos os casos isso envolve uma representação [+V].

Uma outra possibilidade de análise é considerar o apagamento de [z], o que ocasionaria uma posição vazia no Onset de forma que na ressilabificação fonética a vogal [i] é espalhada e uma cópia dela passa a ocupar essa posição.

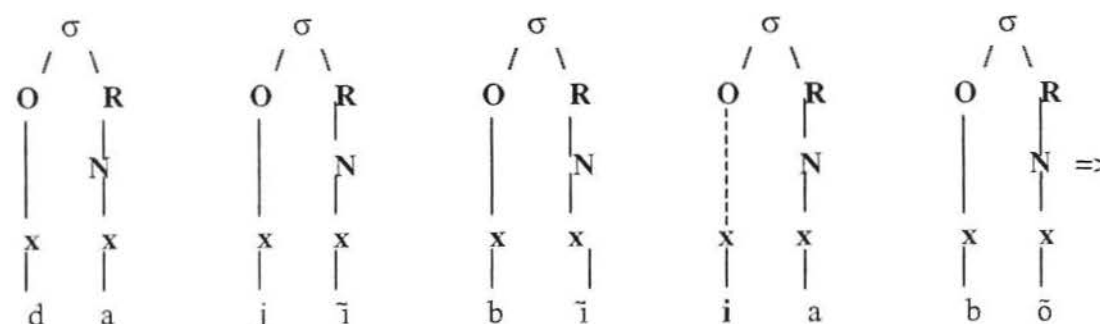
Propomos a seguinte representação para descrever a derivação / formação desse glide palatal em posição de Onset.



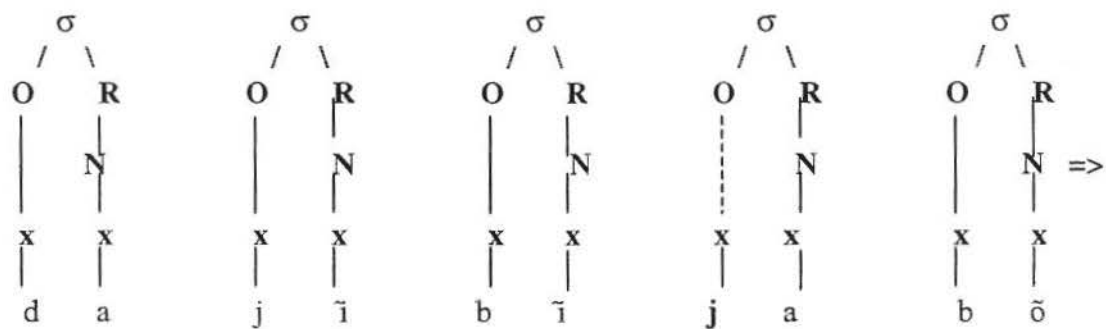
Representação Fonológica



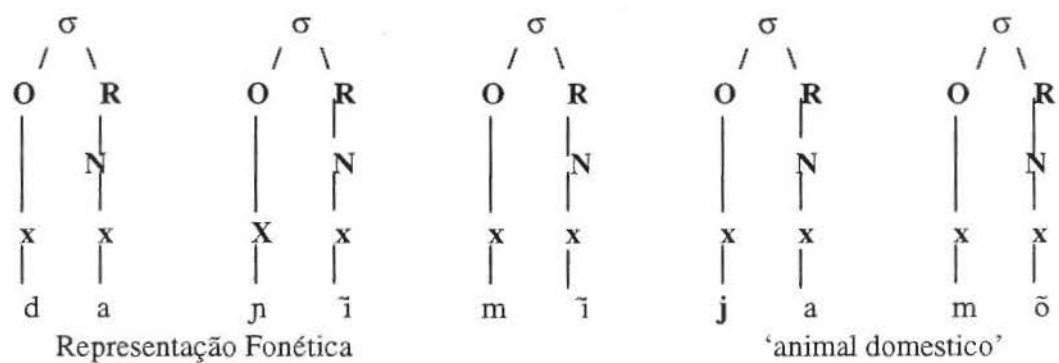
Assimilação do traço [-cons] da Rima ao Onset seguinte.



Vocalização



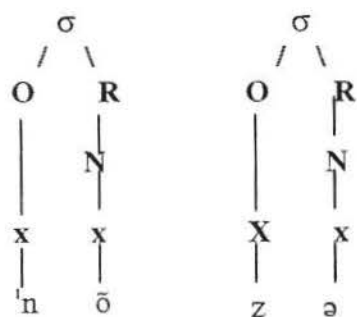
Consoantização



3.9. A NASALIDADE EM XAVANTE

Em Xavante a nasalidade ocorre em vogais, sendo que as consoantes sonoras podem ser nasalizadas a partir das vogais nasais. O espalhamento da nasalidade parece ser quase sempre da direita para esquerda e se projeta do núcleo da sílaba em direção ao Onset. Há quatro segmentos consonantais nasalizados em Xavante: /b/, /d/ e /j/ que se realizam com [m], [n] e [ɲ] e quatro segmentos vocálicos nasais: /ẽ/, /ẽ/, /ĩ/ e /õ/.

Como visto em nossa análise fonêmica a consoante nasal [m] pode ocorrer tanto em posição de Onset antes de qualquer vogal nasal, quanto em posição de coda, antes de consoante nasal, tepe ou glide labial, como alofone de /b/. Todas as outras consoantes nasalizadas ocorrem em início de sílaba, portanto segmentadas no Onset:



Representação fonética

‘milho’

(122)

- a) /'bẽ.rẽ/ ['mẽrẽ] ‘mato’
b) /'jõ.yu/ ['ɲõyu] ‘padrinho’

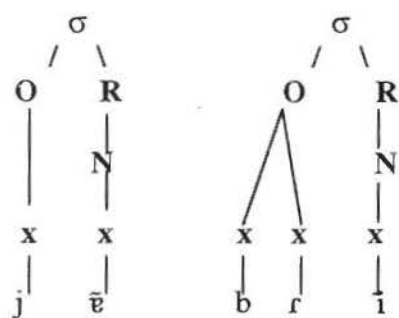
Quando a nasal labial está em posição de coda, neste caso sua ocorrência vai estar condicionada à assimilação do traço [Nasal] do Onset seguinte e por vezes à assimilação do traço [Nasal] da vogal anterior, conforme analisado anteriormente.

A nasal labial pode ocorrer também como primeiro segmento no Onset complexo **mr**, antes de vogal nasal, como nos dados que seguem:

(123)

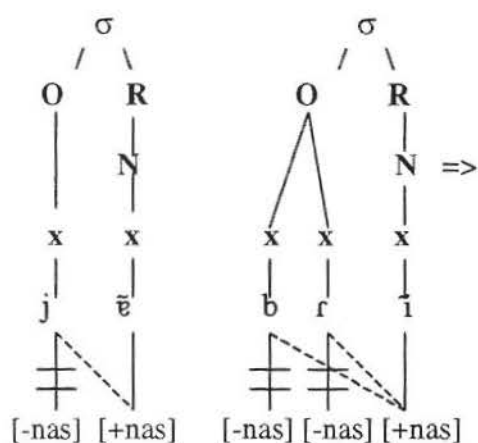
a) /ɿ.ˈbɾõ.tõ/ [ɿˈmrõtõ] ‘sem par’

b) /ˈjẽ.bɾĩ/ [ˈɲẽmɾĩ] ‘trançar’

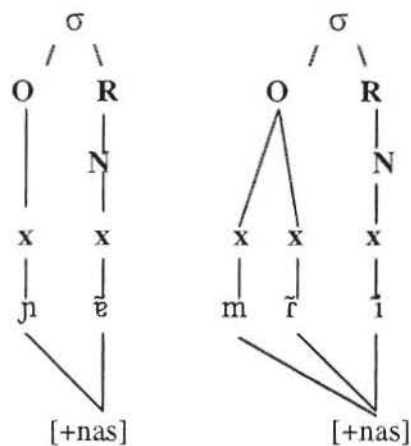


Representação fonológica

‘trançar’



Assimilação do traço [nasal] da vogal.



Representação fonética.

3.10. SEGMENTOS LONGOS EM XAVANTE

Os sons da fala podem ser longos ou breves. Segundo Clements e Hume (op.cit) e McCarthy (1981,1985) , o comprimento ou quantidade fonológica pode ser definido como biposicionalidade no *tier* representando quantidade fonológica, ainda que seja como CV ou esqueleto-X, como em:



Em Xavante podemos observar um prolongamento de todos os segmentos vocálicos nasais e orais, [a], [ɛ], [e], [i], [o], [ɔ], [ə] e [ɪ] com exceção do [u] que não foi encontrado em nosso Corpus, passando a [a:], [ɛ:], [e:], [i:], [o:], [ɔ:], [ə:] e [ɪ:], como nos dados seguintes:

(124)

a) [rom'ʏədi]	/rob.'ʏə.-di / longe - copulativo	'é longe'
[rom'ʏə:di]	/rob.'ʏə.-di / longe- copulativo	'é muito longe'
[ma'redi]	/bã.'re.-di / não - copulativo	'não'
[mã're:di]	/bã.'re.-di/ não - copulativo	'realmente não'
['ʏədi]	/'ʏə.-di/ frio - copulativo	'é frio'
['ʏə:di]	/'ʏə.-di/ frio - copulativo	'é muito frio'
b) ['pɔzɛ]		'veado'
['pɔ:zɛ]		'veado' (enfático)
[pɔ'nɛrɛ]		'cervo'
[pɔ'nɛ:re]		'cervo'
['tiʔa]		'terra'
['ti:ʔa]		'terra'
c) [ʏa'du]		'espere'
['ʏa:du]		'espere (com calma)'
d) [ʔe'mã:rĩ]	/e.-bã.rĩ/ part.interrog - palavra QU	'o quê ?'
[ʔemãrĩ'zə]	/e.-bã.rĩ.-zə/ part.interrog - palavra QU causativo	'por quê ?'
[ʔemãrĩ'da]	/e.-bã.rĩ.-da/ part.interrog - palavra QU	'para quê ?'
[ʔe'mõ:mõ]	/e.-bõ:.bõ/ part.interrog - palavra QU	'onde?'

part.interrog - palavra QU

[ʔemõ'mõ#teaj'mõ]

'onde você vai?'

/e.-bõ.bo.-te.aj.'bõ/

part.interrog - palavra QU 2ªpSing ir

Os dados em (a) a (d) evidenciam que o alongamento nesses casos tem um valor enfático. Este fato ocorre em todos os casos, com exceção dos dados em (b), que tem um caráter evidentemente suprasegmental, não lexical, como sinalizamos anteriormente. Postulamos então que quando estes segmentos ocuparem o núcleo da sílaba tônica em palavras paroxítonas, ocorrerá um prolongamento desse mesmo núcleo, portanto ele é previsível, somente fonético não ocasionando nenhuma mudança no significado das palavras. Na fala rápida ele desaparece.

Esse assunto merece um melhor estudo, no entanto não dispomos de dados suficientes para desenvolvê-lo aqui, o que faremos em um próximo trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as nossas análises sejam ainda preliminares frente à complexidade da fonologia da língua, chegamos a algumas conclusões sobre a variante Xavante falada em Pimentel Barbosa, que são aqui resumidas.

Esse estudo foi dividido em três capítulos: no primeiro, nos propusemos fazer um breve histórico sobre a língua e o povo Xavante a fim de situar o leitor acerca do mundo novo no qual nos inserimos para a realização desse trabalho. Além disso descrevemos resumidamente como se deu nosso contato com esse povo bem como sua língua, procurando mostrar os motivos que nos levaram a desenvolver essa dissertação e os objetivos que tínhamos em relação a ela.

No segundo capítulo, realizamos uma análise fonética onde, primeiramente, registramos a distribuição e descrição de todos os segmentos encontrados em nosso *corpus*, como requisito básico para as análises posteriores. Em seguida, usando os procedimentos da análise fonêmica (Pike, 1947), descrevemos os segmentos consonantais e vocálicos que se encontram em contraste, distribuição complementar e variação livre. Detectamos como fonemas consonantais, nessa variante, os segmentos: /p/, /b/, /t/, /d/, /ʔ/, /t/, /s/, /z/, /ɣ/, /j/ e /w/ e como fonemas vocálicos os segmentos: /a/, /ẽ/, /o/, /ɔ/, /õ/, /i/, /ĩ/, /ə/, /ɨ/, /u/, /e/, /ẽ/ e /ε/. Nesse mesmo capítulo, fazemos uma análise ainda preliminar da estrutura da sílaba em Xavante, e assumimos como fórmula básica (C)CV(C) para descrever sua estrutura, uma vez que processos fonológicos importantes acontecem nesse nível.

No terceiro capítulo descrevemos a formação da Coda em Xavante, quando evidenciamos os processos de assimilação dos traços [voz] e [nasal] do Onset seguinte que são assimilados pela Coda. Embora tenhamos trabalhado com essa hipótese, em alguns ambientes essa nos pareceu difícil justificar, então deixamos esse problema para ser trabalhado em um outro momento.

Considerando a existência de vogais nasais na língua, observamos que a nasalização acontece da vogal em Núcleo em direção ao Onset, nasalizando assim a consoante /b/, que se realiza como [m], bem como /j/, que se realiza como [ɲ] ou [ɲ]. Entretanto, há outros processos de nasalização que precisam ser melhor descritos.

Tratamos também do alongamento de segmentos vocálicos, quando verificamos que estes são previsíveis na língua, ou seja, o alongamento é fonético uma vez que este sempre ocorre em ambiente específico, em posição de sílaba tônica em palavras paroxítonas.

Não tivemos a pretensão, de modo algum, de abranger em nossa análise toda a fonologia da língua. Ao finalizar essa primeira parte da pesquisa, a conclusão a que chegamos é que muito ainda há que ser dito sobre a fonologia Xavante, o que pretendemos continuar estudando.

ABSTRACT

This study intends to present a preliminary analysis of the phonology of the Xavante language, based on data collected in sporadic visits between 01/96 and 10/98 to the Pimentel Barbosa Indigenous land, located on the northeast side of the state of Mato Grosso. The corpus is composed of recordings and transcriptions of Xavante narratives, The National Museum's (Rio de Janeiro) "Formulário dos Vocábulo Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas", and some handwritten field notes.

The data are shown and analysed in three moments: first, in the phonetic analysis, we make a description and distribution of all consonantal and vocalic segments found in the Corpus. Then, based on Pike's "Phonemics" (1947), we show the contrasting phonemes in the language. We also analyse Xavante syllable structure, since important processes happen at this level. In a third moment we present a preliminary analysis of some phonological processes such as assimilation, treated as feature spreading (Clements and Hume, 1995), which occurs at the syllable level, as well as nasalization.

This study also intends to give support to the discussion about the Xavante writing system, since it shows some phonological processes not treated in the current literature about the language which, in our opinion, are relevant for any discussion about the orthography of this language.

KEY WORDS

1. Indigenous Language - Phonology
2. Jê Languages
3. Xavante Language

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Fonologia: a gramática dos sons*. **Revista de Letras 5** (Fonologia e Sintaxe). Santa Maria:UFSM (5):9-24. 1993.
- & WETZELS, Leo. *Sobre a estrutura da gramática fonológica*. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas: IEL-Unicamp, (23):5-17. 1992 .
- BURGESS, Eunice. *Xavante Hyperphonemics*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ. SIL. 1961.
- BURGESS, Eunice. *Duas análises da sílaba Xavante*. In **Estudos sobre Línguas e Culturas Indígenas**. Brasília. DF. SIL:96-102. 1971.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Fonologia do Português. Análise pela geometria de traços**.(Parte 1). Campinas: ed. do autor. 1997.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York, Harper & Row. 1968.
- CLEMENTS, George N. *The Geometry of Phonological Features*. **Phonology Yearbook 2**. Cambridge/UK: Cambridge University Press: 225-252. 1985.

..... *Place of Articulation in Consonants and Vowels: a Unified Theory.*

Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory. Ithaca: Cornell University (5):77-123.

CLEMENTS, G.N. & HUME, Elizabeth V. *The internal organization of speech sounds.* In J. Goldsmith (org.) **The Handbook of Phonological Theory.** Cambridge, Mass.: Blackwell: 245-306. 1995.

CLEMENTS, G.N. & KEYSER, S. Jay. **CV Phonology: a generative theory of the syllable.** Cambridge, Mass.: MIT Press. 1983.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética.** Trad. Maria C.P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1998.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *O modelo das geometrias de traços e as línguas do tronco Macro-Jê.* **Letras de Hoje**, (104):50-6.

GOLDSMITH, John A. **The Handbook of Phonological Theory.** Cambridge, Mass.: Blackwell Publishers. 1995.

..... **Autosegmental & Metrical Phonology.** Cambridge/Oxford, Basil Blackwell. 1990.

GRAHAM, Laura R. **Performing Dreams. Discourses of immortality among the Xavante of central Brazil.** Austin, University of Texas Press. 1995.

- HALL, J. *Xavante Noun Phrases and Morpheme Classes*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ.SIL. 1961
- HAYES, Bruce P. **Metrical Stress Theory. Principles and case studies**. Chicago: Chicago University Press. 1995
- KAYE, Jonathan D. **Phonology. A Cognitive View**. Cognitive Science Series/tutorial essays. 1989.
- KEYSER, S. Jay & CLEMENTS, G.N. **CV Phonology: a generative theory of the syllable**. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1983.
- LACHNITT, Georg. **Gramática Xavante**. Mato Grosso: Missão Salesiana de Mato Grosso. 1988.
- LADEFOGED, Peter. **A Course In Phonetics**. University of California, Los Angeles. Third Edition. 1993.
- LEWIS, David Maybury. **Akwe-shavante society**. New York: Oxford Univ.Press. 1974.
- McLEOD, Ruth & MITCHELL, Valerie. **Aspectos da Língua Xavante**. Brasília: SIL. 1978.
- McLEOD, Ruth A. *13 Xavante Texts in Inter-linear Format*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ.SIL. 1960.

- *Fonemas do Xavante*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ. 1961.
- *Fonemas Xavante*. **Série Lingüística** (3):131-152. 1974.
- *Xavante Clause and Sentence Structure*. **Série Lingüística**. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ.SIL. 1961.
- *Xavante Grammar*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ.SIL. 1960.
- *Macro Jê. Lista de vocabulário Xavante*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ.SIL. 1960
- *2 Xavante Texts*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ.SIL. 1960.
- MARTIN, Eusebia H. **Qué es la investigación lingüística**. Universidad de Buenos Aires. 1972.
- MITCHELL, Valerie. **Transcrição de Histórias na Língua Xavante**. SIL.1976.
- ROCA, Iggy. **Generative Phonology. Linguistic theory guides**. London: Routledge. 1995.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras. Para o conhecimento das Línguas Indígenas**. São Paulo: Loyola.1986.
- *Macro-Jê*. Em: Dixon, R.M.W. e A. Aikhenvald, **Amazonian Languages**. Cambridge University Press. 1999.

SALANOVA, Andrés Pablo. **A nasalidade em Kayapó e Apinayé: o limite do vozeamento soante**. Projeto de mestrado, IEL/UNICAMP/FAPESP.1998.

..... (Coord.). Flávia de Castro Alves, Luciana Dourado, Maria Amélia Reis Silva, Wellington Pedrosa Quintino, Wilmar R. D'Angelis. No prelo. **Tópicos de Fonologia das Línguas Jê**. Relatório da apresentação do GT no XLVII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo. 1999.

SILVA, Aracy Lopes da. **A temática indígena em sala de aula: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília, DF.MEC. 1995.

SPENCER, Andrew. **Phonology. Theory and description**. Oxford: Blackwell. 1996.

WETZELS, Leo. **Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ. 1995.

URBAN. Greg. **Native South American Discourse**. Edited by Joel Sherzer and Greg Urban (org.): Berlin: M. de Gruyter, 1986.

..... *A História da cultura brasileira segundo as línguas nativas*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. In Manuela Carneiro da Cunha (org.) **História dos índios no Brasil**. São Paulo: ed. Companhia das Letras. 87-102. 1992.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BURGESS, Eunice. *Duas análises da sílaba do Xavante*. **Línguas e Culturas Indígenas**, 96-102.1971

CLEMENTS, George N. *The Geometry of Phonological Features*. **Phonology Yearbook 2**. Cambridge/UK: Cambridge University Press, p.:225-252. 1985.

CLEMENTS, G.N. & HUME, Elizabeth V. *The internal organization of speech sounds*. In J. Goldsmith (org.) **The Handbook of Phonological Theory**. Cambridge, Mass.: Blackwell, p.245-306. 1995.

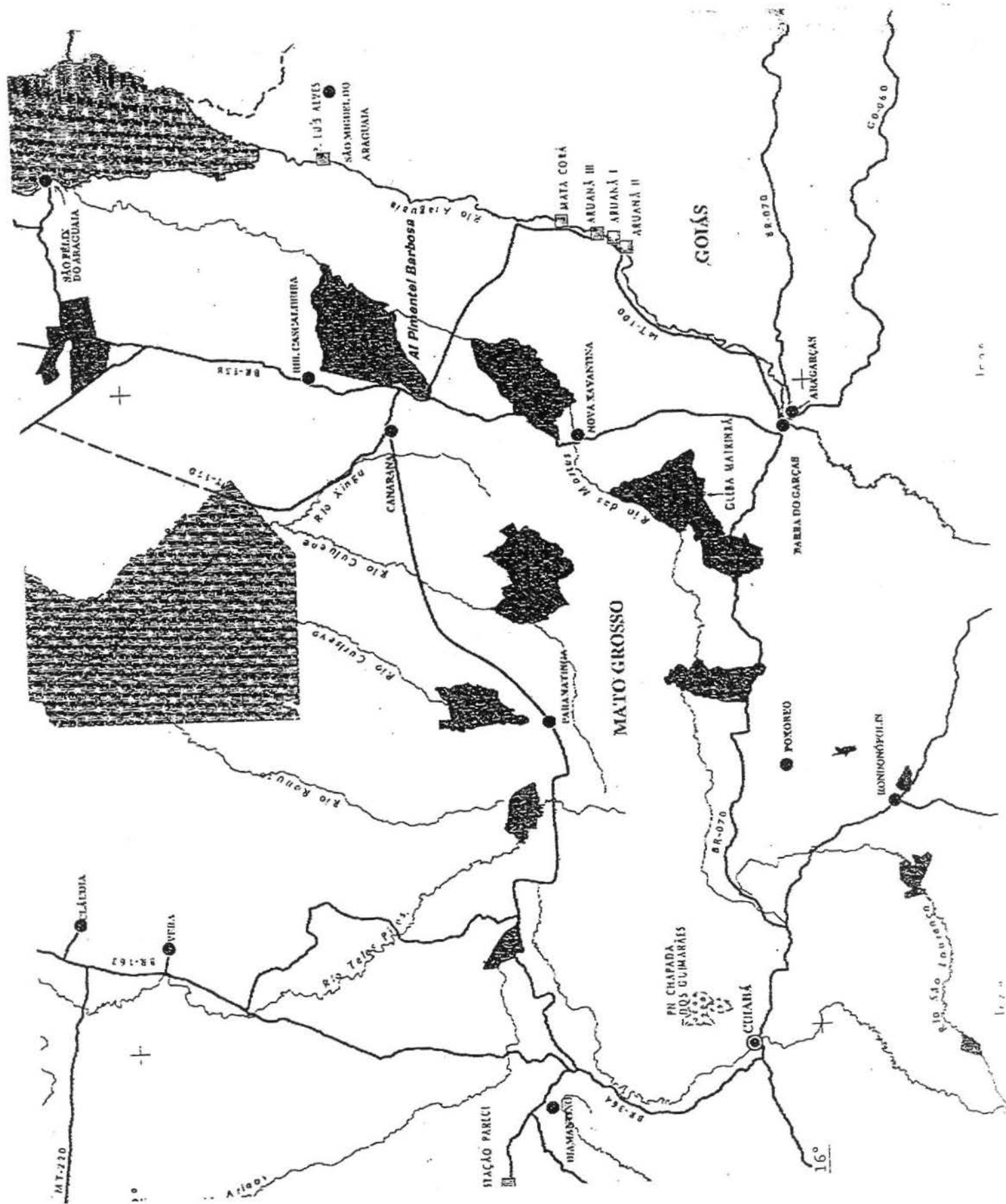
CLEMENTS, G.N. & KEYSER, S. Jay. **CV Phonology: a generative theory of the syllable**. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1983.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Trad. Maria C.P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1998.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *O modelo das geometrias de traços e as línguas do tronco Macro-Jê*. **Letras de Hoje**, 104:50-6. 1998

McLEOD, Ruth A. *Fonemas Xavante*. **Série Lingüística**. N° 3. 131-152.1974.

ANEXOS



ANEXOS

Transcrição fonética do Formulário dos Vocabulários Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas do Museu Nacional:

1. cabeça

[daʔrẽ]

2. a cabeça é redonda

[ʔi'rẽ#za'pɔdɔ]

3. cabelo

[da'zɛ:rɛ]

4. o cabelo é preto

[da'zɛ:rɛ#ʔi'rẽdɔ]

5. orelha

[da'pɔrɛ]

6. ele furou a orelha

[ʔɔʔyẽ#tipɔ're#mẽsa'puʔu]

7. olho

[da'tɔ]

8. o olho é bom

[da'tɔʔyẽ#ʔi'wẽ]

9. nariz

[daɲĩ'siʔrɛ]

10. o nariz está inchado

[si'sirɛ#du'pudi]

11. boca

[dazaj'ʔɔ]

12. língua

[daɲõ'tɔ]

13. a língua está na boca

[daɲõ'tɔʔyẽ#dazada'ware]

14. dente

[da'ŋwa]

15. cinco dentes

[ŋimrō'tōnē#da'ŋwa]

16. saliva

[dazadaj'pro]

17. pescoço

[da'budu]

18. o pescoço é comprido

[dabu'duŋē#ŋi'pa]

19. peito

[daŋō'ŋudu]

20. costas

[da'ba]

21. mão

[daŋīm'ŋrada]

22. ele está apertando a mão

[ŋō'reŋē#teŋi'ŋīmŋrata'wati]

23. perna

[ŋizada'supte]

24. ele está coçando a perna

[ŋō'reŋē#tijada'dupte#te'wari] - [ō'reŋē#tizada'dupte#te'wari]

25. joelho

[da'ŋirēti]

26. o joelho está mau

[ŋirēti#wase'tedi]

27. pé

[da'para]

28. ele está lavando os pés

[te'sipara# 'ʔupsõ]

29. coração

[da'siri]

30. o coração do jacaré

[ajʔəj're#siri]

31. fígado

[da'pa]

32. o fígado do macaco

[rɔʔɔ're#'siri]

33. barriga

[da'di]

34. tripas; intestinos

[daŋɐ'nẽʔru]

35. pele

[da'ʔə]

36. ele cortou a pele

['ʔõyã#ti'ʔə#mãsi'zə]

37. osso

[da'ʔi]

38. o osso é pesado

[da'ʔiʔẽ#ʔipi're]

39. sangue

[da'wapru]

40. o sangue é vermelho

[dawa'pruyã#ʔi'pre]

41. a. bicho

[ʔaba'ze]

b. bicho doméstico

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SERV. DE ACERVO
FÍSICO

[daɲimiʝa'mõ] ~ [daɲimĩza'mõ]

c réptil

[ʔapa'ʔuzɛ]

42. ele viu alguns bichos

[ʔaba'ze#mãmã'də]

43. jacaré

[ajɣəj're]

44. cachorro

[wap'sã]

45. ele bate no cachorro

[wap'sã#mã'ʔazə]

46. onça

['ɣu]

47. a onça está bebendo água

['ɣu#te'ʔə#ɣə're]

48. macaco

[ɾɔʔɔ're]

49. anta

[ʔu'ɣədə]

50. chifre

[ʔiyõmõ're]

51. dois chifres

[mãpara'ne#ʔĩ'ʔu]

52. rabo

['ʔibə]

53. o menino está puxando o rabo do macaco

[ʔaʔu'te#temẽnẽ'wayi#ɾɔʔɔ're#'bəɣẽ]

54. pássaro

[ˈsire]

55. os pássaros estão voando

[ˈsire#teˈwara]

56. papagaio

[wajˈɣərə]

57. garra, unha de bicho

[ʔabazeˈnipo]

58. as unhas do papagaio

[wajɣərəˈnipo]

59. asa

[sizaˈribi]

60. as asas são brancas

[sizariˈbiɣã#ʔiˈʔa]

61. pena, pluma

[ʔisiˈrobo]

62. esta pluma é pequena

[siɾoˈbo#ʔiˈsərə]

63. ovo

[ˈʔire sire]

64. ele está contando ovos

[ˈʔõɣã#tesirenãtemrõ] ~ [ˈʔõɣã#sire#nãtetemrõ]

65. peixe

[ˈtebe]

66. o peixe está nadando

[ˈtebe#teˈzəri]

67. cobra

[ˈwayi]

68. ele tem medo de cobra

[ʔõyã#tāmāpi'padi#wə'yiyã]

69. piolho

[da'pu] ~ [da'ʔu]

70. poucos piolhos

[siri'redi#da'ʔu]

71. verme

[ʔaʔu'te#janẽ'ɲẽpre]

minhoca

72. quatro vermes

[ʔaʔu'te#ianã'ɲãpre]

73. milho

[nõzə]

74. o milho é amarelo

[nõ'zəyã#ʔi'ʔuze]

75. mandioca

[ʔu'pa]

76. ele apanha a mandioca

[ʔõyã#u'pa#teza#sarõtõ]

77. fumo

[wari]

78. o fumo está aqui

[wari#ʔãyã'ta]

79. árvore

[wede]

80. a árvore está queimando

[wede#mati'zəta#za'ra]

81. pauzinho

[wede'yu]

82. o pau é grosso

[we'deyã#ĩwaza'ʔẽɛ]

83. capim, grama

['du]

84. o capim é verde

['duyã#ʔi'ʔuzɛ]

85. flor

[ʔisi'rārã]

86. esta flor

['ʔāyã#wesuj'rã]

87. a outra flor

['ʔõyã#wesuj'rã]

88. fruta

['rɔmrã]

89. a fruta está estragada

[rɔm'rāyã#wasetɛ'redi]

90. semente

[rɔb'zə]

91. muitas sementes

[rɔb'zəyã#a'yə#ʔuptab'di]

92. folha

[wesuj'rã]

93. a folha é fina

[wesuj'rāyã#supisitu'yidi]

94. raiz

[ʔi'sari]

95. três raízes

[subda'tõ#ʔisa'riyã]

96. casca

[ʔi'ʧə]

97. a casca é grossa

[wede'ʧəʧã#ʔi'ʧə'su]

98. céu

[ʧəj'wa]

99. sol

['bədə]

100. o sol é redondo

[bə'dəʧã#itō'mō#za'podo]

101. lua

[ʔaʔa'mō]

102. a lua é grande

[ʔaʔa'mōʧẽ#ʔisa'ʔẽne]

103. estrela

['wasi]

104. todas as estrelas

[ʔubu're#wa'siʧẽ]

105. dia

['bədə]

106. um dia

[bətəmi'sinẽ]

107. noite

[bara'nẽ]

108. a noite é curta

[mẽ'ra#ʧutu'di]

109. ano

[wa'ʧu]

110. nuvem

[ɣuni'dze]

111. a nuvem está no céu

[ɣuni'dzeɣẽ#ɣəjwa'nɛ]

112. chuva

['tɐ]

113. a chuva é fria

['tẽɣẽ#pinĩwayə'zɛdi]

114. nevoeiro (fumaça da terra)

[ɣunĩ'zɛ]

115. vento

[rɔ'waʔu]

116. o vento está soprando

[rɔwa'ʔu#terɔwa'põ]

117. neve

[tẽj'ʔare]

118. gelo

119. a água está gelada

['ʔəɣẽ#wayə'zɛdi]

120. rio

[ʔəwa'wẽ]

121. o rio é estreito (apertado)

[ʔəwa'wẽɣẽ#resuru'redi]

122. água

['ʔə]

123. a água está correndo

['ʔə#warate'tedi]

124. a folha está boiando na água

[wesuj'rẽyẽ#te'wara#'ʔə#ʔisi'wi]

125. lagoa

[ʔə'tõ]

126. a lagoa é longe

[ʔə'tõyẽ#rom'ɣədi]

127. mar

[ʔə#'pɔɾɛ]

128. terra

[ti'ʔa]

129. a terra é seca

[ti'ʔaj'rɛdi]

130. pó, poeira

[rom'ɲibzu]

131. tem muita poeira

[romɲib'zu#'ʔa'ɣədi]

132. areia

[su'para]

133. o mato

[mẽrẽ] ~ [mẽ:]

134. o outro está no mato

[ʔiʔamoʃʔu#mẽʔu]

135. monte, morro

[ʔeterej'rɐ] ~ [ʔetẽr'rẽ]

136. aquele monte

[ʔõyẽ#ʔeterej'rẽyɐ]

137. pedra

[ʔẽɳɛ]

138. ele está jogando pedras

[ʔōyẽ#ʔenetenã'si#a'ŋẽmrẽ]

139. caminho

[bə'dədi]

140. ele está andando no caminho

141. o caminho é amplo (largo)

[bədə'diyẽ#ʔisaʔẽɛ]

142. casa

[ʔri]

143. a casa é nova

[ʔriyẽ#ʔi'te]

144. a casa é velha

[ʔriyẽ#ʔirata're]

145. canoa

[ʔu'bare]

146. a canoa está cheia de areia

[ʔubare'remyã#supa'rayẽ#mẽsisi'di]

147. arco

[ʔumɲiʔẽ]

148. ele esfregou o arco

[ʔōyẽ#ma'ʔwaʔri#umɲi'ʔẽyẽ]

149. o arco é mau

[ʔumɲi'ẽyẽ#wasete'redi]

150. flecha

[ʔti]

151. a flecha é reta

[ʔtiyẽ#ʔi'rujʔō]

152. machado

[ʏətə'rã]

153. o machado está aí

[ʏətə'rãʏẽ#ẽʏẽ'ta]

154. a faca

[sib'ʔɛzɛ]

155. a faca está cega

[sib'ʔɛ'zɛʏẽ#wəʔõ'redi]

156. a faca está afiada

[sib'ʔɛ'zɛʏẽ#'wapsedi]

157. corda

[te'za#si'zə]

158. amarrado com corda

[ʔitawa'si#wedeŋõrõ'nẽ]

159. panela (de barro)

[zɛ'ʔanẽ#pi'za]

160. banha

[ʔu'ʏə#bəj'wa]

161. a panela cheia de banha

[pi'za#rem'ʏẽ#ʔu'ʏə#bəj'wa#mẽsisi'di]

[pi'za.ʏẽ#ʔu'ʏə#bəj'wayẽ#mẽsisi'di]

162. carne

[ʔabaze'nĩ]

163. sal

[saj'wari#ʏi'zɛ]

164. fogo

[ʔu'dzə]

165. ele está sentado perto do fogo

[rə'wi#te'ŋẽmrẽ#wiŋẽ'mẽrata]

166. ele está soprando o fogo

[tesa'põ#ʔu'zəyẽ]

167. fumaça

[ʔujʔẽmẽ'ni'dze]

168. fumaça na casa

['ri#'para#ʔujʔẽmẽ'ni'dze]

169. cinza

[ʔru'ʔa]

170. as cinzas são quentes

[ʔru'ʔayẽ#wə'rɔdi]

171. pessoa, gente

[ʔaʔũ'ʔẽ]

172. homem

[aj'bə]

173. mulher

[pi'ʔõ]

174. a criança

[ʔaʔu'tere]

menino

[watebre'mĩ]

menina

[ba'ʔõnõ]

175. a criança está vomitando

[ʔaʔu'teyẽ#tere'sõʔoʔo]

176. este menino está cantando

['ʔõyẽ#aʔu'teyẽ#tetiŋõ're]

177. aquele menino está ouvindo

[ʔõ'reyẽ#te'wapa]

178. marido

[ʔi'mrõ]

179. esposa

[ʔi'mrõ]

180. aquela mulher é esposa dele

['ʔõγẽ#pi'ʔõγẽ#ʔõγõ'mrõ]

181. pai

[ʔi'mẽmẽ]

182. mãe

[ʔi'nẽ]

183. nome

[ʔi'sisi]

184. eu

['wayẽ]

185. você

['ʔõγẽ]

186. ele

[ʔõ'reγẽ]

187. nós

[wanõ'ĩγẽ]

você e eu

[wanõrĩza'rayẽ]

vocês e eu

[ʔõnõrĩza'rayẽ]

eu e outro

[wanõ'ĩγẽ]

eu e outros

[du'rẽ#'wayẽ#õnõrĩza'rayẽ]

188. vocês

[ʔanõrĩzarawa'wayẽ]

189. eles

[ʔõnõ'fĩyẽ]

190. quem está ouvindo?

[ʔeni'wa#tewej'mõ]

191. quem está empurrando?

[ʔe'wa#tewesi'sisi]

192. como costuram vocês?

[ʔe'niya#te're#ʔi'romyɔj#babari#za'ʔra#waʔaba'mõ]

193. como se racha pau?

[ʔe'niya#temĩ#ʔiʔi'pɔ#zara#waʔaba'mõ]

194. quando vai caçar?

[ʔe'niwa#te'za#ʔaba#ʔaj'mõ]

195. quando vai ficar em pé?

[ʔe'niwa#teza#yɔj'wi#ʔa'sa]

196. onde está brincando as crianças?

[ʔenimõ'mõ#teʔaʔute'yẽ#tiptɔza'ra]

197. onde vai cavar?

[ʔemõ'mõ#te'za#ʔiʔa'mre]

198. o que é que ele sabe?

[ʔe'mẽrĩ#ʔaj'mẽ#ʔiwaj'yũʔupe]

199. o que é que está cheirando?

[ʔe'mẽrĩ#tewesadazej'pu]

200. ele está morrendo porque caiu

[ʔe'mẽriwa#tezaʔa'dərə#ʔe #wap'tẽ#ʔẽ'wa]

201. ele está molhado porque nadou

[ʔemẽrĩ'wa#ʔiwaj'yĩyẽ#zəribiwa]

202. ele ouvirá se cantasse

[ʔõyẽ#mẽ'waba#sõre'da#jẽ'reyẽ]

203. ele mataria o cachorro se o mordesse

[tesa'ri#wa'ʔəyẽ#teʔe're#tɪ'wɪ#wap'sẽyẽ]

204. não

[mẽ'redi]

205. ele não está rindo

[si'yə#ʔõ'di]

206. não é o pai dele

[ʔimẽ'mẽ#ʔõ'di]

207. outro

[ʔiʔa'mõ] [du're]

208. ele matou jacarés

[ʔajyəj're#mẽmẽj'wi]

ele matou antas

[ʔu'yədə#mẽmẽj'wi]

ele matou antas e jacarés

[ʔu'yədə#mẽmẽj'wi#du're#ajyəj're#mẽmẽj'wi]

209. ele come carne

[ʔõyẽ#ʔabaze'jɪ#tiʔi'si]

ele come sal

[sajwa'riɲize#teʔi'si]

ele come carne com sal

[ʔõ'reyẽ#ʔabaze'jɪyẽ#tejasimẽ'wari#sajwarɪɲizemnẽ] ~

[õ'reyẽ#tezasimẽ'wari#ʔabaze'jɪyẽ#sajwarɪɲizemnẽ]

210. ele anda com a mãe

[ʔõyẽ#te'ɲẽmrẽ]

211. está em casa

[ʔõyẽ#te'ɲẽmrẽ#teɲõ'waʔamõ]

vai à casa

[ʔõyẽ#teŋẽmrẽ#tezaʔamõ]

212. ele está na canoa

[ʔõyẽ#ʔubare're#te'ŋẽmrẽ]

213. um

[mi'si]

214. dois

[mẽpara'ne]

215. três

[siʔubda'tõ]

216. quatro

[mẽpara'nesiujwanõ]

217. cinco

[ĩ'mrõtõ]

218. nós contamos (enumerar)

[wanõrĩza'rayẽ#watemõmrõzara] -

[wanõrĩza'rayẽ#watemõ'mrõ]

219. ele está em pé

[ʔõyẽ#yəjwiteza]

220. ele está sentado

[ʔõyẽ#te'ŋẽmrẽ]

221. ele está deitado

[ʔõyẽ#te'nõmrõ]

222. ele dorme

[ʔõyẽ#te'ŋõnõ]

223. ele deitou-se para dormir

[mẽʔẽto'nõmrõ#satõ'da]

224. ele vê

[ʔõyẽ#temẽ'də]

225. ele ouve

[ʔõyẽ#te'waba]

226. nós (eu e você) sopramos

[wanõ'fĩyẽ#wapõrĩ,wi]

227. ele respira

[ʔõyẽ#tenẽ'sitereza,nĩ]

228. ele cheira

[ʔõyẽ#tesada'mĩ]

229. ele come

[ʔõyẽ#teʔĩ'si]

230. ele bebe

[ʔõyẽ#teʔiyə,siʔi'reyẽ]

231. ele chupa

[ʔõyẽ#teʔup'sõ]

232. ele está vomitando

[ʔõyẽ#te'ŋõ,rɔ,rɔ]

233. ele morde

[ʔõyẽ#ʔisisari'reyẽ]

234. ele está inchado

[ʔõyẽ#mẽtidu'pu]

235. ele sabe

[ʔõyẽ#tewaj'ɣupsedi]]

236. ele está pensando

[ʔõyẽ#terɔsa'rata]

237. ele pensa bem

[ʔõyẽ#terɔsa,rata'pesi]

238. ele tem medo

[ʔõyẽ#pa,ɣi'ti]

239. ele está falando

[¹ʔõyẽ#te'mrẽmẽ]

240. ele fala certo (não erradamente)

[¹ʔõyẽ#ʔisari'nẽ#te'tiŋẽ]

241. ele diz “não”

[¹ʔõyẽ#teti'ŋẽ#mẽ'renẽ]

242. ele está cantando

[¹ʔõyẽ#te'ti,ŋẽre]

243. ele está rindo

[¹ʔõyẽ#teʔaj'ɣə]

244. ele está esfregando

[¹ʔõyẽ#te'ʔure]

245. ele raspa, coça

[¹ʔõyẽ#te'wari]

246. ele aperta

[¹ʔõyẽ#teza'wati]

247. ele está furando

[¹ʔõyẽ#tesa'puʔu]

248. ele está limpando (com pano)

[¹õyẽ#pe'ʔuʔõ]

249. ele corta

[¹ʔõyẽ#te,si'zə]

250. ele está costurando

[¹ʔõyẽ#teyəjbaba'ri]

251. ele está amarrando

[¹ʔõyẽ#tewa'sisi]

252. ele está lavando

[¹ʔõyẽ#te'ɣəʔup,sõ]

253. ele está rachando
 ['ʔõyẽ#tezaaj'pɔʔɔ]
254. ele está cavando aqui
 ['ʔõyẽ#teʔa,mre'ẽmẽ]
255. ele está jogando (coisas)
 ['ʔõyẽ#tenẽsiʔa'ɲẽmrɐ]
256. ele está batendo (alguma coisa)
 ['ʔõyẽ#te'ʔazə]
257. ele dá
 ['ʔõyẽ#tezadamẽti'sõ]
258. ele está andando
 ['ʔõyẽ#te'mõ]
259. ele está dando volta
 ['ʔõyẽ#teteresa'ʔɔɔ]
260. eles estão ouvindo
 [ʔõnõ'rĩyẽ#teweajʔaba're]
261. ele está puxando
 ['ʔõyẽ#tenẽ,si'wanĩ]
262. ele está empurrando
 ['ʔõyẽ#tenẽ,sidaʔanĩ'sisi]
263. ele cai
 ['ʔõyẽ#mẽwap'tẽrẽ]
264. ele está brigando
 ['ʔõyẽ#tedaʔa'ɣəzara]
265. ele está brincando
 ['ʔõyẽ#te'tiptɔ]
266. ele está caçando
 ['ʔõyẽ#ʔaba#tere'mõ]

267. ele mata
 ['ʔõyẽ#tezati'wi]
268. ele está voando
 ['ʔõyẽ#te'wara]
269. o homem está nadando
 [aj'bə#te'zəri]
270. ele está vivo
 ['ʔõyẽ#yəjba're]
271. ele está morrendo
 ['ʔõyẽ#teza'dərə]
272. bom
 ['wēdi] [pese'di]
273. mau
 [wasetɛ'redi]
274. novo
 [ʔi'tɛ]
275. velho
 [ʔiɣi're]
276. estragada
 [wasetɛ'redi]
277. redondo
 [ʔi'to,mẽjʔẽ]
278. reto
 ['ʔawaʔa,wi]
279. frio
 ['yədi]
280. quente
 [wa'rɔdi]
281. amarelo

[ʔi'ʔuzɛ]

282. verde

[ʔi'ʔuzɛ]

283. vermelho

[ʔi'prɛ]

284. preto

[ʔi'rɛdɔ]

285. branco

[ʔi'ʔa]

286. sujo

[ʔuptɔbdi]

a água está suja

[ʔə#wasetɛ'di]

a panela está suja

[pi'zayɛ#re'ʔuptɔbdi]

287. molhado

[waj'ɣidi]

288. seco

[ʔrɛdi]

289. liso

[ʔu'rɛdi]

290. pesado

[pi'redi]

291. é certo (não errado)

[ʔisari'nɛ]

292. todos

[ʔubu'rɛ]

293. muito

[ʔa'ɣɔdi]

294. poucos
[siri'redi]
295. alguns
[ní'mẽyẽ]
296. espesso, grosso
[ʔisa'ʔẽnẽ]
297. fino
[siri'redi]
298. comprido
['pa:di]
299. curto
[ruʔtu'redi]
300. largo, amplo
['pa:di]
301. estreito, apertado
[resiri'redi] ~ [rɔbresiri'redi]
302. grande
[ʔisa'ʔẽnẽ] ~ [ʔiʃa'ʔẽnẽ]
303. pequeno
[siri'di]
304. aqui
['ʔẽmɛ]
305. aí
[ʔẽ'yẽta]
306. mão direita
[ʔipĩmi'ʔre]
307. mão esquerda
[ʔipĩmi'ʔe]
308. longe

[rɔm'ɣədi]

309. perto

[rɔmɣutu'di]

310. meu nariz

[ʔĩɲisi'ʔre]

teu nariz

[ʔasisi'ʔre]

seu nariz (dele)

[ʔõ'ɣõɲisi,ʔre]

nossos narizes (de mim e você)

[waɲisi'ʔre]

nossos narizes (de mim e outros)

[waɲisi'ʔreza,ʔra]

seus narizes (de vocês)

[ʔasisiʔrezaʔrawaʔwa]

seus narizes (deles)

[ʔõnõɾĩɲi'sireza,ra]

311. meu pé

[ʔi'para]

teu pé

[ʔaj'para]

seu pé (dele)

[ʔõɣõ'para]

nossos pés (de mim e você)

[wa'para]

nossos pés (de mim e outros)

[waparaza'ra]

seus pés (de vocês)

[ʔõnõɾĩparaza'ra]

seus pés (deles)

[ʔõnõĩparaza'ra]

312. a minha boca

['ĩzaj,ʔə]

sua boca (de você)

[ʔasaj'ʔə]

sua boca (dele)

[ʔõ'ʔõzaj,ʔə]

nossas bocas (de mim e você)

[wazaj'ʔə]

nossas bocas (de mim e outros)

[wazajʔəza'ra]

suas bocas (de vocês)

[ʔasajʔəzara'wawa]

suas bocas (deles)

[ʔõnõ'ĩzaj,ʔə]

313. minha mãe

['ĩnē]

sua mãe (de você)

['ʔanē]

sua mãe (dele)

['ʔõʔõnē]

nossas mães

['wanēza,ra]

sua mãe (de vocês)

[ʔa'nēzara,wawa]

sua mãe (deles)

[ʔõnõĩ'nēza,ra]

314. meu pai

[ʔi'mẽmẽ]

seu pai (de você)

[ʔaj'mẽmẽ]

seu pai (dele)

[ʔõγõ'mẽmẽ]

nossos pais

[wamẽmẽza'ra]

seu pai (de vocês)

[õnõĩmẽmẽza'ra]

seu pai (deles)

[ʔõnõĩmẽmẽza'ra]

315. meu peixe

[ʔi'teyẽ#'tebe]

seu peixe (de você)

[ʔa'teyẽ#'tebe]

seu peixe (dele)

[ʔõγõ'teyẽ#'tebe]

nosso peixe (de mim e você)

[wa'teyẽ#'tebe]

nosso peixe (de mim e outros)

[wateza'rayẽ#'tebe]

seu peixe (de vocês)

[ʔatezarawa'wayẽ#'tebe]

seu peixe (deles)

[ʔõnõĩ'teyẽ#'tebe]

316. minha casa

[ʔiŋõrõ'wa]

sua casa (de você)

[ʔasōrō,wa]

sua casa (dele)

[ʔōŷōŋōrō,wa]

nossa casa (de mim e vocês)

[ʔwaŋōrō,wa]

nossa casa (de mim e outros)

[waŋō'rōʔwaza,ʔra]

sua casa (de vocês)

[ʔatezarawa'wayēʔasōrō,wa]

sua casa (deles)

[ʔōnō'rīŋōrō,wa]

317. minha canoa

[ʔi'teyē#ʔu'bare]

sua canoa (de você)

[ʔa'teyē#ʔu'bare]

sua canoa (dele)

[ʔōŷē'teyē#ʔu'bare]

nossas canoas (de mim e você)

[wa'teyē#ʔu'bare]

nossas canoas (de mim e outros)

[wateza'rayē#ʔu'bare]

suas canoas (de vocês)

[ʔatezarawa'wayē#ʔu'bare]

suas canoas (deles)

[ʔōnōrī'teyē#ʔu'barezara]

318. meu arco

[ʔi'teyē#ʔumjī'ʔē]

seu arco (de você)

[ʔi'teyẽ#ʔumɲi'ʔẽ]

seu arco (dele)

[ʔõyõ'teyẽ#ʔumɲi'ʔẽ]

nossos arcos (de mim e você)

[wa'teyẽ#ʔumɲi'ʔẽ]

nossos arcos (de mim e outros)

[wateza'rayẽ#ʔumɲi'ʔẽ]

seus arcos (de vocês)

[ʔatezarawa'wayẽ#ʔumɲi'ʔẽ]

seus arcos (deles)

[ʔumɲi'ʔẽ#ʔiteza'ʔrayẽ]

319. eu sou grande

['wayẽ#ʔiza'ʔẽɛ]

você é grande

['ʔayẽ#ʔasa'ʔẽɛ]

ele é grande

['ʔõyẽ#ʔisa'ʔẽɛ]

nós (eu e você) somos grandes

[wanõ'rĩyẽ#ʔiwaza'ʔẽɛ]

nós (eu e outros) somos grandes

[wanõ'rĩza'rayẽ#ʔiwaza'ʔẽɛ]

vocês são grandes

[ʔanõ'rĩzarawa'wayẽ#ʔiʔasa'ʔẽɛ]

eles são grandes

[ʔõnõ'rĩyẽ#ʔisaʔẽ'tẽzara]

320. eu estou sujo

['wayẽ#ʔi'ʔuptɔb,di]

você está sujo

[ʔayẽ#ajʔuptɔb,di]

ele está sujo

[ʔõyẽ#ʔuptɔbdi]

nós (eu e você) estamos sujo

[wanõ'ɾĩyẽ#wəʔuptɔbdi]

nós (eu e outros) estamos sujos

[wanõriza'rayẽ#wəʔuptɔbdi]

vocês estão sujos

[ʔanõrizarawa'wayẽ#ʔajʔuptɔbdi]

eles estão sujos

[ʔõnõ'ɾĩyẽ#ʔuptɔbza'radi]

321. eu sou bom

[ʔwayẽ#ɾi'wēdi]

você é bom

[ʔayẽ#ʔaj'wēdi]

ele é bom

[ʔõyẽ#'wēdi]

nós (eu e você) somos bons

[wanõ'ɾĩyẽ#wə'wēdi]

nós (eu e outros) somos bons

[wanõriza'rayẽwa'wēdi]

vocês são bons

[ʔanõrizarawa'wayẽ#ʔaj'ɾiwẽ#zarawaʔaba'di]

eles são bons

[ʔõnõ'ɾĩyẽ#wēza'radi]

322. eu sou velho

[ʔwayẽ#ɾi'pɾedu]

você é velho

[ʔayẽ#ʔi'predu]

ele é velho

[ʔõyẽ#ʔi'predu]

nós (eu é você) somos velhos

[wanõ'riyẽ#ʔi'predu]

nós (eu e outros) somos velhos

[wanõriza'rayẽ#ʔiwa'predu]

vocês são velhos

[ʔanõrizarawa'ʔwayẽ#ʔi'predu]

eles são velhos

[ʔõnõ'riyẽ#ʔi'predu]

323. eu estou vermelho (com urucu)

[ʔwayẽ#ʔi'predi]

você está vermelho

[ʔayẽ#ʔaj'predi]

ele está vermelho

[ʔõyẽ#ʔi'predi]

nós (eu e você) estamos vermelhos

[wanõ'riyẽ#wa'predi]

nós (eu e outros) estamos vermelhos

[wanõriza'rayẽ#wa,preza'radi]

vocês estão vermelhos

[ʔanõrizarawa'wayẽ#ʔaj,prezara'waʔabadi]

eles estão vermelhos

[ʔõnõ'riyẽ#ʔi'pre]

324. eu lavo

[ʔwayẽ#waza'ʔupsõ]

você lava

[ʔayẽ#tezaʔiʔup'sõ]

ele lava

[ʔõyẽ#tezaʔup'sõ]

nós (eu e você) lavamos

[wanõ'riyẽ#waza'ʔupsõ,nĩ]

nós (eu e outros) lavamos

[wanõriza'rayẽ#wazaʔupsõja'raɲĩ]

vocês lavam

[ʔanõrizarawa'wayẽ#tezaʔiʔupsõjara'wawa]

eles lavam

[ʔõnõ'riyẽ#tezaʔupsõja'ra]

325. eu caço

[ʔwayẽ#teʔi'ʔaba]

você caça

[ʔayẽ#tezaʔi'ʔaba]

ele caça

[ʔõyẽ#teʔi'ʔaba'reyẽ]

nós (eu e você) caçamos

[wanõ'riyẽ#ʔabawazarewanẽm'nĩ]

nós (eu e outros) caçamos

[wanõriza'rayẽ#ʔabawazarewa'nõmrõ]

vocês caçam

[ʔanõrizarawa'wayẽ#ʔaba#tezareanõmrõʔabamõ]

[ʔanõrizarawa'wayẽ#tezaʔabareʔabarezarawaʔabamõ]

eles caçam

[ʔõnõ'riyẽ#ʔaba#tezare'nõmrõ]

326. eu caio

[ʔwayẽ#wawap'tẽrẽ]

você cai

[ʔayẽ#tezaʔajwap'tẽ]

ele cai

[ʔõyẽ#wawap'tẽrẽ]

nós (eu e você) caímos

[wanõ'rĩyẽ#wawawaptẽ'rẽ'nĩ]

nós (eu e outros) caímos

[wanõ'rĩza'rayẽ#wawawaptẽ'rẽza'rapĩ]

[wanõ'rĩyẽ#wawawaptẽ'rẽza'rapĩ]

vocês caem

[ʔanõ'rĩzarawa'wayẽ#tezaʔajrerezara'wawa]

eles caem

[ʔõnõ'rĩyẽ#tezawap'tẽrẽ]

327. eu tenho medo

[ʔwayẽ#ʔipay'i'ti]

você tem medo

[ʔayẽ#ʔajpay'i'ti]

ele tem medo

[ʔõyẽ#pay'i'ti]

nós (eu e você) temos medo

[wanõ'rĩyẽ#wapay'i'ti]

nós (eu e outros) temos medo

[wanõ'rĩza'rayẽ#wapay'i'ti]

vocês tem medo

[ʔanõ'rĩwa'wayẽ#ʔajpay'i'ti]

eles tem medo

[ʔõnõ'rĩyẽ#pay'i'ti]

328. eu puxo

[¹wayẽ#waza'wajĩ]

você puxa

[¹ʔayẽ#tezaʔi'wajĩ]

ele puxa

[¹ʔõyẽ#tezã'wajĩ]

nós (eu e você) puxamos

[wanõ'riyẽ#wazawanĩ'nĩ]

nós (eu e outros) puxamos

[wanõriza'rayẽ#wazawanĩzaranĩ]

vocês puxam

[ʔanõrizarawa'wayẽ#tezaʔiwanĩzara'wawa]

eles puxam

[ʔõnõ'riyẽ#tezawanĩzara]

329. eu estou em pé

[¹wayẽ#yəj,wiwa'za]

você está em pé

[¹ʔayẽ#yəj,witeʔa'sa]

ele está em pé

[¹ʔõyẽ#yəj,wite'za]

nós (eu e você) estamos em pé

[wanõ'riyẽ#yəj'wi#wəʔaj,mẽwara'nĩ]

nós (eu e outros) estamos em pé

[wanõriza'rayẽ#yəj'wi#wəʔajmẽ'samnĩ]

vocês estão em pé

[ʔanõriwa'wayẽ#yəj'wi#teʔajmẽwa'rawa]

eles estão em pé

[ʔõnõ'riyẽ#yəj'wi#teʔajmẽ'wa]

330. eu ando

[¹wayẽ#wa'zamõ]

você anda

[¹?ayẽ#te'za?ajmõ]

ele anda

[¹?õyẽ#te'zamõ]

nós (eu e você) andamos

[wanõ'rĩyẽ#wa'zawa,nemnĩ]

nós (eu e outros) andamos

[wanõ'rĩza'rayẽ#wazare#wa'nõmrõ]

vocês andam

[?anõ'rĩwa'wayẽ#te'zare#?anõ'mrõ#?aba'mõ]

eles andam

[?õnõ'rĩyẽ#te'zare#nõmrõ]

331. o cachorro mordeu a mim

[wap'sẽmẽ#¹?isa]

o cachorro mordeu a você

[wap'sẽmẽ#?a'sa]

o cachorro mordeu a ele

[wapsẽ'mẽ#¹tisa]

o cachorro mordeu à cobra

[wap'sẽ#¹wayimẽ#¹tisa]

o cachorro mordeu a nós (eu e você)

[wap'sẽmẽ#¹wasas]

o cachorro mordeu a nós (eu e outros)

[wap'sẽmõ#wasariza'ra]

o cachorro mordeu a vocês

[wap'sẽmẽ#?asarizara'wawa]

o cachorro mordeu a eles

[wap'sēmē#sariza'ra]

332. ele dá flechas a mim

['timē#ʔimētisō]

ele dá flechas a você

['ʔōyē#timē#ʔamēti'sō]

ele dá flechas ao outro

['ʔōyē#ti#te'ja#damēti'sō]

ele dá flechas a nós (a mim e você)

['ʔōyē#ti#teza#wamēti'sō]

ele dá flechas a nós (a mim e outros)

['wayē#mētiteza#sōmōriza'ra]

ele dá flechas a vocês

['ʔōyē#ti#te'za#sōmōriza'ra]

ele dá flechas a eles

['ʔōyē#ti#teza#tēmēsōmōriza'ra]

333. eu queimei o pau

['wayē#wede#wazata]

você queimou o pau

['ʔayē#wede#mēʔi'za]

ele queimou o pau

['ʔōyē#wede#mē'zata]

nós (eu e você) queimamos o pau

[wanō'rīyē#wede#wazata'nī]

nós (eu e outros) queimamos o pau

[wanōriza'rayē#wede#wazataza'ranī]

vocês queimaram o pau

[ʔanōrizarawa'wayē#wede#mēʔizatazara'wawa]

eles queimaram o pau

[ʔõnõ'ɾĩyẽ#wede#mẽzataza'ra]

334. eu bato em você

[wazaʔaj'ʔazə]

eu bato nele

[wazaʔaj'ʔazə]

eu bato em vocês

[wáyẽ#wazaʔajyəzarawawa]

eu bato neles

[waza'yəza,ɾare]

você bate em mim

[ʔayãtezaʔi'ʔazə]

você bate nele

[ʔayẽ#tezaʔi'ʔazə]

você bate em nós (em mim e em outros)

[ʔanõɾizarawa'wáyẽ#'waʔa,yəɾi]

você bate neles

[ʔayẽ#tezaʔiyəza'ra]

ele bate em mim

[ʔõyẽ#tezaʔi'ʔazə]

ele bate em você

[ʔõyẽ#tezaʔaj'ʔazə]

ele bate no outro

[ʔõyẽ#teza'ʔazə]

ele bate em nós (em mim e você)

[ʔõyẽ#tezawa'ʔayẽ]

ele bate em nós (em mim e em outros)

[ʔõyẽ#tezawayəza'ra]

ele bate em vocês

[ʔōyẽ#tezaʔajɣəzara'wawa]

ele bate nos outros

[ʔōyẽ#tezadaʔa'ɣəza,ʔra]

nós (eu e você) batemos nele

[wanō'riyẽ#wazayəza'ranĩ]

nós (eu e você) batemos neles

[wanōriza'rayẽ#wazayəzara'renĩ]

[wanō'riyẽ#wazayəzararenĩ]

nós (eu e outro) batemos em você

[wanōriza'rayẽ#wazaʔajɣəza'ra#ʔaba'nĩ]

nós (eu e outro) batemos nele

[wanōriza'rayẽ#wazayəza,ra'renĩ]

nós (eu e outro) batemos em vocês

[wanōriza'rayẽ#wazayəza,ra'renĩ]

nós (eu e outro) batemos neles

[wanōriza'rayẽ#waza'ɣəza,ʔranĩ]

vocês batem em mim

[ʔanōrizarawa'wayẽ#mẽʔẽ'pɛ#ʔasiwi'ʔiʔazəriʔaba]

vocês batem nele

[mẽʔẽ'pɛ#ʔanōrizarawa'wayẽ#ʔasiwiʔazəriʔaba]

vocês batem em nós (em mim e em outros)

[mẽʔẽ'pɛ#wə'ɣəzarawa#ʔa'ba]

vocês batem neles

[mẽʔẽ'pɛ#'ɣəzarawa#ʔa'ba]

eles batem em mim

[ʔōyẽ#tezaʔi'ʔazə]

eles batem em você

[ʔōnō'riyẽ#tezaʔaj'ʔazə]

eles batem no outro

[ʔōnō'fīyē#tezada'γəzara]

eles batem em nós (em mim e você)

[ʔōnō'fīyētezadaγəzara]

eles batem em nós (em mim e em outros)

eles batem em vocês

eles batem nos outros

335. eu me cortei

['wayē#wə'fīsisi,zə]

você se cortou

['ʔayē#mē'ʔasisi,zə]

ele se cortou

['ʔōyē#mēsisi'zə]

nós nos cortamos

[wanō'fīyē#wawasisiyəri'nī]

vocês se cortaram

[ʔanō'fīzarawa'wayē#ʔasisiyərizara'wawa]

eles se cortaram

[ʔōnō'fīyē#mēsi'siyərizəʔra]

336. eles brigaram (um com o outro)

[ʔōnō'fīyē#mēsiayərizayurɛ]

337. eles brincaram (um com outro)

[ʔōnō'fīyē#tetiɸtəzayurɛ]

338. eles bateram (um com outro)

[ʔōnō'fīyē#mēdaʔayəza'ʔra]

339. ele está matando o jacaré

[ʔõyẽ#teʔaj'ɣəjɾe#mẽ'pẽ]

ele vai matar o macaco

[ʔõyẽ#ɾoʔo're#te'za#tĩ'wĩ]

ele já matou a cobra

[ʔõyẽ#mẽtofi'wĩ#wa'ɣiyẽ] ~ [ʔõyẽ#'wayi#mẽtofi'wĩ]

ele sempre mata peixe

[ʔõyẽ#ʔõneʔuʔətitepepẽrĩ] ~ [ʔõyẽ#ʔõneʔu'ʔə#teʔitepe'pẽrĩ]

ele matava peixe (quando era menino)

[ʔõyẽ#watebremĩ'reyẽ#'tebe#teĩ'pẽrĩ]

o menino vai matar jacaré (quando for homem)

[ʔõyẽ#pre'duwamyẽ#ʔajɣəj're#tezatetemẽ'pẽrĩ]

ele não matou passarinho

[ʔõyẽ#'sire#tewi'rĩ#ʔõ'di]

ele não mata gente

[ʔõyẽ#ʔaʔwẽ#tepẽ'rĩ#ʔõ'di]

mate a cobra

[ʔwayi#'wiwĩ]

não mate, não

[wĩrĩ'tõ]

340. ele está dormindo

[te'ɲõnõ]

ele vai dormir (agora mesmo)

[teza'ɲõnõ]

ele vai dormir (amanhã)

[ʔõyẽ#teza'ɲõnõ#'awẽp,si]

ele dormiu (há pouco tempo)

[ʔõyẽ#ɲĩ'mõsi#mõɲõnõ]

ele dormiu (quando era menino)

['ʔõyẽ#mẽ,tə'ŋõnõ]

ele dorme (muito, sempre)

['ʔõyẽ#ʔisõtõ'reyẽ]

ele não dorme nunca

['ʔõyẽ#ʔisõtõ'ʔõ]

ele não dormiu hoje

['ʔõyẽ#ʔisõtõ'ʔõ'di#ʔẽyẽnẽyẽ]

durma!

[ʔa'sõtõ]

não durma, não!

[ʔasõtõ'tõ]

341. ele está comendo

['ʔõyẽ#te'tisa]

ele vai comer (agora mesmo)

['ʔõyẽ#teza'tisa]

ele vai comer (amanhã)

['ʔõyẽ#'ʔawẽpsi#teza'tisa]

ele comeu (há pouco tempo)

['ʔõyẽ#ni'mõsi#tezatisa]

ele comeu (quando era menino)

['ʔõyẽ#watebremĩ'reyẽ#mẽtə'tisa]

ele come (muito, sempre)

['ʔõyẽ#te'ʔimrẽ]

ele não come nunca

['ʔõyẽ#'jĩwamyẽ#'saj'õdi]

ele não comeu hoje

['ʔõyẽ#ʔẽyẽnẽyẽ#'saj'õdi]

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANT

coma!

[ʔa'sanẽ]

não coma, não!.

[ʔasa'tõ]